CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

AZOILDA LORETTO DA TRINDADE: O BAOBÁ DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Gisele Rose da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do certificado de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Rafael Mello Barbosa

Rio de Janeiro
Dezembro de 2020

AZOILDA LORETTO DA TRINDADE: O BAOBÁ DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestra em relações étnico-raciais.

Gisele Rose da Silva

Banca Examinadora:

RAFAEL MELLO BARBOSA:07954136701

Assinado de forma digital por RAFAEL MELLO BARBOSA:07954136701
Dados: 2021.03.01 10:29:01 -03'00'

Presidente, Professor Dr. Rafael Mello Barbosa (CEFET/RJ) (orientador)

Professor Dr. Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET/RJ)

Professora Drª Talita de Oliveira (CEFET/RJ)

Professor Dr. Renato Noguera dos Santos Júnior (UFRRJ)

Professora Drª. Joselina da Silva (UFRRJ)

Rio de Janeiro
Dezembro de 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S586 Silva, Gisele Rose da
Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros / Gisele Rose da Silva — 2020.
89f. + apêndice : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2020.
Bibliografia : f. 85-89
Orientador: Rafael Mello Barbosa

1. Trindade, Azoilda Loretto da, 1957 -2015 – Biografia. 2. Mulheres negras. 3. Negros - Educação - Brasil. 4. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. 5. Racismo - Brasil. I. Barbosa, Rafael Mello (Orient.). II. Título.

CDD 920.72

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia ser concluída sem o precioso apoio de várias pessoas. Abro os caminhos desta travessia de gratidão e respeito agradecendo a Azoilda Loretto da Trindade. Essa filha de Oxum, que é minha fonte de inspiração, conselheira e amiga. Sem sua luz, força e axé estes escritos não existiriam. Minha companheira ancestral que me guiou até aqui e me mostrou, por meio de seus escritos, que o afeto é a chave que irá abrir as portas rumo à uma sociedade livre do racismo.

Agradeço a meus pais, Maria Vanda Rosa da Silva e José Luiz da Silva (*in memorian*), por terem me dado a vida e por nunca desistirem de mim. Carrego deles virtudes, defeitos, traços físicos, mas, principalmente, todos os ensinamentos que me foram passados e que constituem minha existência.

Kaô Kabecile, meu pai Xangô, obrigada por me acompanhar desde que meu espírito foi soprado nesta existência e, mesmo quando as atribulações cotidianas me faziam bambear, eu lembrava que filha do Rei Xangô não cai.

Minha orientadora espiritual, Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, que informou minha aprovação neste programa antes mesmo do resultado ser divulgado e, desde então, não me abandonou. Mesmo brigando e reclamando (com alguns poucos elogios), atravessou comigo este mar de fogo. Salve Dona Mulambo!

Agradeço a todo povo das almas que, nesta existência e em tantas outras, seguem me protegendo, guardando, cuidando e guiando meus caminhos.

A meu orientador, Rafael Mello Barbosa, que foi meu colega da turma de graduação em filosofia na UFRJ e que tive o prazer de reencontrar neste programa. Agradeço por sua leveza e empenho ao desbravar comigo os tantos caminhos que os estudos sobre Azoilda foram nos mostrando ao longo desse período.

A todos e todas as professoras e professores que tive o prazer de conhecer e assistir aulas neste programa e que me ajudaram, cada um à sua maneira, a escrever esta dissertação. Em especial ao professor Roberto Borges, um leonino clássico, que me conquistou com seu jeito cativante e incentivador e que, desde o primeiro dia dentro desta instituição, me tomou pela mão e não largou, aceitando, inclusive, participar desta banca.

A professora Talita de Oliveira pelos ensinamentos ministrados em sala de aula que contribuíram muito para a execução desses escritos, e por aceitar participar desta banca.

A rainha maga, Janete dos Santos Ribeiro, que me acolheu com muito amor e, com maestria, me orientou nestes escritos. Por todas as pessoas que, por intermédio dela, chegaram e, também, deixaram suas contribuições, pelos incentivos, conversas, histórias, casos e muito afeto.

A todas as rainhas magas que me acolheram com tanto carinho e me incentivaram nesse processo e que me mostram, sempre, que somos muito mais felizes quando caminhamos juntas.

Ao professor Amauri Mendes, um acervo vivo da história do nosso povo, que me acolheu, e "suleou" minha trajetória com informações e emoções. Um mestre que tenho o máximo respeito, carinho e admiração.

A Giovana Xavier, minha amiga dos tempos de curso pré-vestibular e movimento estudantil da UFRJ, na época em que éramos estudantes do IFCS. A quem eu agradeço imensamente por ter proporcionado meu encontro com Azoilda.

Ao professor Renato Noguera por ter aceitado participar desta banca e por suas contribuições tão emocionantes, incentivadoras e acolhedoras na minha qualificação.

A professora Joselina Silva, que me acolheu e se tornou um grande referencial para minha construção enquanto mulher negra. Obrigada por seus ensinamentos, pelas imersões e construções de pensamento.

A Maria Correa e Castro que, gentilmente, me recebeu no Canal Futura, abrindo as portas para o meu entendimento de uma outra Azoilda Loretto da Trindade, por suas ações e vasto material desenvolvido dentro da instituição.

A Ana Paula Brandão, que me mostrou uma Azoilda da qual eu não conhecia. Pelos dados que foram disponibilizados, pelas informações concedidas, pela entrevista que consta neste trabalho, mas, principalmente, por todo afeto e incentivo nesta caminhada.

A minha amiga/parceira/sócia, que conheci neste programa de mestrado Gisele Caroline dos Santos Monteiro, que comigo partilhou dos bons e maus momentos desta jornada, sempre incentivando, criticando e apoiando, quem me mostrou na prática que a máxima do "nós por nós" pode ser de fato vivida de forma plena.

Ao Professor Luiz Fernandes de Oliveira (UFRRJ), que gentilmente cedeu fotos, relatos, afetos e vivências sobre Azo. Aquele que irei sempre lembrar por ter me recebido para apresentar minha pesquisa para suas alunas e, no início da minha fala, as suas lágrimas me convenceram de que eu estava no caminho certo. Obrigada pela colaboração e incentivo na elaboração desse escrito.

A Juliana Nascimento da Silva Avelino, minha amiga e companheira nas lutas contra o racismo, que de forma eficaz e afetuosa fez a transcrição das entrevistas que constam nesta dissertação e se tornou uma apaixonada pela vida e obras de Azoilda.

Ao meu amigo Bruno de Souza Alves, um profissional de excelência que me fez transbordar de alegria e emoção ao criar a Mandala do Baobá, que apresenta a afetividade como valor civilizatório afro-brasileiro.

Ao meu colega de turma Allan Silva Gomes (*in memoriam*), que nos deixou muito precocemente e que, infelizmente, não concluirá esta travessia conosco. Que Omolu o guarde em bom lugar e que nos dê força e alento para suportar a falta de sua existência.

A todas as minhas amigas e amigos que entenderam as minhas ausências e crises, que me incentivaram de todas as formas possíveis e imagináveis, sempre com muito afeto e carinho, a fechar este ciclo...

Ressalto também que a presente dissertação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 00, que viabilizou e colaborou com o bom andamento de todo o trabalho de pesquisa.

A CANOA

Em um largo rio, de difícil travessia, havia um barqueiro que atravessava as pessoas de um lado para o outro.

Em uma das viagens, iam um advogado e uma professora.

Como quem gosta de falar muito, o advogado pergunta ao barqueiro

Companheiro, você entende de leis?

Não. - Responde o barqueiro.

E o advogado compadecido: É pena, você perdeu metade da vida!

A professora muito social entra na conversa:

Sr. barqueiro, você sabe ler e escrever?

Também não. - Responde o remador.

Que pena! - Condói-se a mestra - Você perdeu metade da vida!

Nisso chega uma onda bastante forte e vira o barco.

O canoeiro preocupado pergunta:

Vocês sabem nadar?

Não! - Responderam eles rapidamente.

Então é uma pena - Conclui o barqueiro - Vocês perderam toda a vida!

MORAL DA HISTÓRIA:

“NÃO HÁ SABER MAIOR OU MENOR”.

“HÁ SABERES DIFERENTES”.

- Pense nisso e valorize todas as pessoas com as quais tenha contato –

CADA UMA DELAS TEM ALGO DE DIFERENTE A NOS ENSINAR.

Paulo Freire

RESUMO

Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros

O presente trabalho propõe construir uma biografia filosófica da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade discutindo variados aspectos de sua trajetória. Para realizar a pesquisa, refletimos sobre as condições de sua relativa invisibilidade como membro efetiva da história do movimento negro, ressaltando e enfatizando seu legado e sua importância para a luta antirracista. Trilhamos, por meio das estações, reflexões epistemológicas, que discorrem sobre os momentos emblemáticos da nossa história, em paralelo com a história de Azoilda, passando pelos períodos que antecedem, implementam e propagam a lei número 10.639 de 2003. A partir da compilação dos valores civilizatórios afro-brasileiros e sua importância para a formação de identidades negras, e a perspectiva de uma educação antirracista no cotidiano escolar, estudamos aspectos referentes à luta por melhores condições de ensino voltadas para a diversidade, demonstrando e utilizando os variados tipos de saberes na luta antirracista dentro dos movimentos sociais e nos espaços acadêmicos e de ensino.

Palavras-chave: Azoilda Loretto da Trindade; Valores civilizatórios afro-brasileiros; Existencialismo; Lei 10.639/03.

ABSTRACT

Azoilda Loretto da Trindade: the baobab of Afro-Brazilian civilizing values

The present work proposes to build a philosophical biography of the black intellectual Azoilda Loretto da Trindade discussing various aspects of her trajectory. To carry out the research, we reflected on the conditions of relative invisibility of it as an effective member of the history of the black movement, emphasizing and emphasizing its legacy and its importance for the anti-racist struggle. We track, through the seasons, epistemological reflections, which discuss the emblematic moments of our history, in parallel with the story of Azoilda, going through the periods that precede, implement and propagate the law number 10,639 of 2003. From the compilation of the values Afro-Brazilian civilizations and their importance for the formation of black identities, and the perspective of an anti-racist education in school daily life, we studied aspects related to the struggle for better teaching conditions focused on diversity, demonstrating and using the various types of knowledge in the struggle anti-racist within social movements and in academic and teaching spaces.

Keywords: Azoilda Loretto da Trindade; Affectivity; Existentialism; Law 10.639 / 03.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 –	Retrato 01 de Azoilda Loretto da Trindade	p. 11
Figura 2 –	Retrato 02 de Azoilda Loretto da Trindade	p. 21
Figura 3 –	Retrato 03 de Azoilda Loretto da Trindade	p. 40
Figura 4 –	Valores civilizatórios afro-brasileiros	p. 48
Figura 5 –	Baobá Azoilda Loretto da Trindade	p. 54
Figura 6 –	Retrato 04 de Azoilda Loretto da Trindade	p. 62
Figura 7 –	Seminário Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasiliros	p. 76
Figura 8 –	Seminário a cor da cultura	p. 79
Figura 9 –	Retrato 05 de Azoilda Loretto da Trindade	p. 84

SUMÁRIO

EMBARQUE 12

ROTEIRO DE VIAGEM 16

1 Fundamentação metodológica 16

2 Contexto da pesquisa 17

3 Métodos da pesquisa de campo 18

4 Roteiro para elaboração de entrevista 18

5 Gravação, transcrição e geração de dados 19

ESTAÇÃO 1 AZOILDA LORETTO DA TRINDADE: UMA EXISTÊNCIA REPLETA DE AFETIVIDADE 22

Uma intelectual dos afetos 22

1.1 Na luta que a gente se encontra 25

1.2 Azoilda Loretto e a lei 10.639/2003 36

ESTAÇÃO 2 CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA 41

2.1 Racismo estrutural 41

2.2 Educação antirracista 44

2.3 Valores civilizatórios afro-brasileiros 48

2.4 Afetividade como valor civilizatório afro-brasileiro 53

2.5 O cotidiano escolar 57

ESTAÇÃO 3 HUMANISMO, EXISTENCIALISMO E IDENTIDADES NEGRAS 63

3.1 Existencialismo e o ato de existir 63

3.2 Identidades 65

3.3 Humanismo e Identidades Negras 69

A PRÁTICA NA PRÁTICA 75

DESEMBARQUE 82

COMBUSTÍVEL 85

APÊNDICES 90

ANEXOS 122



Figura 1 – Retrato 01 de Azoillda Loretto da Trindade

Fonte: Acervo Canal Futura – Projeto A cor da Cultura.

Negritar Azoilda tem sido o que fazemos nas giras da Zó, coletivo de mulheres negras, amigas de diversas fases de sua vida, mobilizadoras da tríade: Escola Básica x Academia x Ativismo, onde a reflexão sobre o que podemos fazer para celebrar sua memória, visibilizando práticas curriculares cultivadas a partir das sementes do baobá-Zó, com o intuito de fortalecer laços e promover a PEDAGOGIA DO SER OU PEDAGOGIA BRASILIS, proposta de ação no mundo a ser resgatada e vivenciada por quem acredita na mudança coletiva, pois que pensada e articulada na multiplicação de agentes promotores da igualdade.

Janete Santos Ribeiro

EMBARQUE

Se a vida é mudança, transformação, metamorfose, como explicam "as verdades"? Talvez, uma tentativa inglória de assentar a poeira, de controlar o incontrolável, como uma espécie de dissonância entre narrativas do visto, sentido e vivido, nos instituímos rotulando, etiquetando, normatizando, regulando, legalizando tentando, como disse, talvez, controla a força instituinte da vida.
Azoilda Loretto da Trindade

Gostaria de iniciar esta travessia mostrando que esta dissertação aborda a vida e a obra da intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015), no intuito de propor uma biografia filosófica. Ao falar de sua trajetória, busquei fontes que permitissem retratar essa mulher visceral, que acreditava na mudança e na transformação.

Construí uma memória possível desta intelectual visceral, inserindo livros, fontes, entrevistas, fotos e homenagens. Entrevistei e conversei com seus amigos e amigas, partilhando saberes e compreendendo que essa escrita, por mais que fosse minha, não poderia ser solitária. Este texto deveria ter o toque e a contribuição de muitas mãos.

O desenrolar desta pesquisa foi se tornando muito mais do que um trabalho biográfico. Discorri, também, sobre uma série de mecanismos que produzem e reforçam o apagamento de intelectuais negras em alguns espaços acadêmicos e de militância.

Azoilda pensou teorias e práticas que contribuíram para a construção de uma educação antirracista e para o estudo das relações étnico-raciais. Compreendendo a existência do racismo em nossa sociedade, e a importância de pensar e aplicar uma educação antirracista, buscando apreender a necessidade de construção de ambientes que sejam solidários, acolhedores e que proporcionem uma educação pautada na diversidade.

A mulher negra que me afeta e me faz pensar e repensar sobre meu ativismo, minha intelectualidade e, principalmente, o meu papel de educadora é aquela que será apresentada nesta dissertação. É a Azo educadora, intelectual e militante de grande importância para a discussão sobre as questões étnico-raciais no Brasil que irá abrir os caminhos desta travessia.

Como educadora, Azoilda teve sua vida voltada para pensar ações que contribuíssem para um cotidiano escolar que abraçasse todas as singularidades, dentro da perspectiva de uma educação antirracista. Como intelectual, elaborou

projetos, textos e livros e, como militante, atuou fazendo parte da história do movimento negro.

Ressalto que, nesta dissertação, a intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade, é apresentada sob a ótica de alguns aspectos de sua vida púbica, mas, diante de sua existência multifacetada, não serão feitas interlocuções com certas nuances de sua vida privada.

Dentro da perspectiva de uma intelectual negra conhecida e reconhecida publicamente, pretendo aqui mostrar como o décimo primeiro valor civilizatório afro-brasileiro, a afetividade, contribui e permeia todas as relações que perpassam nossos corpos.

Ao ser questionada pelo professor Amauri Mendes sobre como cheguei aos escritos e obras de Azo, respondi que sua trajetória dentro e fora dos espaços acadêmicos, nas instituições de ensino e nos movimentos sociais, me fizeram perceber sua importância e, principalmente, o seu legado na luta por uma educação antirracista.

Pensando sobre o legado de Azo e todos os embates que ainda existem quando o assunto são as relações étnico-raciais, aqui se faz presente o grande desafio de mostrar como os estudos de vida e obra desta intelectual negra visceral, ainda estão presentes, pujantes e atuais.

Iniciando esta trajetória, resgatei o termo “estação”, utilizado por Azoilda em sua dissertação de mestrado intitulada O *Racismo no Cotidiano Escolar*, defendida na Fundação Getúlio Vargas, pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação do Departamento de Psicologia da Educação, em 1994, para designar os capítulos desta dissertação. Desta forma, além de fazer uma homenagem, ressalto sua metodologia de escrita.

Na Estação 1, intitulada **Azoilda Loretto da Trindade: uma existência repleta de afetividade,** iniciamos o caminho rumo ao entendimento sobre quem foi Azoilda Loretto da Trindade, seu legado e sua importância na busca de uma educação antirracista nas instituições de ensino, nos movimentos socais e nos espaços acadêmicos.

A Estação 2, que recebe o título de **Caminhos para uma educação antirracista,** mostra como o racismo estrutural interfere nas práticas educacionais, enfatizando assim, a necessidade de reforçar a discussão sobre uma educação antirracista que esteja presente e pujante no cotidiano escolar, mostrando os valores civilizatórios afro-brasileiros como uma proposta de mudança.

Caminhando um pouco mais, na Estação 3, que recebe o título de **Humanismo, existencialismo e identidades negras,** o foco central será a discussão sobre o conceito de existencialismo e sua importância para a construção de identidades, ressaltando o humanismo na construção de identidades negras e finalizando com a prática existencial do cotidiano escolar e o ser negro.

A **prática na prática** apresenta duas atividades complementares que foram propostas com base na trajetória percorrida nesta dissertação. O seminário *Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasileiros* e o seminário *A cor da Cultura – Educação e Relações Raciais* possuem, como eixo fundamental, fomentar e forjar estratégias que propiciem uma discussão sobre educação antirracista.

A travessia feita nesta dissertação estaciona no **desembarque**, compreendendo que a trajetória e as vicissitudes da existência de Azoilda Loretto da Trindade, diante de sua importância para a construção de uma educação antirracista, não podem ser vistas somente por meio deste trabalho.

As referências bibliográficas são o **combustível** e ocupam um lugar diferenciado nesta dissertação pois, além de mostrar as referências utilizadas nesta pesquisa, também contém escritos importantes de Azoilda Loretto da Trindade.

A justificativa histórica para a escrita desta dissertação se dá pela constatação da precariedade dos trabalhos sobre Azoilda Loretto da Trindade, estudos sobre como suas ações e escritos reverberam ainda hoje em nossa sociedade, mas, principalmente, no fato de dar visibilidade a sua intelectualidade.

Ressalto que este trabalho se propõe a pensar uma educação que valorize os sujeitos e priorize a diversidade de saberes e vivências, identificando os agentes que atuam dentro de um sistema educacional e que, nos dias de hoje, ainda sofrem com o racismo estrutural, ressaltando que esta é uma busca constante daqueles que se propõem a serem antirracistas.

A dificuldade de escrever esta dissertação passou por vários momentos, que merecem ser registrados. Como um cenário político que, mais uma vez, quer invisibilizar as discussões sobre relações étnico-raciais, onde vivenciamos um momento difícil para dialogar sobre o racismo estrutural que perpassa o espaço escolar, reforçando estereótipos e estigmatizando sujeitos.

Nesse contexto, é importante sinalizar minha dificuldade para criar uma escrita filosófica, que fizesse um diálogo com as relações étnico-raciais. Dentro desta perspectiva, a escolha do meu orientador, Rafael Mello, veio para juntar esses espaços que minha existência transita, para tentar, enfim, unir esses conceitos,

proporcionando um diálogo entre autoras e autores de diferentes momentos históricos, com distintas perspectivas e realidades sociais. Uma escrita filosófica que tivesse como ponto principal um olhar voltado para a construção de identidades negras fugindo de um padrão eurocêntrico vigente.

Nesse sentido é que, acompanhando o caminhar desta pesquisa, peço licença à Azoilda Loretto da Trindade para que possa apresentar esta dissertação.

ROTEIRO DE VIAGEM

1 Fundamentação metodológica

O presente trabalho visa a realização de uma biografia filosófica (KOHAN, 2019) utilizando o como base o pensamento e as ações da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade.

Para pensar um projeto que visa elaborar uma biografia filosófica é necessário compreender que, no que se refere ao contexto, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente (SCHMIDT, 1997).

A proposta inicial tem como objetivo uma interlocução entre as publicações de Azoilda, explicitando suas contribuições sobre os temas propostos (lei 10.639/03, educação antirracista, valores civilizatórios afro-brasileiros entre outros), articulando com os escritos de outros autores que dissertam sobre a temática étnico-racial (SANTOS e CANDELORO, 2006), ressaltando a necessidade de uma revisão bibliográfica de conteúdos diversos, que já foram publicados sobre os temas citados.

Vale ressaltar que para compor esta dissertação foram utilizados textos de Azoilda que são de domínio público, entendendo a necessidade de dar visibilidade a seus escritos. Dito isto, fica latente a importância da revisão bibliográfica de seus textos como base para uma sistematização de referências que poderão ser utilizadas por outros pesquisadores posteriormente.

Dito isto, percebemos a necessidade de propor uma biográfica filosófica de Azoilda, no intuito de possibilitar a visibilidade de suas ações, articulando seus pensamentos com as mudanças ocorridas ao longo dos tempos na temática das relações étnico-raciais, pois:

> Esta volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista que orientou uma porção significativa da historiografia a partir dos anos 1960. De acordo com este estruturalismo, a história deveria, "antes de mais nada (...) identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso (SCHIMIDT, 1997, pág. 5).

Na construção deste projeto biográfico foi preciso identificar estruturas para propiciar a interlocução de saberes de forma atemporal, concedendo uma discussão sobre as relações étnico-raciais e educação antirracista que permeiam os conceitos de existencialismo, afetividade e identidades negras, sendo assim:

> Os métodos biográficos podem ser considerados o território mais amplo onde se inscrevem os diversos recursos e abordagens para a análise de auto-relatos e de trajetórias de vida. A contribuição de uma abordagem hermenêutica a partir de Gadamer e Paul Ricouer reitera a fronteira entre sujeito e história como o ambiente epistêmico por excelência da pesquisa biográfica e rompe com uma possível orientação realista. Ao tomar os relatos biográficos como modalidades narrativas, estes deixam de ser produções individuais e factuais e evidenciam a interpenetração entre sujeito e história bem como entre os acontecimentos e sua reconfiguração na tessitura de vidas narradas. Nessa perspectiva, o universo comum que engloba um campo de práticas e discursos, como o ambiental, por exemplo, também pode ser visto, ele mesmo, como uma grande narrativa que engloba e torna plausíveis as narrativas individuais (CARVALHO, 2003, pág. 293).

Seguindo de acordo com esta perspectiva de natureza interpretativa/qualitativa esta dissertação terá como base uma entrevista com os seguintes convidados/convidadas: Amauri Pereira Mendes (UFRRJ), Giovana Xavier da Conceição Nascimento (UFRJ), Janete Santos Ribeiro (Faetec/ETEAB- Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch) e Ana Paula Brandão (Diretora de Produção e Mobilização do Canal Futura) e ressalto que:

> No âmbito da pesquisa de natureza interpretativa/qualitativa, é importante considerar que o pesquisador está localizado no mundo social da mesma forma que aqueles que lhe fornecem seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, encontrando-se integrado no ambiente de pesquisa. Ele busca conferir inteligibilidade às práticas discursivas através de ferramentas teóricas que o auxiliam na prática interpretativa (SANTOS, 2013, pág. 28).

Os entrevistados/entrevistadas foram escolhidos para participar deste estudo por serem amigos de Azoilda em tempos diferentes, mas principalmente por terem acompanhado sua trajetória de perto em diversos espaços e, em função disto, podem enriquecer com dados e informações esta pesquisa.

2 Contexto da pesquisa

As narrativas que serão apresentadas nesta dissertação irão recapitular as experiências passadas e se caracterizarão pelo uso de estrutura organizada em uma sequência temporal, por ter um ponto e por ser contável (SANTOS, 2013), pois:

> Na pesquisa interpretativista, há forte tendência em se trabalhar com entrevistas não estruturadas, ou seja, que não sigam um roteiro

> preelaborado, rígido, e que não são sejam conduzidas pelo entrevistador de forma a levar o entrevistado a elaborar uma resposta que venha ao encontro de uma suposição teórica prévia (SANTOS, 2013, pág. 25).

Ao pensar sobre o contexto da pesquisa, é necessário compreender a posição do pesquisador/observador, pois esta ação se dá de fora, diferenciada e deve atender a alguns critérios de observação, avaliação e análise. Para a confecção e análise destas entrevistas será preciso indicar a observação sistemática de elementos que compõem uma interação, tais como: os participantes, os objetivos interacionais, os instrumentos e normas envolvidos na interação (LADEIRA, 2007).

3 Métodos de pesquisa de campo

Neste sentido, esta pesquisa de campo compreende quatro procedimentos:

1. Revisão biográfica e bibliográfica, propiciando a organização de todo material teórico necessário para a execução da biografia filosófica;
2. Entrevista com os (as) convidados (as) previamente selecionados (as) para participar deste processo;
3. Propor atividades complementares que dialoguem com o percurso desta dissertação;
4. Coleta e análise de dados com base nas experiências e no roteiro das entrevistas.

4 Roteiro para elaboração de entrevistas

A escolha pela utilização de entrevistas se dá pelo fato de trabalhar com a real possibilidade de participação com os convidados, utilizando a gravação de áudio e a transcrição de dados como base para formulação deste trabalho. Com base na articulação com os estudos identitários, é possível observar como narradores e personagens narrados são discursivamente construídos através do uso de noções como posicionamento, agência, alinhamentos, entre outras (BASTOS e BIAR, 2015).

O roteiro para elaboração das entrevistas foi pensando de acordo com o arcabouço teórico previamente pesquisado e, considerando que os entrevistados foram amigos em tempos e contextos diferentes, ressaltamos que:

> Ao se discorrer sobre qualquer aspecto teórico no âmbito da pesquisa interpretativista, é importante ter em mente que o papel da teoria nesse tipo de estudo é o de fornecer um instrumental através do qual

> se possa criar sentido a respeito da ação social pesquisada (SANTOS, 2013, pág. 21).

Focar nas características do discurso que podem ser passadas para o papel através da escrita têm sido enfocadas já de longa data tornando-se importante para a construção deste projeto, ressaltando todas as informações que merecem receber cada vez mais atenção e que o questionário foi pensado, para ser o instrumento de coleta de dados e informações (GOFFMAN, 2002).

5 Gravação, transcrição e geração de dados

No primeiro momento das entrevistas será necessária a utilização de gravadores para armazenar as questões previamente elaboradas, ressaltando a importância de compreender que cada convidado terá também a liberdade de expressar informações que considerem relevantes para execução deste projeto.

Ao empregarmos o termo “geração” de dados, entendemos que a vida social que nos interessa compreender é em si evanescente e que não pode ser captada integralmente por nenhum aparelho ou método de gravação (GARCEZ; BULLA; LORDER, 2014) e vale lembrar que:

> Nas últimas décadas, nas ciências humanas e sociais, com a chamada virada discursiva, tem crescido o interesse pelo estudo de narrativas que emergem de contextos espontâneos, institucionais e de pesquisa. Nesta abordagem destacaremos a chamada história oral, que privilegia o testemunho oral como instrumento dos pesquisadores tipicamente interessados na voz dos que ficam à margem da construção oficial da história, e em fenômenos como imigração, diáspora, trabalho, identidade e gênero (BASTOS e BIAR, 2015, pág. 98).

Na elaboração das transcrições será necessário tomar algumas decisões que irão influenciar no resultado final, mas que necessitam ser explicitadas, como:

- Considerando que todos os entrevistados foram amigos de Azoilda Loretto, não será estipulado um tempo preciso para a duração das entrevistas;

- Será necessário perceber quais trechos da transcrição serão consideradas relevantes para a pesquisa, porém as entrevistas serão disponibilizadas integralmente no final nesta dissertação;

- O material recolhido durante as entrevistas será transcrito e irá aparecer ao longo do estudo, pois as perguntas pensadas para o questionário sinalizam os assuntos pertinentes para a dissertação.



Figura 02 – Retrato 02 de Azoilda Loretto da Trindade
Fonte: Acervo pessoal do Professor Luiz Fernandes de Oliveira (UFRRJ). 20 de maio de 2013 – 25 anos da marcha de 1988.

Para ilustrar que, para a cultura iorubá, todas as pessoas são divinas, traremos, um conto que é emblemático do valor civilizatório afro-brasileiro de aceitação das diferenças humanas:

(...) Olodumaré, que é um deus ioruba, quis criar a Terra e deu um punhado dela, num saquinho, para Obatalá ir cria-la. Antes de ir, Obatalá teria que fazer a oferenda a Exu, pois sem movimento não há ação. Obatalá, que é muito velho, esqueceu e foi andando, andando devagarinho, e no caminho sentiu sede. Então viu uma árvore, dessas que têm água dentro, e parou, abriu a planta e bebeu. Só que era uma bebida que dava um pouco de tontura, e então ele se deitou debaixo da árvore e acabou dormindo.

Enquanto isso, Odudua que também queria criar a Terra, fez as oferendas a Exu e alcançou Obatalá. Vendo-o dormir, achou que ele iria se atrasar muito, pegou o saquinho e foi ele mesmo criar a Terra. E criou.

Obatalá acordou e viu a Terra criada, e foi reclamar para Olodumaré, que enviou e deu a ele barro, para que criasse os homens da Terra. Obatalá foi e criou os homens, mas de vez em quando tomava a bebida da árvore de que tinha gostado, e ... não chegava a dormir, mas meio tonto, fazia uns seres humanos meio tortinhos.

Azoilda Loretto da Trindade

Estação 1
Azoilda Loretto da Trindade: uma existência repleta de afetividade

1.1. Uma intelectual dos afetos

Somos intelectuais negras? Por que não? Eu, heim! Qual o problema em sermos? Qual a tensão? Somos pensantes e atuantes e ao ver, ouvir, conhecer mulheres que usam o intelecto com maestria (...) só posso dizer que SOMOS O QUE DESEJARMOS!
Azoilda Loretto da Trindade

Este percurso é iniciado com a própria Azoilda Loretto da Trindade refletindo sobre intelectualidade, mostrando que mulheres, em específico as mulheres negras, são pensantes e atuantes e que, mesmo vivendo numa sociedade fundamentalmente anti-intelectual, quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política, é dirigido para as necessidades das pessoas nos colocando numa solidariedade e comunidade maiores, enaltecendo fundamentalmente a vida (hooks, 1995), pois:

> De um lado, nós nos investigamos enquanto mulher negra brasileira, falamos da nossa própria vida e da existência em particular/geral. Muitas vezes, a abordagem de aspectos que nos são muito familiares, que fazem parte do campo do já compreendido, cria uma atmosfera desinteressante. Contudo, sentimo-nos desafiados quando abordamos o que para nós é sofrido ou inquietante e, mais uma vez, somos arrancados do solo do já sabido (TRINDADE, 2005b, pág. 34).

Precisamos destacar, que existe uma desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados, aqui especificamente tratamos das mulheres negras, considerando importante seus trabalhos intelectuais, pois ao longo de nossa história surgiram intelectuais negros de todas as classes e camadas da vida. Contudo a decisão de trilhar conscientemente um caminho intelectual foi sempre uma opção excepcional e difícil para muitos de nós que tem algo mais parecido com um chamado do que com uma escolha (hooks, 1995), nas palavras de Azoilda Loretto:

> Certamente minhas inquietações são marcadas pela minha história de vida, pelo que meus sentidos captam do/no cotidiano, nos encontros mesmo que desencontrados que tenho pela vida. Sabe aquela sensação de levar desaforo para casa? Pois é isso, as minhas inquietações são resultado não só dos desaforos, mas das marcas que os encontros deixaram e deixam em mim do/no trabalho, do/nos estudos, da/na rua, das amizades, das desavenças.... Esse encantamento deslumbre afetação com o mundo produz inquietações, reflexões, produções, caminhos, trajetos, percursos,

> trajetórias de destino ignorado, inscrições na minha existência. Por isso, resolvi compartilhar humildemente estas frágeis reflexões. Humildemente, não no sentido subalterno, minimizado do que compartilho, mas de compartilhar não racionalmente apenas, mas, coisas marcadas por uma visceralidade. Compartilho meus redemoinhos mentais que espero encontrem com os seus e também, nesta direção tenhamos a disponibilidade de trajetórias reflexivas de destino ignorado (TRINDADE, 2008a, pág. 1).

Nascida no dia 10 de dezembro de 1957, no Rio de Janeiro (RJ), Azoilda Loretto da Trindade, que aqui será chamada carinhosamente de Azo, ainda bebê foi morar em Salvador (BA), de acordo com relatos a história da família Trindade. Isso retrata bastante a construção existencial da identidade negra de Azo, pois seu bisavô escravo aprendeu a ler sozinho e comprou a própria alforria vendendo sabão. Foi também com a venda do sabão que o bisavô comprou uma fazenda no interior da Bahia. O filho, que viria a ser o avô de Azoilda, tornou-se pecuarista e casou-se com uma mulher branca. Até hoje a fazenda é propriedade da família Trindade. Sua mãe, Cecília Gonzaga da Trindade, era uma enfermeira andarilha e seu pai, embora na certidão de nascimento conste como desconhecido, todos sabiam que era: Ubaldino Barbosa, médico-cirurgião bastante respeitado na Bahia. Nos períodos em que a mãe morou fora de Salvador, Zó foi criada pelas tias Glória e Grafira. O primo, Renato Maria Trindade Lugli, hoje arquiteto, filho de Grafira, era considerado um irmão[1].

Nas palavras de Giovana Xavier (informação verbal), o que fica da história de Azoilda é a vivência de uma mulher negra da classe alta da Bahia, onde o pai é médico e que, a partir deste lugar de classe média, rica, fato que se torna evidente devido ao acesso aos bens materiais, pelo trânsito na cidade, pelos bens, pela formação, pelo acesso ao capital cultural, pois Azoilda sempre contava a história do pai, de ter sido um médico importante e de ter tido um desfecho trágico, pois ele se suicidou (APÊNDICE D).

Enquanto mulher negra, militante, educadora e acadêmica, que priorizava o diálogo, as trocas de experiências e vivências, Azoilda pensou sobre essas tantas travessias que as existências negras percorrem e se colocou na posição de compreender a necessidade de aprofundar a reflexão, ao invés de continuar repetindo modelos tradicionais centrados (GONZALEZ, 1984). Por meio dos valores civilizatórios afro-brasileiros, pensou um Brasil contado pelo olhar do povo africano e da diáspora:

---

[1] Texto disponibilizado na página do facebook África Brasil Identidades positivas. Disponível em https://www.facebook.com/africabrasiidentidades/posts/741231286008105?__tn__=K-R Acesso em 30 de janeiro de 2019.

> Compartilhamos com Sodré (1999) a opinião de que "[...] história de vida ou mesmo pequenos episódios do cotidiano [...] podem ser, às vezes, mais esclarecedores que longas digressões acadêmicas", e delimitamos o lugar no qual nos situamos, que marca nossa investigação: mulher, professora, ativista negra e pesquisadora social (TRINDADE, 2005a, pág,14)

Refletir sobre vida e obras de Azoilda é entender a potência da transformação com base na resistência e solidariedade, numa luta que ultrapassa a barreira dos sentimentos e parte para a reflexão e prática de uma existência que abrace, respeite e acolha a todas e todos, pois, como escreve Azo, afetar e ser afetado é deixar-se permitir estar num ambiente que respeite as subjetividades, com a possibilidade de estabelecer trocas entre aqueles que fazem parte de nossa sociedade.

> No dia 13 de setembro de 2015, Azoilda Loretto da Trindade fez a sua passagem para Orun (céu, na língua ioruba). Quem foi Azoilda Loretto da Trindade? Para além da militância e da academia, uma professora, pois, seu desejo de menina transformou-se em realidade. Na busca constante por aprimoramento em prol da educação, cursou Pedagogia e Psicologia, fez Mestrado em Educação, na Fundação Getúlio Vargas, e tornou-se Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Profundamente comprometida com a transformação do ser humano em suas potencialidades efetivas, fez emergir sonhos submersos pelos espaços formais e não formais de educação (BASTHI et. al, 2016, pág. 57).

Azoilda é o próprio baobá, essa árvore nativa da África que pertence à família das malváceas, parente dos hibiscos e da malva, com seu tronco, em forma de cone, pode chegar a 09 metros de diâmetro e a 30 metros de altura, que ela adorava, pois ela deixou sementes em diversos lugares, (informação verbal de Janete Ribeiro, APÊNDICE E), e que este símbolo se perpetue e nos proporcione reverências, memórias, ancestralidade e axé.

1.2. Na luta que a gente se encontra

Para a mudança de mentalidade e de ações cremos ser necessária a construção de uma escola e de uma sociedade sem racismo e que valorize todos os matizes de que somos construídos.
Azoilda Loretto da Trindade

Os mais de trezentos anos de escravidão no Brasil acarretaram o chamado racismo estrutural[2] que, de forma profunda, envolve todas as camadas da sociedade brasileira, pois o racismo se faz presente de forma tão arraigada que, ainda hoje, faz parte das nossas estruturas políticas e sociais, sendo amplamente naturalizado,

[2] "A tese central é de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade." (ALMEIDA, 2018 p. 15)

afetando diretamente as instituições de ensino. Ao falarmos de contribuição do povo negro já deixamos explícito que existiram colonizadores que se posicionaram efetivamente como os que construíram este país, inviabilizando a existência dos povos indígenas que aqui já viviam.

Os preconceitos gerados pelo racismo estrutural até hoje estão enraizados no cotidiano escolar. Esses preconceitos só poderão ser superados se enxergarmos esse dia a dia de outra forma, se percebermos que existe uma necessidade de construção de identidades singulares que tenham, principalmente, a afetividade como elemento gerador de potência.

Azoilda propôs uma mudança de mentalidade e ações para a construção de uma sociedade sem racismo, atuando principalmente no âmbito da educação, onde suas ações e práticas se destacam como figura importante do movimento negro que:

> Considero como movimento negro, um grupo de pessoas que se organizam em diversas entidades diferentes entre si em torno de ideais de luta contra o racismo, por melhores condições de vida da população negra, no sentido de elaborar estratégias e práticas junto ao poder público, sejam elas voltadas para arte, educação ou de cunho social com o objetivo de valorizar a identidade e cultura afro-brasileira (OLIVEIRA, 2017, pág. 80).

Pensar sobre as atuações do movimento negro é vislumbrar vida, obras e atuações de Azo, por se propor a encarar a luta por uma sociedade livre do racismo forjando uma proposta de educação antirracista semeando um solo tão fértil que germina e floresce ainda hoje, pois:

> Como ativista da luta contra o racismo e com atuação voltada à educação das relações raciais, Azo tinha no acolhimento, na sensibilidade e no cuidado princípios que orientaram suas ações na educação pública, no ensino superior, nas consultorias, nos diversos textos e artigos que produziu, nas reuniões e ações do movimento negro brasileiro.
> Azo teve a "… capacidade de afetar e ser afetada pelo outro", materializando suas próprias palavras, pois compreendia que afetar e ser afetado "…ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável…" o que certamente ocorreu nos diversos locais por onde passou e com as inúmeras pessoas que encontrou/tocou/trocou/formou/transformou, forjando compromissos com a construção de uma nova sociedade, baseada na igualdade, respeito, valorização e no diálogo com as diferenças (CARNEIRO, 2015, pág. 1).

Aqui, se faz necessário considerar as palavras de Amauri Mendes Pereira (PEREIRA e SILVA, 2009) sobre o legado decisivo de Azoilda que é essa pedagogia de todos aqueles que buscam uma educação antirracista e que mexem com isso hoje, está no diálogo recriando a partir das maneiras e dos jeitos, ressaltando sempre a

necessidade de frisar que os valores civilizatórios afro-brasileiros que foram criados por ela, fazem parte de seu legado e servem como eixo fundamental na luta antirracista:

> Eu conheci Azoilda em 1979-1980, ela morava no bairro de Fátima, que era pertinho do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, que fica ali na Mendes de Sá, nº 208. Um dos últimos prédios do largo da segunda feira, logo de frente, é o bairro de Fátima. Daí Azoilda chegou lá e começou a participar, ela já era professora da rede municipal e as discussões passaram a ser de como poderíamos fazer o movimento (informação verbal fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C)

Azoilda Loretto possui graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho, em 1982, e graduação em Pedagogia pelo Instituto Isabel em 1987. Percebemos sua perspectiva multifacetada, onde seus vários escritos e atuações, nos mostram sua facilidade em pensar, organizar e concretizar projetos em conjunto, respeitando identidades e subjetividades, entrecruzando as tantas questões que permeiam vivências e ações:

> Azoilda faz parte desta primeira turma/grupo, no qual nós tínhamos assumido recentemente a direção do IPCN, numa espécie de vácuo institucional, teve uma diretoria... A primeira diretoria teve uma perseguição política ao antigo presidente, o mesmo teve que ir embora do Rio e foi ainda que para outra área de trabalho, porque se ficasse no Rio haveria trabalho para ele, então é mandado pra outro cargo, para outra cidade brasileira, para atenuar um pouco, pra sair do foco daquela perseguição política e aí fica uma situação complicada na instituição, porque tudo é novo, né? IPCN, naquele momento era a única entidade do movimento negro, que já se reconhecia desta forma que tinha sede própria numa grande capital do país e logo onde, no Rio de Janeiro, na Lapa, no centro da confusão [...]. Ela vive intensamente, por morar no centro da cidade há quase 300 metros do IPCN, então ela viveu ali, que era entidade de todo mundo, não tinha outra. Quer dizer, tinha sim, tinha o o grupo de SG o Seba, tinha os grupos pequenos e maiores, mas de fato o pessoal do Aguibara Dudu, a Vera Mendes (mulher extraordinária), era sócia do IPCN, Neinha que foi a primeira cantora do Aguibara, era sócia do IPCN. Benedita da Silva antes de ser candidata a vereadora, era sócia do IPCN. Era assim, Milton Gonçalves, ele mesmo o Grande, era fundador do IPCN. Porque convergia todo mundo para ali como espaço institucional, com uma sede própria e galvinizava a tensão de todo o negro que tivesse se ligado ao movimento de alguma forma (informação verbal fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C)

A década de 1970 proporcionou a formação de várias organizações do Movimento Negro como, por exemplo, o grupo Palmares (1971); a Sociedade de Intercâmbio Brasil África (SINBA) em 1974; o IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras) em 1975; o Movimento Negro Unificado Contra Discriminação Racial (MNUCDR) no ano de 1978 (SILVA apud PEREIRA e SILVA, 2009).

No ano de 1977 a Sociedade de Intercâmbio Brasil África (SINBA) cria o JORNAL SIMBA que possuía o intuito de ser um veículo de divulgação dos movimentos que lutam contra o racismo e o colonialismo, onde todos poderiam participar (SILVA apud PEREIRA e SILVA, 2009), contou com contribuições de Azoilda Loretto da Trindade.

O grupo de mulheres vinculado ao IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), chamado AQUALTUNE, surge em 1978. A REMUNEA (Reunião de Mulheres Negras Aqualtune) continuou as suas atividades até 1979 e tinha a perspectiva de congregar as mulheres negras independentes de filiações políticas, partidárias e ideológicas. Algumas mulheres, como Azoilda Trindade, Cristina Daniel Cruz, Édila Silva das Virgens, Estela da Costa Monteiro, Irani Maia Pereira, Léa Garcia, Jurema Gomes da Silva, Oir Nascimento de Oliveira, Pedrina de Deus, Shirlei da Silva, Suzete Paiva, entre outras, articularam, segundo Suzete Paiva, em entrevista concedida a Rosália Lemos, “uma grande reunião de mulheres negras” (DOS SANTOS, 2015):

Suzete Paiva, em entrevista concedida a Rosália Lemos, relata que denominaram essa reunião de REMUNEA, que significa Reunião de Mulheres Negras Aqualtune:

> “não era grupo, era uma ancestralidade, era uma questão de articulação, de um espírito, então todo mundo se considerava Aqualtune. (...) Já que a gente é negro e está resgatando essa bandeira de negritude lutar, nada melhor que mexer com a ancestralidade, e a ancestralidade então da máxima, da guerreira máxima, (...) daqui a pouco os homens daqui, Orlando, Paulo Roberto começaram a ficar apavorados, pois o grupo estava crescendo, porque não era grupo, mas a reunião estava se tornando um ponto de encontro, vinha mulher de tudo o que era parte, né? Aí a gente conseguiu reunir a mulherada, e a gente se perguntou: “e agora o que vamos fazer?” (PAIVA apud LEMOS, 1997, p.71).

Sabe-se também que:

> Antes de uma divisão oficial as Aqualtunes produziram uma cartilha em que a primeira produção tratou do trabalho doméstico, destacando-se que as mesmas já possuíam um jornal em que Azoilda Trindade e a Cecília Luiz de Oliveira participavam também. A cartilha foi a primeira bandeira do movimento de mulheres negras referente à valorização do trabalho doméstico, realizando denúncias e reconhecendo o valor do emprego que a maioria das mulheres negras exerceu e ainda exercem. (LEMOS, 1997). Os dois grupos buscaram rumos distintos, em agosto de 1979, o grupo de mulheres determinou sua independência física do Instituto de Pesquisa e Culturas Negras, tendo algumas perdas significativas (DOS SANTOS, 2015, pág. .23 e 24).

O movimento de mulheres foi, e ainda é, muito potente dentro da nossa construção social e graças a mulheres como Azoilda que se colocaram na linha de frente do pensar e celebrar o sagrado feminino e de entender como nossos corpos atuam e são vistos dentro de sociedade. Aqui se torna fundamental comentar que Azoilda não se colocava como feminista (uma fala muito presente nas mulheres de sua época) que se colocavam como integrantes do movimento de mulheres negras.

Com relação ao ativismo, a história de Azoilda merece uma biografia sobre sua a trajetória, pois era uma mulher visionária, pioneira no Brasil em discutir a educação e as relações entre racismo e a educação infantil e a importância de buscar propostas pedagógicas que partissem do afeto. Por mais que tenha o texto de 2006 sobre os fragmentos dos discursos sobre afetividade, Azoilda vem falando disso pelo menos desde os anos 1990 (XAVIER, 2016)

Fundado em 1981, o Ipeafro (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros), no Rio de Janeiro, tem como prioridade de ação trabalhar com educadores e gestores da educação no sentido de integrar o estudo da história e cultura de matriz africana no ensino brasileiro. Em 1991, foi co-realizador do primeiro fórum estadual sobre o assunto. O Ipeafro tem orgulho de pertencer hoje ao Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Estado do Rio de Janeiro. Como parte de seu Fórum Educação Afirmativa Sankofa. O instituto desenvolveu a Oficina Matriz Africana e Ação Educativa, coordenada por Azoilda Loretto Trindade, e Carla Lopes, onde educadores trabalham temas e ações debatidos nas mesas temáticas do Fórum e nas publicações do Ipeafro, como a Linha do Tempo dos Povos Africanos, Suplemento Didático e os Anais e Caderno de Estudos do Fórum. [3]

No ano de 1986, ingressa no Mestrado em Psicologia da Educação na Fundação Getúlio Vargas (FGV), que ainda era em quatro anos. Neste período, juntamente com Cecília de Oliveira e Janete Santos, apresentavam o *Diálogo entre os Povos.* Cecilia era do serviço social e chefiava uma coordenadoria em Santa Cruz e a Zô ficou um tempo trabalhando com ela. Amauri Mendes Pereira conta que Cecilia de Oliveira é uma personagem importante neste processo de formação, amiga-irmã de Zô, amigas íntimas neste processo (informação verbal). Em 1994, Azoilda defende sua dissertação intitulada *O racismo no cotidiano escolar*:

> Aos poucos ela foi se definindo por realmente estudar, sistematizar e realizar um pensamento e foi a única de todo mundo que estava ali que fez um mestrado na FGV, quando havia poucos mestrados, poucas pós-graduações. A universidade no Brasil é uma coisa muito

[3] Disponível em: < http://ipeafro.org.br/acoes/sala-de-aula/>. Acesso em 06 de outubro de 2020

> recente, nos anos 1990 ela entra e fez o mestrado dela lá (informação verbal, (informação verbal fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C)

Os textos de Azoilda são atravessados por exemplos, vivências, então ela foi uma mulher, ou é uma mulher, que está por aí, que viveu a vida com visceralidade. Ela amava essa palavra, visceralidade, porque ela amava o que ela fazia que era dar aula, ela deu aula desde os pequenininhos até a pós-graduação, foi professora de escola pública e depois atuou em universidades particulares, foi também de universidades públicas e sempre buscou estar nos lugares onde houvesse a possibilidade de diálogo. Não é à toa que, em 1993, influenciada por um amigo chamado Veríssimo que hoje vive nos Estados Unidos, que falava muito de diálogo e diálogo entre povos, entre as diferenças, Azoilda, para além de ser uma mulher negra ativista, era uma mulher que pensava o diálogo entre povos, porque ela achava interessante como muitos que viviam na luta crítica tinham um pensamento muito atravessado pelas questões do eurocentrismo e das referências eurocêntricas de luta, de transformação, diziam que seria impossível o diálogo entre quem possui a metralhadora com quem tem o arco e flecha (informação verbal de Janete Ribeiro, APÊNDICE E).

No dia 23 de junho de 1998, juntamente com Katia Santos, entrevistou o intelectual Milton Santos na USP (Universidade de São Paulo), seu local de trabalho, e com a entrevista, intitulada *Um intelectual brasileiro educado para o mando: uma conversa com Milton Santos*, cujo foco era entender seu posicionamento sobre educação (ANEXO A).

Participou da coletânea Africanidades brasileiras e educação, que é composta de textos que foram produzidos para o programa Salto para o Futuro, da TV Escola, ao longo da última década. O projeto surgiu e ganhou força durante a produção do documentário Africanidades brasileiras e educação, exibido em outubro de 2008, pela TV Escola[4], que está no ar desde 1991 e tem como proposta debater diferentes tendências no campo da educação e contribuir para a reflexão da prática em sala de aula, utilizando diferentes mídias: TV, telefone, site com publicação eletrônica, fórum e email[5].

O documentário teve como objetivo principal ser um instrumento que possa ser utilizado na formação de docentes, gerando estudos, reflexões e debates acerca das

---

[4] Disponível em: < https://www.skoob.com.br/livro/372272#_=_>. Acesso em 18 de junho de 2019.

[5] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/tv-escola/salto-para-o-futuro>. Acesso em 06 de junho de 2019.

africanidades brasileiras em ambientes formais e não-formais de aprendizagem, na perspectiva de potencializar positivamente a presença negra na sociedade brasileira[6].

Azoilda atuou em vários espaços importantes para as discussões que antecederam a lei 10.639/03 e que contribuíram para a sua criação e para sua implementação, junto com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (RS), Jeruse Romão (SC) Raquel de Oliveira (SP), Maria de Lourdes Siqueira (BA), Eliane Cavaleiro (SP) e Nilma Lino Gomes (MG). São citadas por suas contribuições femininas e por serem as herdeiras de Dandara, no documento - relatório da Unesco/MEC (2008) sobre a elaboração do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (SANTOS, 2018).

Com especialistas da área de relações raciais e educação como: Nilma Lino Gomes, Eliane Cavaleiro, Henrique Cunha Jr., Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Carlos Moore, Rafael Sanzio dos Anjos, Amauri Mendes Pereira, Jeruse Romão, Ricardo Henriques, Maria Aparecida Silvia Bento, Raquel de Oliveira, Kabengele Munanga, Iolanda de Oliveira, Sales Augusto dos Santos e muitos outros, Azoilda participou com o Ministério da Educação, através da sua Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) da realização de diversos encontros estaduais, além de publicações de obras no sentido de dar um suporte teórico nas questões de relações raciais e educação. Na perspectiva de implementação imediata das novas diretrizes curriculares, a primeira publicação intitula-se “Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03” e a segunda publicação “História da Educação do Negro e outras histórias” (OLIVEIRA, 2008).

No ano de 2001 ingressou no Doutorado em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) defendendo em 2005 a tese intitulada A Formação da Imagem da Mulher Negra na Mídia, na qual foi orientada pelo professor Muniz Sodré, sua tese pretendia, nos anos 2000, investigar os pontos de vista dos formadores de opinião da grande impressa em relação a mulher negra (XAVIER, 2016).

Azoilda escreveu uma tese de doutorado em comunicação, pois ela foi excluída do doutorado em educação em função do racismo, elitismo e do eurocentrismo. Então ela retornou a academia, que era um compromisso dela com os pequenininhos e com

[6] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MIgSc3zZ4UE>. Acesso em 06 de junho de 2019.

todos com a luta de estudar e de se formar. Ela voltou fazendo comunicação e a tese dela é sobre A Imagem da Mulher Negra Produzida Pelos Formadores de Opinião, ela começa a tese com uma imagem do CEAP (Centro de Articulação das Populações Marginalizadas), pois a instituição fez uma campanha “Miss Brasil 2000” que tinha uma criança negra, que era uma menina de rua, que estava com o cetro que era uma vassoura, o manto era um saco plástico, e os dizeres eram “Miss Brasil 2000”. Só para ver o quanto que a gente naturaliza, o quanto que nós todas e todos estamos atravessados e atravessadas por um olhar de invisibilidade, por um olhar de não potência, por um olhar não afetuoso, por um olhar que não escuta os nossos próprios desejos (informação verbal de Janete Ribeiro, APÊNDICE E).

No IX Encontro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná (FPEDER-PR) que ocorreu em Maringá no período de 25 a 27 de julho de 2012 e abordou as relações étnico-raciais no trato pedagógico da diversidade, visando uma escola com educação cidadã, Azoilda em parceria com Amauri Mendes Pereira, ministraram palestras para educadores e ativistas[7] . O evento promovido pelo Governo do Estado foi organizado em Maringá pela Prefeitura, APP-Sindicato, Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, União da Consciência Negra e Núcleo Regional de Ensino e reuniu representantes de entidades, instituições, educadores e a comunidade no Teatro Calil Haddad.

O I Seminário Regional de Diversidade e Superação do Racismo, voltado às ações, críticas e perspectivas da educação nas relações étnico-raciais na baixada fluminense, ocorreu em 06 de dezembro de 2012 na UFRRJ – Instituto Multidisciplinar/Nova Iguaçu-RJ e Azoilda apresentou a palestra “A Lei que Fala e a Escola que Transforma (a amplitude temática da Lei 10639/03 e as possibilidades de transformação crítica dos estudantes numa perspectiva de diversidade social)”.[8]

Como coordenadora pedagógica do A Cor da Cultura, que é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir - Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial, através de programas educativos, contribuiu para divulgar ações e iniciativas de educadores, escolas e Ongs no campo das relações raciais e educação,

[7] As informações sobre o IX Encontro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial do Paraná (PEDER_PR) foram obtidas através do site <

[8] Disponível em: < http://incid.org.br/2012/11/29/seminario-debate-diversidade-superacao-racismo/> Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

dando prioridade às metodologias pedagógicas para aplicação das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais (OLIVEIRA, 2012).

Vale ressaltar que o programa A Cor da Cultura foi a grande referência para a formação de professores, dando conta da Lei 10639, e foi o único projeto nacional que tratava de questões étnico-raciais e que é lembrado por todas e todos que tiveram o prazer de participar, pois foram formados articuladores que atuam ainda hoje em todo país (entrevista concedida por Ana Paula Brandão, APÊNDICE F):

> O projeto A Cor da Cultura é, por princípio, um projeto de parcerias, de sonhos partilhados, sonhos coletivos. Neste sentido, é importante destacar que a metodologia por ele utilizada foi construída no encontro de expertises de vários cantos. Pode-se dizer que essa é uma metodologia tecida em diálogo com várias linguagens, pessoas, disciplinas, saberes e fazeres. Não é, portanto, por acaso que os três cadernos resultantes do projeto são intitulados Modos de Ver, Modos de Sentir, Modos de Interagir, Modos de Fazer e Modos de Brincar (TRINDADE, 2010, pág.13).

Azoilda valorizava a formação acadêmica, sem renunciar da escola, dos movimentos sociais e estava sempre inovando, investindo na educação lúdica. Isso é revolucionário (XAVIER, 2016). Aqui se faz necessário também mencionar sua participação no Conselho Consultivo da Revista da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) em 2010[9] e vale ressaltar que:

> Ao longo de sua vida, Azoilda Loretto da Trindade dedicou-se ao estudo e à pesquisa de diversos campos: relações raciais, multiculturalismo crítico, História da África e Cultura afro-brasileira, psicanálise, constelação familiar. Em virtude de seus saberes interdisciplinares, a pedagoga constituiu uma biblioteca vastíssima, com aproximadamente quatro mil títulos, que abrangem diferentes áreas e outras. Além desse fantástico acervo, seu envolvimento profundo com a educação infantil culminou na organização de uma biblioteca e uma brinquedoteca, voltadas para o trabalho com reeducação das relações raciais a partir do reconhecimento da importância do afeto nas práticas pedagógicas (BASTHI et. al, 2016, pág.59).

Em novembro de 2013, Azoilda e a professora Sandra Regina Ribeiro idealizaram e realizaram o curso: “Cartografia das Relações Raciais – Educação e Relações Raciais” que tinha como objetivo mapear as marcas das desigualdades étnico-raciais e do racismo impressas nos corpos e sentimentos, com intuito de constatar para enfrentar, incentivar a reflexão e debate sobre como os mapas das relações raciais são construídos e ao mesmo tempo, como podemos construir novos

[9] Disponível em file:///C:/Users/gisele/Downloads/287-1-533-1-10-20170408.pdf Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

mapas que priorizem o respeito à diversidade, tendo como referência uma sociedade mais equânime[10].

No dia 14 de maio de 2013, Azoilda recebeu do vereador Renato Cinco a moção de congratulação e louvor por sua participação na mobilização para a marcha contra a farsa da abolição em 11 de maio de 1988, por ter prestado grande serviço à luta contra a discriminação racial, esta homenagem foi concedida aos militantes do movimento que contribuíram para a reafirmação de outra história que não pode ser contada apenas pelos opressores (ANEXO B)[11].

Azoida participou do planejamento estratégico do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas - CEAP, que é uma organização não governamental, sem fins lucrativos de caráter cultural, educacional, social e assistencial, dentre as atividades executadas, organizou o Prêmio Camélia da Liberdade, que reconhece as instituições que promovem ações afirmativas contra a discriminação e as desigualdades raciais no Brasil[12].

A capacidade de Azoilda de articular as discussões mais espinhosas da ciência hegemônica com arte, literatura, com cinema, com cenas do cotidiano foi uma coisa muito forte, pois muitas práticas na atualidade são conduzidas por essa articulação (XAVIER, 2016).

Em 2014 o grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) foi criado pela professora Giovana Xavier, em conjunto com as professoras Azoilda Loretto, Celia Cristo, Claudielle Pavão, Janete Santos Ribeiro e Marta Muniz Bento. Este grupo surgiu com o desejo de congregar mulheres negras de diferentes áreas para construção de uma rede feminista negra engajada na produção de conhecimentos e promoção de ações com foco em comunidades negras, suas experiências e histórias. Azoilda é um dos pilares do Grupo Intelectuais Negras que tem a inspiração muito forte, no seu erguimento deste grupo, pois a história dela foi de um pioneirismo intelectual, nesse sentido de como a

---

[10] Disponível em: https://www.facebook.com/groups/667590176606123/about/. Acesso em 04 de outubro de 2019.

[11] A moção completa encontra-se disponível em: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1316.nsf/8e15f0a11cb584eb0325775900517b42/f59c701c05b1f5ee03257b6b006e9171?OpenDocument> Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

[12] Disponível em: < http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/03/ceap-lanca-no-rio-a-setima-edicao-do-premio-camelia-da-liberdade>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

academia e a escola devem estar em diálogo permanente (entrevista concedida por Giovana Xavier, APÊNDICE D)[13].

Giovana Xavier, Elizabeth Guimarães e Azoilda Loretto receberam o convite para participar do Seminário Internacional Encrespando 2015 – Refletindo a Década Internacional dos Afro-Descendentes (ONU 2015-2024), Puc-Rio, entre os dias 03 e 05 de novembro de 2015, porém diante das peripécias da vida, Zo passou a abrilhantar o Orun no dia 13 de setembro de 2015, deixando conosco muita saudade, muitos saberes (XAVIER, 2016).

Neste percurso não podemos deixar de mostrar a formação acadêmica multifacetada de Azoilda, pois possui: Especialização em Sociologia (1993 – 1998) pela Universidade do Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); especialização em Orientação Educacional (1983 – 1983) pela Universidade Estácio de Sá; Aperfeiçoamento em Relações Raciais e Cultura Negra (1998 – 1998) pela Universidade Cândido Mendes; Aperfeiçoamento em Leitura Teoria e Prática (1990 – 1990) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); especialização em Alfabetização Em Classes Populares (1989 – 1990) pelo Grupo de Estudos sobre Educação Metodologia e Ação; especialização em Arte-Educação (2003 – 2003) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); pós-doutorado(2008 – 2009) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Dos legados deixados por Azoilda temos o encontro anual das Rainhas Magas que foi criado por Azo, e teve seu primeiro encontro no dia 06 de janeiro de 2011. Este é um encontro de mulheres rainhas, magas, feiticeiras, sacerdotisas, curandeiras, generosas, humanas, frágeis-poderosas, afetuosas, do bem e com um coração do tamanho do impensável. Rainhas multiétnicas, de religiões diversas e até sem religião e que gostam da vida e, por ela, a vida, lutam e vivem. O encontro é para encontrar, olhar no olho, sorrir, rir, dançar, brincar, fofocar, implicar, matar saudade e se energizar no coletivo, pois seja aonde for, cada uma leva algo a partilhar: um poema, um texto, uma música, uma vivencia breve...Como fizeram os magos e as magas ao visitarem uma criança recém-nascida (Jesus) ou como fizeram os orixás ao visitarem Olorum ou como fazemos quando visitamos alguém que aniversaria ou simplesmente amamos... O encontro de rainhas magas e amigas (presentes e futuras) é um encontro

[13] Disponível em: https://www.intelectuaisnegras.com/quem-somos. Acesso em 04 de outubro de 2019.

para as magas saudarem o ano novo, a vida e nosso feminino e masculino. Um encontro de amor e celebração.[14]

Seus escritos e produções nos ajudam a refletir sobre nossa identidade; a ressignifica, pois valoriza a beleza, a troca, o diálogo. Convida a todos, negros e não negros a pensar sobre nossas experiências a partir de um outro ponto de vista, de que somos todos afro-brasileiros. À primeira vista, o conteúdo parece simples demais, sem muito embasamento; mas na prática, ele é potente, muito fundamentado, fruto de muita leitura e de muita experiência, mas também de muita empatia e acolhimento (entrevista concedida por Ana Paula Brandão, APÊNDICE F).

Não poderia deixar de mencionar nestes escritos a criação do Coletivo Negro Azoilda Loretto do CEFET/RJ no dia 18 de abril de 2015, demonstrando a importância desta intelectual para esta instituição.

Das tantas homenagens póstumas, podemos citar: a imersão Bracuí, resistência em Angra uma imersão com a população do Quilombo do Bracuhy[15] a mensagem enviada no dia 14 de setembro de 2015 por Suelaine Carneiro para o Portal Geledés intitulada *Azoilda, presente!* (ANEXO B)[16], o dia 25 de outubro de 2017 no ISERJ - Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. Cultne registrou com imagens e edição de Filó Filho o evento o "Giras da Zo" Na oportunidade, foram registradas as falas do professor Marcelo Paixão, da jornalista Flávia Oliveira e da professora Janete Ribeiro, organizadora do evento[17]; o Caruru da Gratidão que foi um evento realizado no dia 28 de setembro de 2018 no Clube Resnascença (ANEXO C), o vídeo “Qual o limite da imaginação de uma criança?” com a professora Kiusam de Oliveira no SESC São Paulo e a inauguração do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Azoilda Trindade (Zô) sito à Rua Teixeira Ribeiro 1000 Bloco 7 Bonsucesso em abril de 2006 (ANEXO D)

---

[14] Texto feito por Azoilda Loretto da Trindade convidando as rainhas magas para o primeiro encontro dia 06 de janeiro de 2011. Acervo pessoal de Janete Santos Ribeiro.

[15] RIBEIRO, André. Bracuí, resistência em Angra. Blog Diáspora Black, São Paulo (SP), s/d. Disponível em < https://diaspora.black/bracui-resistencia-em-angra-dos-reis/>. Acesso em 06/10/2020.

[16] CARNEIRO, Sueli. Azoilda Presente!. Portal Geledés, on-line, 14 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/azoilda-presente/>. Acesso em 28 de janeiro de 2019

[17] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJra-HvyQQE&t=51s>. Acesso em 01 de março de 2020.

1.3 Azoilda Loretto e a lei 10.639/2003

A Lei 10.639/2003 é consequência da luta histórica do Movimento Negro por justiça e equidade, contra o racismo e as desigualdades étnico-raciais. É um indicador da persistência e permanência da injustiça e da busca por equidade. Ancora-se, no caso da educação, num longo processo de exclusão da população negra do direito à educação.
Azoilda Loretto da Trindade

O primeiro ato que diz respeito à Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, determina em seu preâmbulo: "incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira' e dá outras providências", estabelece no seu Artigo 29-A, parágrafo 1º, o seguinte: "O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil". (MEC/SEPPIR, 2004).

Refletir sobre a implementação da lei 10.639/03 é compreender que houve um avanço enorme no que tange as relações étnico-raciais e suas implicações na vida cotidiana. É saber que as políticas afirmativas, mesmo com todos os questionamentos, resistências e impasses, estão, de alguma forma, sendo colocadas em prática.

Azoilda afirmava que é possível recontar a história de nossos ancestrais negros que tanto contribuíram para a formação desse país, e um dos caminhos possíveis seria por meio do afeto e respeito ao conhecimento do outro e da nossa história negra marcada por lutas, vitórias, glórias, alegrias, resistência, força de vontade e heroísmo, ressignificando a leitura de África e da força dos negros que para cá vieram.

Antes de prosseguirmos esses escritos, é importante explicar que em 10 de março de 2008, a lei 10.639/2003 é alterada para a lei 11.645 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". (ANEXO C)

A presente alteração demonstra um avanço nas discussões sobre as questões indígenas em todo território nacional, convergindo com os debates anteriores sobre as questões da cultura afro-brasileira.

Dito isto, ressalto que este trabalho terá como recorte político a utilização como base de estudos a lei 10.639/2003, entendendo esta como uma vitória construída

dentro do movimento negro, ressaltando sua importância histórica, mas principalmente por ter sido uma das bandeiras de luta de Azoilda, pois:

> O diálogo dela não é para o movimento negro apenas, mas talvez prioritariamente com outros setores da sociedade. Então neste sentido tinha que ter mais pesquisas, mais densidade, mais gente, mais elaboração, mais organização. Então eu penso, que ela é a parte efetiva que vai desembocar na lei 10.639/03 (informação verbal fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C).

Por essas características, se faz necessário compreender que um dos erros no que tange algumas interpretações da implementação da lei 10.639/03 está no fato de que a mesma não surge para aumentar a autoestima dos (as) negros (as), mas sim para combater o racismo na educação, propondo uma educação que seja de fato antirracista e que consiga abraçar a todos os indivíduos de forma igualitária, pois esta construção de um imaginário que, ao longo dos últimos anos continua entendendo que a referida lei irá "privilegiar" os negros, diverge e muito do intuito da constituição da mesma.

Desse modo, não se pode negar que existiu um avanço nas discussões de políticas e práticas antirracistas, mas ainda é necessário forjar maneiras para que essas questões estejam efetivamente presentes no nosso cotidiano.

> Afinal, romper com a discriminação e com o racismo, investindo numa escola que contemple e valorize nossas matrizes culturais sem hierarquizá-las, que valorize e atue com competência, conhecimento e desejo político, rumo à construção de uma educação libertadora e multicultural crítica – esses são os nossos desafios e legados históricos (TRINDADE, 2013a, pág. 84).

Dentro desta perspectiva, a importância da educadora Azoilda Loretto da Trindade na construção de políticas afirmativas que valorizassem, dentro e fora das práticas educacionais, as relações étnico-raciais, são extremamente relevantes até hoje.

Um dos grandes legados de Azoilda foi o projeto A Cor da Cultura no qual ela foi coordenadora pedagógica (sendo seu nome indicado para o cargo tanto por militantes do movimento negro quando por profissionais da área da educação), que foi o grande propagador no âmbito nacional da Lei 10.639/03 para ativistas, educadoras e educadores comprometidos com uma educação antirracista.

Um projeto que incluiu em seus materiais educativos audiovisuais e impressos um pouco da história das vivências e da riqueza cultural do negro, recuperando temas e promovendo discussões que deveriam fazer parte do dia a dia da sociedade (BRANDÃO e SANTOS, 2015) e agregou educadores e ativistas de suma importância

nas discussões étnico-raciais em nosso país para colaborarem com textos e vivências e capacitar tantos outros educadores e educadoras no Brasil.

O projeto A cor da Cultura teve como ideia criar um espaço de discussão entre alunos, alunas, educadores e educadoras sobre as questões ligadas à participação social dos descendentes africanos (BRANDÃO e SANTOS, 2015), valorizando as formas de expressão do negro, atendendo assim, os propósitos da Lei 10.639/03.

Azoilda percorreu todo o território nacional propagando as múltiplas formas de se pensar e implementar uma educação antirracista nas variadas realidades brasileiras, pensando o coletivo e disseminando os valores civilizatórios afro-brasileiros. Um fato que merece constar nestes escritos é que em todos os locais que foram apresentadas algumas partes desta pesquisa, era constante a presença algum pesquisador/pesquisadora que conheceram Azo e seus trabalhos:

> A implementação desse Lei pioneira abriu uma nova porta para a sociedade inteira reavaliar as bases da função do Brasil, como entidade histórica nos tempos modernos, e reconsiderar as relações étnico-raciais nele travadas (MOORE, 2007, pág. 270).

Discussões de como a lei 10.639/03 foi e está sendo implementada nas instituições de ensino ainda são necessárias e pertinentes, pois ao afirmarmos que o racismo é estrutural nos deparamos com o fato de que ele está impregnado nas práticas educacionais, afirmando, assim, que a lei não conseguiu mudar totalmente as estruturas escolares.

Após dezessete anos de implementação da 10.639/03 ainda se faz necessário ressignificar algumas colocações, práticas e perspectivas, pois não podemos negar que tivemos muitos avanços nas discussões sobre relações étnico-raciais, mas ainda precisamos construir bases sólidas para que esta discussão seja uma constante nos espaços escolares.

São de suma importância as questões abordadas pelo Movimento Negro, ao longo de décadas, que proporcionaram a construção de políticas afirmativas e tiveram como ponto gerador fundamental a Lei 10.639/03, resgatando historicamente a ações e atuações dos negros na construção e formação da sociedade brasileira para todas as discussões relacionadas as relações étnico-raciais pelo fato de ter se colocado desde o início de uma forma diferente dos outros movimentos que surgiram na mesma época, pois atuou e ainda atua nas trincheiras da busca de uma educação que fosse antirracista e que permitisse compreender a situação dos sujeitos que foram invisibilizados ao longo do processo de formação da nossa sociedade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004).

Elucidando e ressaltando a importância da discussão das relações étnico-raciais nos diversos espaços, mas principalmente no ambiente escolar, o Movimento Negro adquire visibilidade nacional conseguindo ultrapassar a fase de denúncia e forjando a fase de cobranças.

> A Lei 10639/2003 é consequência da luta histórica do Movimento Negro por justiça e equidade, contra o racismo e as desigualdades étnico-raciais. É um indicador da persistência e permanência da injustiça e da busca por equidade. Ancora-se, no caso da educação, num longo processo de exclusão da população negra do direito à educação. (TRINDADE, 2013b, pág.4)

De acordo com vários escritos sobre a criação da lei 10.639/03 podemos perceber a importância que o Movimento Negro, nos períodos que antecedem a criação desta, desempenhou no caminho que desembocou na referida lei, cuja história não é linear, mas até ela, é de suma importância destacar alguns marcos na histórica luta negra por Educação (TRINDADE, 2013b; ANEXO D)

Mas, não podemos deixar de ressaltar que ainda estamos trilhando um caminho para chegarmos a uma educação que seja totalmente includente e antirracista. O momento das cobranças está presente na atual conjuntura onde nos deparamos com casos de fraude nos processos seletivos para universidades que aderiram as cotas raciais e na denúncia dos concursos públicos principalmente na esfera federal que não implementaram o sistema de cotas, evidenciando assim, a existência de um longo percurso a ser trilhado para que consigamos chegar numa sociedade que abrace as diferenças e que crie uma consciência de que a luta por uma sociedade antirracista é de todos.

Não podemos deixar de frisar que a atuação de Azoilda Loretto da Trindade converge diretamente com as ações referentes a construção e implementação da lei 10.639/03, fato que merece destaque quando pensamos sobre esse importante processo que gerou avanços nas discussões sobre as relações étnico-raciais.



Figura 3 – Retrato 03 de Azoilda Loretto da Trindade

Fonte: Acervo Canal Futura – Projeto A cor da Cultura

Creio que essa dimensão da acolhida, respeitosa e amorosa, do corpo do outro, sobretudo quando este outro tem uma história-memória social de violência, mutilação e insensibilidade com relação a seu corpo e aos corpos dos seus iguais, é uma chave para a permanência e o sucesso das nossas crianças, em especial as crianças negras, na escola. Permanência e sucesso, não de vítimas ou de carentes, mas de cidadãos e cidadãs de direito, vitoriosos sobreviventes de racismo, exclusões e injustiças sociais.

Azoilda Loretto da Trindade

Estação 2
Caminhos para uma educação antirracista

2.1 Racismo estrutural

A "certeza" de que todas as pessoas carregam saberes, e em função de todas serem afrodescendentes – afinal, o primeiro ser humano foi um africano ou africana – podemos dizer que os saberes pré-colombianos, aqui presentes, são também saberes afrodescendentes. E, podemos dizer ainda, somos caudatários, desde o "descobrimento" dos saberes africanos ou afrodescendentes, momento marcado também por encontros e confrontos de saberes e fazeres.
Azoilda Loretto da Triindade

Nossos passos vêm de longe, nossas histórias não foram contadas, nossos anseios não foram considerados e nossas existências não foram visibilizadas. Pensar sobre racismo no Brasil é compreender nossa realidade de uma outra forma, dando visibilidade a personalidades que fujam do perfil eurocêntrico e que abrace o maior número de singularidades possíveis, gerando uma educação acolhedora e crítica. Esta é uma das bases desta reflexão, que entra em choque com o racismo estrutural que está impregnado em nossa sociedade e que tanto afeta as instituições de ensino.

O conceito de raça, construído socialmente, que, em algumas situações e momentos, parece ainda estar ligado ao conceito biológico, é o fator que irá advir até os dias de hoje, pois, ao pensarmos sobre nosso país, é impossível não focar que a ideia de raça, aplicada ao racismo, faz parte nossa estrutura. Ao trilhar o caminho rumo ao entendimento de como a discussão sobre raça é forjada dentro da perspectiva de marcar socialmente sujeitos e existências, é necessário compreender que:

> Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para distribuição de posição na estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributo compartilhado por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais (SOUZA, 1983, pág.20).

> Nossa intenção é a de submeter o conceito de racismo à categoria Ideologia, porque, pelo viés da ideologia, cremos ser mais fácil pensar/compreender o racismo na sua capilaridade. Pelo caminho da ideologia, é possível, perceber o mecanismo de penetração do racismo por toda a sociedade, como se fossem vasos sangüíneos. Como algo que perpassa, penetra, adentra não só os espaços macro mas, também, os microssociais (TRINDADE, 2008b, pág.30).

Vale ressaltar que o que se entende por raça é a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado (BRASIL, 2004), e que mesmo aqueles que ainda perpetuam a ideia de que não existe racismo no Brasil, fazem parte desta engrenagem racista que, inclusive, pretende invisibilizar essas discussões:

> Palavras que dizem tudo
> O diálogo registrado em um dos workshops de Jane Elliot é revelador. Eis um fragmento:
> "Eu quero que toda pessoa branca neste auditório, que gostaria de ser tratada da mesma maneira que a sociedade trata os cidadãos negros, se levante. " (Pausa)
> "Vocês não entenderam. Se vocês, brancos, querem ser tratados do modo como os negros são tratados, levantem-se." (Mais uma pausa)
> Ninguém se levantou.
> "Isso deixa claro que vocês sabem o que está acontecendo. Vocês não querem isso para vocês. Quero saber por que, então, aceitam isso e permitem que aconteça com os outros." (TRINDADE, 2006b, pág. 104).

Pensar sobre o racismo estrutural é compreender que a maioria das instituições de ensino, mesmo após a elaboração da lei 10.639/03, ainda não discutem de forma ampla e consistente as tensões raciais que permeiam nossa sociedade.

Uma das grandes preocupações de Azoilda era como lidar com nossas crianças nos espaços de ensino que não valorizam a cultura afro-brasileira e os tantos corpos negros inseridos nos cotidianos escolares que não tinham suas subjetividades valorizadas e visibilizadas.

Relembrando os escritos de Azo, podemos perceber que a luta por ambientes escolares, ou não, que sejam de fato acolhedores no sentido de respeito à todas as existências, vem de longe, e ainda se faz necessária nos dias de hoje.

> Difícil porque, no nosso país, temos uma imensa dificuldade em reconhecer a existência do racismo, sobretudo institucional, presente nas escolas, empresas, organizações sociais. Temos uma imensa dificuldade em nos reconhecermos racistas. Aqui, ninguém é racista, mas se conhecem muitos racistas. É como se cada pessoa fosse cercada de racistas por todos os lados. Você não acredita? Então, responda francamente: "Você é racista?", "Você já presenciou uma situação de racismo?" (TRINDADE, 2011, pág. 4).

Ressaltamos que um dos pontos centrais na percepção do povo brasileiro é a necessidade de ocultar os traços não europeus que permeiam nosso cotidiano, nossos corpos e nossas atuações. Refletir sobre as questões raciais no Brasil nunca foi uma tarefa fácil, pois a estrutura racista se organiza e reorganiza sempre. Ou seja, as

engrenagens racistas inseridas em nossa sociedade não são estáticas, estão sempre mudando e forjando tensões cada vez mais difíceis de serem repensadas.

> Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas. Nem parece preto (GONZALEZ, 1984, pág. 226).

Nosso país possui atualmente um percentual de 54% dos brasileiros se declarando preto e pardo, ou seja, somos a maior parte da população. Dito isto, pensar espaços que ainda hoje são majoritariamente brancos, como na mídia, na literatura, na política entre outros, e, perceber esse fato como sendo natural, nos faz entender como a discussão racial é complexa e gera tensões. Enxergar o racismo presente nas relações cotidianas, nas atuações governamentais, nos currículos escolares é compreender como essa engrenagem racista, que está em constante mutação, atua.

Ao pensarmos sobre racismo no Brasil, um dos pontos de partida seria o fato de que, ao falarmos sobre o assunto, a maioria da população acredita que essas práticas são naturais e que não conseguem distinguir certas ações (GONZALEZ, 1984). Por isso, o racismo faz parte da nossa estrutura social e está tão enraizado e consegue ir se modificando de forma rápida, pois:

> O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em desvantagem visível, fora das estruturas dominantes (KILOMBA, 2019, pág. 77).

Com base em nossas construções históricas e sociais podemos afirmar que o racismo em nosso país se apresenta de forma estrutural, ou seja, está tão enraizado que para alguns ele sequer existe, pois torna invisível as diferenças, “naturalizando” tudo aquilo que deveria ser contestado.

Dito isto, é necessário entender que as instituições de ensino atuam como aliadas nesta estrutura racista, que recebe todos os dispositivos enviados por esta, demonstrando isso nos currículos. São relevantes ações para com alunos e alunas negras, no trato com professores, diretores, orientadores e coordenadores negros, ou seja, reforçando e ressignificando as formas racistas de trato com o outro.

> Mas o que é racismo?
> Há um espectro de reflexões e possibilidades acerca do que é racismo: Ideologia de dominação, mentalidade milenar de que alguns

> seres humanos são melhores que outros seres humanos, aparato teórico e prático ancorado na hierarquização de seres humanos... (TRINDADE, 2011, pág.5).

O racismo afeta diretamente as instituições de ensino, pois sendo estas formadoras e educadoras, são parte estrutural e estruturante do nosso país. Estas instituições possuem uma das características mais pujante do racismo em nossa sociedade que é tornar invisível as diferenças.

As práticas racistas no âmbito escolar causam efeitos variados para alunos e alunas que, em alguns casos, inclusive se retiram ou são retirados desses locais. Nas palavras de Azoilda:

> As práticas racistas produzem efeitos muito desastrosos no nível social, pois atrasam o processo de transformação social: os/as alunos/as, ao deixarem a escola, terão dificuldades para dialogar, para trocar e compartilhar, para criticar. E, no nível psicológico, podem tender a se negar, a não se gostar, a ter vergonha de si e dos seus irmãos e irmãs... (TRINDADE, 2008b, pág.35)

O racismo estrutural toca diretamente o âmbito escolar ao perceber que existe uma invisibilidade no acesso à produção de pessoas negras, nos materiais didáticos, nas bibliotecas, nas imagens selecionadas para compor murais, nas seleções de autores de livros paradidáticos e daí por diante, pois os alunos e alunas negras se viram na obrigação de tornar o padrão eurocêntrico como modelo de identidade.

Dentro desta perspectiva podemos entender que uma educação antirracista deve ter como principal pauta dar visibilidade às subjetividades, tornando constante o diálogo dentro e fora do espaço escolar, enfatizando a construção de existências diversas e múltiplas, pois:

> O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018, pág. 38).

Nesse contexto, pensar que as instituições de ensino precisam ter uma prática antirracista que venha de encontro a todo esse racismo enraizado na nossa estrutura social é uma árdua tarefa, que Azoilda, ao longo de sua trajetória, forjou estratégias e metodologias que são utilizadas ainda hoje por aqueles/aquelas que acreditam em uma educação que tenha como base a diversidade.

2.2 Educação antirracista

O passado de "esquecimento" da importância de africanos e afro-brasileiros, a negação sistemática da existência de discriminação racial e a ideia de nação mestiça criaram, ainda resistências à abordagem da

temática das relações étnico-raciais, que surgem na comunidade escolar e até mesmo, além dos muros da escola. Por isso, ministrar tais conteúdos pode nem sempre ser uma experiência tranquila. Aliás, costuma ser frequentemente tensa, com uma resposta hostil por parte dos interlocutores.
Azoilda Loretto da Trindade

A realidade multicultural de nossa sociedade será sempre a justificativa para a defesa de uma educação antirracista que respeite as diferenças culturais. Azoilda ressaltava a necessidade de enfatizar que a palavra “diferença” não podia estar diretamente atrelada apenas aos portadores de necessidades especiais, mas deveria ser aplicada quando falamos das culturas negras e indígenas.

Dito isto, lutar para que a lei 10.639/03 seja devidamente implementada nas instituições de ensino e que seja propagada por todo corpo docente é uma das primeiras alternativas na busca de um espaço onde não prevaleça a unanimidade de um grupo.

A busca por uma educação de qualidade acessível a todos e todas é uma tarefa que vem sendo executada, mas não da melhor forma, ao longo dos anos, pois tornar visíveis os anseios daqueles que não se sentem acolhidos no cotidiano escolar deveria ser a prioridade nas práticas e políticas governamentais.

Uma educação antirracista é resultado de um trabalho de militância profissional, acadêmica e política dentro e fora do cotidiano escolar, pois é entender que o racismo existe e permeia todas as instituições inseridas em nossa sociedade e isso se dá porque na nossa estrutura social o racismo é uma constante, e pode ser apresentado de várias formas.

> Acreditamos, como seres humanos comprometidos com a educação deste país, que mudanças metodológicas, didático-pedagógicas, de mentalidade e da práxis precisam com urgência ser implementadas. Cada vez mais se acirra o abismo entre a educação escolar (sobretudo a pública municipal e estadual), o trabalho, as práticas sociais e a experiência extraescolar.
> Escolas quebradas, gradeadas, assaltadas, apedrejadas, pichadas, violadas, militarizadas, policiadas. (TRINDADE, 2011, pág. 8).

A questão se inicia nas falas que são reproduzidas no ambiente escolar de que os negros contribuíram para a formação do Brasil. Se analisarmos de forma mais ampla esta afirmativa perceberemos que se o povo negro contribui, é porque já existia um Brasil completamente construído e não é assim que analisaremos. O povo negro participou efetivamente da formação do Brasil e também da formação do que chamamos de povo brasileiro.

Nesse sentindo, é fundamental entender que uma das principais formas de praticar uma educação antirracista é proporcionar que sujeitos de diversas raças e etnias sejam representadas no cotidiano escolar nas mais variadas formas. Valorizar a

imagem e a importância da prática de uma educação que seja voltada para a diversidade, corrigindo assim práticas racistas que são apresentadas de forma estrutural em nosso cotidiano escolar.

> E a escola reforça todas estas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não tem muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes (ALMEIDA, 2018, pág. 51).

Pensar uma educação antirracista que torne visível de forma igualitária personalidades, pensadores, pesquisadores de todas as raças e etnias que formaram nosso país e que, ainda hoje, contribuem para a construção de uma educação que respeite todas as subjetividades de todos aqueles que estão inseridos no âmbito escolar é uma das metas primordiais e fundamentais para uma educação pautada na diversidade.

Atuar dentro da perspectiva de uma educação que seja de fato antirracista é perceber a diversidade das existências presentes no espaço escolar, é compreender cada ser como único e múltiplo e compreender cada anseio e possibilitar práticas que ressaltem afetos e humanidade.

Nos momentos de grande exclusão social, como os tempos atuais, é importante perceber que a educação antirracista precisa ser uma educação que ressalte as diversidades presentes nas existências dos sujeitos inseridos no cotidiano escolar, pois a escola tem sua estrutura montada de maneira a possibilitar a reprodução de todas as formas de dominação desejadas. E é através das práticas do ensino que essas formas vão ser vividas, exercidas consciente ou inconscientemente (TRINDADE, 2008b).

> Uma prática docente que seja voltada para a diversidade étnica e cultural da nossa população, sobretudo dessa população que ao longo da história do Brasil, vem sendo alijada dos direitos civis, sociais e humanos, dessa população que dorme nas filas por uma vaga na escola pública. Uma prática docente política ideológica e humanamente comprometida como nosso povo mestiço, belo, forte, que luta que surpreende, que ri, que chora, que cria cotidianamente saberes e estratégias, práticas que possibilite viver/sobreviver, num tempo em que a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável (TRINDADE e SANTOS, 1999, pág. 16).

Uma educação que seja acolhedora e crítica é uma das bases desta reflexão, que entra em choque com o racismo estrutural, pois acolher é também permitir que outras formas de buscar conhecimento sejam implementadas, é deixar que sujeitos que até então não estavam inseridos no âmbito escolar se tornem presentes neste espaço.

Combater as discriminações e as desigualdades raciais não é uma tarefa fácil, pois o racismo estrutural faz com que apareçam resistências por parte da opinião púbica (GUIMARÃES, 2012). No Brasil, o racismo está entranhado nas relações sociais e por isso é preciso entender que a luta por educação antirracista está intimamente ligada na luta por uma sociedade mais juta. Em função disto, essas discussões se entrelaçam e precisam ser uma constante em nosso cotidiano.

Pensar o racismo estrutural requer perceber, em algumas situações, a dificuldade de se abordar questões que ressaltem as diferenças e contemplem todas a subjetividades, pois, no Brasil, o racismo está intrínseco nas relações sociais.

Em hipótese alguma pensamos que a busca por uma educação antirracista se dará com base na invisibilidade de qualquer subjetividade, mas o que precisamos entender e perceber é que existe uma necessidade de se repensar práticas cotidianas.

> Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade”, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2005, pág.79).

Dito isto, uma educação antirracista se propõe a ser uma via de mão dupla como afirma Paulo Freire, um processo de ensino-aprendizagem mútuo, pois nos educamos em comunhão com base no respeito, na troca de saberes respeitando as subjetividades e singularidades presentes dentro do espaço escolar, sendo assim uma educação que respeito cada sujeito.

> E por acreditar na possibilidade de uma escola justa, que atenda aos interesses e necessidades da população brasileira, logo, por acreditar que essa estrutura social baseada na exploração, na dominação, no racismo, no machismo, na competição, na corrupção e na discriminação do trabalho manual pode mudar, pode ser desmontada, em prol de outra voltada verdadeiramente para os interesses reais da população, é que estamos aqui, tentando, enquanto educadores e educadoras, nos articular / organizar para que juntos/juntas (uma andorinha só não faz verão) possamos ter uma prática de luta eficaz e gloriosa (TRINDADE, 2008b, pág. 37)

Azoilda propõe uma prática pedagógica que, juntamente com os valores civilizatórios afro-brasileiros, vai compor uma nova estrutura educacional, com base na compreensão dos sujeitos, nas experiências vividas, nesses corpos inseridos num sistema de invisibilidade que dentro deste processo emergem como sujeitos visíveis.

> E o legado decisivo foi de fato uma pedagogia que ela construiu, inteiramente voltada para a práxis junto a corporalidade. Não há pedagogia sem corpo, ela falou isso muito antes de bell hooks falar nos textos dela, do Paulo Freire vir com a pedagogia da alternância, você voltar para vivenciar ali na sua comunidade, não se deixar

> apenas pela formação acadêmica, você precisa ter ali um momento com o seu povo, para compreender que não há conhecimento apenas na a academia, é possível ter trocas e mais possível ainda é compreender isso (informação verba fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C)

Um dos caminhos propostos por Azoilda para uma educação antirracista dentro e fora dos espaços escolares, seriam os valores civilizatórios afro-brasileiros que destacam a África, a sua diversidade, e o fato de que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus descendentes brasileiros, implantaram, marcaram e instituíram valores civilizatórios neste país (TRINDADE, 2005b).

2.3 Valores civilizatórios afro-brasileiros

Ao redescobrirmos os valores civilizatórios afro-brasileiros, podemos compreender que vivemos embates terríveis, sociais e históricos, determinados pelo racismo; perceber que não estamos condenados a um mundo euro-norte-centrado, a um mundo masculino, branco, burguês, monoteísta, heterossexual, hierarquizado.... Outros modos de ser, fazer, brincar e interagir existem.
Azoilda Loretto da Trindade

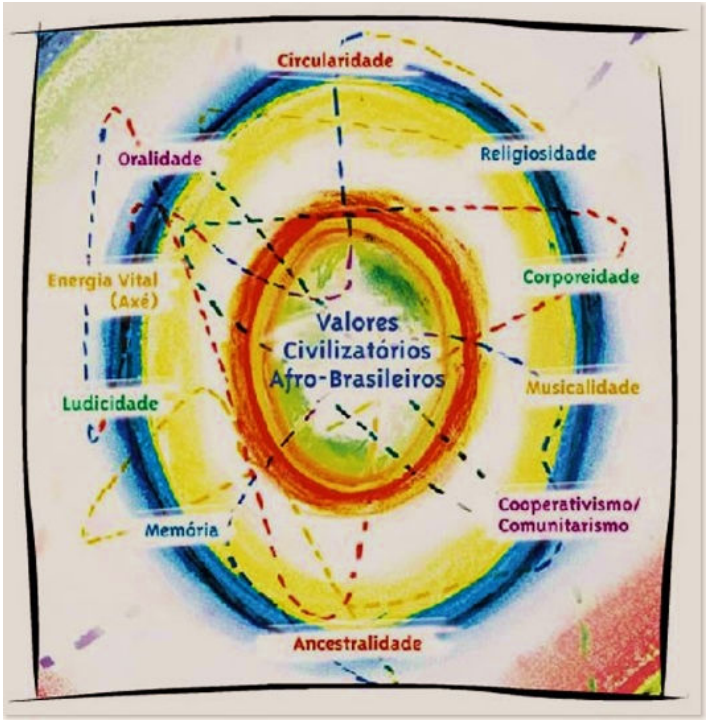


Figura 4 – Valores civilizatórios afro-brasileiros
Fonte: TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores e referências afro-brasileiras. Saberes e fazeres. V.3 modos de interagir/coordenação do projeto Ana Paula Brandão – Rio de janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

De acordo com Azoilda o diagrama acima busca mostrar/ilustrar a ideia de que os valores civilizatórios afro-brasileiros não são lineares e/ou estanques, mas se

interpenetram, se hibridizam, obedecem a fluxos e conexões que se dão na cotidianidade e na imersão e absorção dessa dimensão civilizatória, pois:

> Temos valores marcados por uma diversidade, somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização – digo processo, e não evolução. Como afro-brasileiras e afro-brasileiros, ciosas/os e orgulhosas/os desta condição, em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural (TRINDADE, 2015a, pág. 143).

Refletir sobre uma sociedade que possa de fato se colocar como antirracista é uma tarefa necessária. Para tanto, precisamos forjar instrumentos que possibilitem nos aproximar uns aos outros enquanto sujeitos, gerando múltiplas possibilidades de existências, construções de subjetividades e coletividades, criando a necessidade de pensar uma forma diferenciada de afetar cada sujeito que esteja inserido nesse processo.

Em vez de nos deixar paralisar pelas concepções que nos despotencializam, redescobrimos os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, pois temos valores marcados por uma diversidade, somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização — digo processo, e não evolução. Como afro-brasileiras e afro-brasileiros, ciosas/os e orgulhosas/os desta condição, em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, “imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural” (entrevista concedida por Ana Paula Brandão, APÊNDICE F).

Ao pensarmos sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, criamos possibilidades de contar novas histórias, de inserir sujeitos e subjetividades, dentro deste ambiente escolar que pode, e deve ser acolhedor e respeitoso com todas e todos. Incentivar a construção de identidades é: dar visibilidade a intelectuais de diversos locais, etnias, religiões entre outros. É proporcionar uma diversidade cultural, um incentivo à leituras e debates fazendo parte de um conjunto de ações que podem e devem ser utilizadas nas instituições de ensino (educação infantil, ensino fundamental e médio e universidades) e nos movimentos sociais.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são, ainda hoje, fundamentais para uma educação antirracista, para um ambiente escolar, mas também para outros espaços, pois Azoilda nos mostra que esses valores podem ser pensados e aplicados dentro e fora do cotidiano da escola, agindo como estratégia de múltiplas atuações.

Nas palavras de Janete dos Santos Ribeiro, bordar essa mulher negra, visionária, bordadeira de si e dos valores civilizatórios afro-brasileiros (Memória,

Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (energia vital), Corporeidade, Ludicidade e Circularidade), aonde a beleza negra vem com a crença “que a África e seus descendentes, imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se construíram e se constituem em um processo histórico, social e cultural. E apesar do racismo, das injustiças e desigualdades sociais, essa população afrodescendente sempre afirmou a vida e, consequentemente, constitui o/s modo/os de sermos brasileiras e brasileiros (TRINDADE, 2005) é desafiador (informação verbal de Janete Ribeiro, APÊNDICE E):[18].

> Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2005b, pág. 30).

Os valores civilizatórios afro-brasileiros são princípios e normas que constituem nossa existência no âmbito de nossas subjetividades e coletividades que forjam estratégias para nossas ações e posicionamentos nas várias esferas cotidianas.

Dito isto, para iniciar a travessia por esses valores civilizatórios afro-brasileiros começaremos com o princípio do AXÉ/ENERGIA VITAL, que está presente em tudo que é vivo, pois tudo o que existe tem axé. Tem energia vital nas plantas, água, pedras, animais, ar, tempo, ou seja, tudo é sagrado e está em interação (TRINDADE, 2005b).

Se entendemos que tudo que está neste plano terreno é sagrado, nada mais justo que tenhamos olhares e ações diferenciadas com todos os seres que vivem ao nosso redor. Essa atitude nos fará perceber como é importante nossas ações e falas para com o outro, pois:

> Reconhecemos a importância do Axé, da ENERGIA VITAL, da potência de vida presente em cada ser vivo, para que, num movimento de CIRCULARIDADE, esta energia circule, se renove, se mova, se expanda, transcenda e não hierarquize as diferenças reconhecidas na CORPOREIDADE do visível e do invisível. A energia

[18] Texto de Abertura da Exposição: IMAGINÁRIA CORPOREIDADES NEGRAS do Coletivo Negres Fotógrafes em homenagem a Azoilda no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica.

> vital é circular e se materializa nos corpos, não só nos humanos, mas nos seres vivos em geral, nos reinos animal, vegetal e mineral. “Na Natureza nada se cria, tudo se transforma”, “Tudo muda o tempo todo no mundo”, “... essa metamorfose ambulante”. Se estamos em constante devir, vir a ser, é fundamental a preservação da MEMÓRIA e o respeito a quem veio antes, a quem sobreviveu. É importante o respeito à ANCESTRALIDADE, também presente no mundo de territórios diversos (TERRITORIALIDADE). Territórios sagrados (RELIGIOSIDADE) porque lugares de memória, memória ancestral, memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de COOPERAÇÃO e COMUNITARISMO, por ORALIDADES, pela palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais (CORPOREIDADES), pela música (MUSICALIDADE) e, sobretudo, por que não, pelo prazer de viver — LUDICIDADE (BRANDÃO e TRINDADE, 2010, pág.14).

A construção existencial do ser negro, evidencia silenciamentos opressores e constantes. Por isso, pensar sobre oralidade é tão importante, pois um dos fatores que torna nossas existências visíveis e livres é o ato de falar. A ORALIDADE, nossa expressão oral, é carregada de sentido, de marcas de nossa existência (TRINDADE, 2005b), pois nossa fala evidencia o nosso estar no mundo, a capacidade de se comunicar e aprender com o outro.

O falar se faz presente em nosso cotidiano, mas principalmente no cotidiano escolar, pois é comum ouvir algum professor ou professora pedindo que seus alunos e alunos parem de falar. Esse silenciamento imposto por uma educação onde somente um sujeito pode se expressa, ressalta a necessidade de praticar um falar dentro da perspectiva da afetividade, ou seja, praticar uma oralidade que afete o outro e como via de mão dupla deixar que o outro fale e nos afete.

A matriz africana se constitui com base na circularidade, as rodas de sambas, rodas de capoeira, as giras dos terreiros e, também, as rodas de conversa. Estar em roda significa gerar a possibilidade de olhar e enxergar o outro, de se colocar no mesmo lugar que o outro. A circularidade proporciona novos olhares e percepções, permite construir e fortalecer sujeitos na compreensão de suas subjetividades.

A roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro (TRINDADE, 2005b) que resgata nossas tradições mais antigas, por meio da CIRCULARIDADE, pois, no momento em que podemos olhar e tocar uns aos outros, nos tornamos mais próximos,

> Porque no círculo eu vejo quem está do meu lado e quem está a minha frente é uma forma de eu compartilhar saberes, por isso que é tão importante cada um dizer sua palavra. Assim na educação tradicional você tem um tablado, um professor à frente, um atrás do outro, você vê a nuca de quem está à frente e o professor é aquela figura que controla todos e todas, ou pelo menos pensa que controla, não é isso? (informação verbal fornecida por Janete Ribeiro, APÊNDICE E).

A circularidade nos permite ver o corpo do outro e compreender a dimensão destes inseridos nos vários espaços, pois o corpo é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos e somos no mundo. A CORPOREIDADE (TRINDADE, 2005b) é compreender nosso ser e estar no mundo, pois a energia vital é circular e se materializa nos corpos, não só nos humanos, mas nos seres vivos em geral.

Compreender sobre corpos que tiveram suas existências negadas, subjugadas, subalternizadas e, em muitos casos apagadas é refletir sobre uma outra possibilidade de encarar nossas questões relacionadas as nossas subjetividades nos diversos espaços.

Podemos perceber que os valores civilizatórios afro-brasileiros estão inseridos de várias formas em nossas subjetividades. Estes não se apresentam de forma rígida ou linear, mas perpassam nossos corpos e existências de várias formas, atuando cada um deles juntos ou em separado.

A LUDICIDADE, a alegria, é o gosto pelo riso, pela diversão e celebração da vida (TRINDADE, 2005b). É um dos caminhos mais fáceis para promover a interação, o senso de coletividade, a ideia de parceria. Pelos momentos de ludicidade, podemos afetar o outro e descobrir formas de alegrar e celebrar nossas existências, pois nos permite buscar nossa alegria interior pelas trocas de afetos

A música promove momentos lúdicos e únicos de entrelace entre corpos numa perspectiva de integração e harmonia, aguçando nossos sentidos e afetando nossas existências. A MUSICALIDADE é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos (TRINDADE, 2005b), pois é emocional e é o instrumento que temos para transformar sinais sonoros em emoção, e vice-versa.

A cultura negra, afro-brasileira é plural, do coletivo e da cooperação (TRINDADE, 2005b). Por isso a COOPERATIVIDADE é tão importante para a construção de uma sociedade que trate de forma igualitária todos os sujeitos. Pensar o coletivo é pensar que existe a possibilidade de transformar espaços e pessoas.

Precisamos compreender a interseção entre os valores civilizatórios, pois a circularidade propõe um olhar diferenciado para com o outro e pretende obter uma junção de saberes e fazeres, pois, se neste círculo não houver cooperatividade no pensar e agir em conjunto, afetividade não estará presente.

As histórias das nossas famílias não são atravessadas com fotografias E essa MEMÓRIA que a gente tem que inventar, reinventar e buscar e me parece hoje muito caro que essa busca ela se dá pelo afeto (SANTOS, 2018). É permitir-se estar aberto para construir espaços diferenciados de convívio, é sentir esses valores inscritos na

nossa MEMÓRIA e deixar que esta aflore nossa ANCESTRALIDADE. Todas e todos que vieram antes de nós estão presentes no caminhar.

Nossas rodas, músicas e alegrias afloram nossa memória ancestral e nos faz buscar possibilidades outras de afetar existências, pois a afetividade está presente na prática do resgate desses valores civilizatórios afro-brasileiros que se apresentam como uma energia vital que nos motiva a ver, tocar, falar e compreender o outro.

A RELIGIOSIDADE é um dos valores civilizatórios afro-brasileiros que nos permite entender o aspecto sagrado do cuidar e ser cuidado, do ver e ser visto, do compreender e ser compreendido, do afetar e ser afetado, pois nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade potente e pujante que atua a todo momento e em todos os espaços, modificando e transformando existências.

Ressaltamos que Azoilda descreve a religiosidade e não a religião como sendo um valor civilizatório afro-brasileiro, fato que demonstra a necessidade de respeitar todas as religiões, compreendendo que a religiosidade é que deve ser pensada em todos os espaços com base no respeito e na afetividade.

A AFETVIDADE é um valor civilizatório afro-brasileiro, mas não aparece no diagrama como nos escritos de Azoilda, onde ela os identifica como tal, mas com certeza, é o valor que perpassa por todos os outros, pois é pelo afeto que nos unimos, que nos faz pensar sobre o pertencer e o estar do outro. É a afetividade que nos faz pensar e compreender a existência do outro, que permite nos unir para que possamos lutar por uma sociedade antirracista.

A fim de reconquistar a discussão sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros foi proposto um seminário para conversar com professores, alunas e alunos sobre como aplicar esses ensinamentos no cotidiano escolar.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros forjam uma virada epistêmica na promoção de uma educação que seja efetivamente antirracista, tendo como elo a afetividade que perpassa por todo o diagrama, percebemos que estes não são de forma alguma lineares ou estáticos, mas sim, se conectam e interpenetram e se constituem num amálgama de saberes.

2.4 Afetividade como valor civilizatório afro-brasileiro

A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que nos constitui como sujeitos do cotidiano.
Azoilda Loretto da Trindade



Figura 5 – Baobá Azoilda Loretto da Trindade.

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

O baobá Azoilda Loretto da Trindade tinha, na afetividade, o eixo condutor para acolher, cuidar, incentivar e orientar ações educativas, e isso se torna presente em suas ações. Suas andanças pelo Brasil para estar com educadores e educadoras refletem o seu empenho e dedicação na construção de cotidianos escolares que priorizem a diversidade.

A afetividade enquanto forma de afetar e ser afetado pelo outro é um dos conceitos primordiais neste estudo, pois é pelo afeto que esmiuçamos, narramos, observamos e pensamos sobre como construir um cotidiano escolar e, até mesmo, uma sociedade que abrace as diferenças e se permita ser um ambiente de valorização de subjetividades:

> Porque afetividade é você se abrir para o outro e poder acolher o outro. Porque se você não se abre, como irá acolher o outro? Se você não está para ser acolhido, como irá acolher? Quer dizer, se você não se entrega, você não vai conseguir acolher. Então isso pra mim que é afetividade (informação verba fornecida por Amauri Mendes Pereira, APÊNDICE C)

O conceito de afetividade é o que dá liga aos demais conceitos. No programa A Cor da Cultura, por exemplo, era a forma como os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros deveriam ser aplicados nas formações com os professores, e dos professores com os estudantes. A metodologia é sempre pautada pelo acolhimento e diálogo, nunca pelo confronto; ela dizia que revolucionário era o amor e o cuidado (entrevista concedida por Ana Paula Brandão, APÊNDICE F).

No que tange os escritos de Azoilda, o conceito de afetividade nos dá entendimento de como nos relacionamos com outro e como nos colocamos no mundo. O afetar e ser afetado é uma espécie de tarefa constante e diária que nos faz pensar de forma diferenciada e na sua atuação como educadora. Podemos perceber como o afeto está presente de forma latente e pujante em todos os momentos do pensar e estar com o outro.

A afetividade está presente no acolher e entregar, ou seja, no estar no mundo. O modo de ouvir, agir, tocar, pensar, brigar e acariciar está envolvido no processo da construção afetiva. É perceber que o outro possui suas subjetividades e precisa ser respeitado e acolhido.

Afetar o outro é propiciar a construção de potências, é perceber que cada indivíduo pode e deve ser compreendido nos detalhes de suas necessidades particulares para que possa ser visto e encarado com um ser completo.

Refletir sobre afetividade em tempos em que o cuidado com o outro está cada vez mais escasso é uma tarefa árdua e difícil. Porém, é preciso repensar os caminhos que nossas relações estão tomando para que possamos retornar a uma sociedade que tenha no afeto uma forma de ação e reação. Acolhida como aceitação do outro na sua humanidade e na sua capacidade de mudança. E para que haja aceitação e acolhida se faz necessário o diálogo (de corpos e culturas) (TRINDADE, 2010).

O processo histórico de desumanização de sujeitos nos leva a entender ainda mais que todas as existências estão recortadas pelas relações de afeto e afetividade, pensando sempre que o afeto é o elemento primordial que humaniza e visibiliza sujeitos.

Refletir que cada indivíduo é único dentro de uma perspectiva diversa é compreender que cada um é afetado de uma forma diferente. No que tange as

instituições de ensino, o afeto se torna a principal fonte para compreensão dos acontecimentos do cotidiano, pois afetar é proporcionar sentido a questões, preocupações, ações e emoções que são invisibilizadas.

O afeto é a principal forma de educação, pois ele nos torna humanos. Afetar o outro no sentido de agir, e não simplesmente sentir, cria uma potência em torno daquilo que podemos fazer pelo outro, pois:

> O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos, os afetos, os desejos? (TRINDADE, 2008a, pág. 9).

Podemos afirmar que o afeto está presente durante toda a jornada de Azoilda, seja com a sua presença ou a sua ausência. Aqui, ao pensar sobre esse afeto que nos remete a questões políticas e sociais, que são recortadas pelas relações que nos remetem, ao se perceber no outro, ao se olhar e enxergar o outro, tendo como sentimento o gostar do outro com todas as suas subjetividades, necessidades e potencialidades.

É necessário lembrar que no cotidiano as relações de afeto são constantes e eficazes para que se possa construir ambientes que entendam que o caminho para uma educação igualitária, é ressaltar as diferenças:

> Em outras palavras, porque o mundo é um montão de gente, um mar de fogueirinhas e para que as fogueirinhas existam, queimem, sejam calmas ou tenham a intensidade capaz de incendiar outras pessoas, é fundamental a nossa afetividade. Porque afetividade tem relação direta com o influenciar e ser influenciado, potencializar, possibilitar. Porque afetividade está relacionada ao gostar de gente, propiciar encontros, contatos, afetos e afetações. Porque afetividade nos reporta ao corpo e porque os corpos são potências, possibilidades, amorosidade. A afetividade é uma manifestação corporal, uma expressão corporal fundamental para os encontros, contatos, para as expressões de desejos, pensamentos individuais e coletivos, de emoções as mais diversas, de sentimentos como amor, ódio, cuidado. Em síntese, a forma, a maneira como estou/sou no mundo afeta o mundo, as pessoas (TRINDADE, 2006a, pág. 102 e 103).

Um dos fatores importantes a serem abordados é de que o processo de afetar e ser afetado pelo outro, não precisa, necessariamente, ser doloroso, mas pode ser construído de forma serena e respeitosa dentre todos os envolvidos.

A afetividade vai proporcionar uma vivência que seja verdadeiramente abrangente e que ressalte as diferenças contribuindo para a formação de identidades. Ao resgatar os valores civilizatórios afro-brasileiros, percebemos que a afetividade é o

elo que nos une dentro de uma perspectiva de nos aproximarmos enquanto povo, repensando existências que foram subjugadas e criando laços onde a diversidade e multiplicidade que existem em cada um de nós serão fundamentais para a criação de uma nova humanidade. Uma humanidade sem racismo, que preza o respeito, a convivência e o diálogo. Em se tratando de uma educação para o amanhã, tecida no hoje, com o legado do ontem, eu diria, uma humanidade do amor (TRINDADE, 2015b).

Dentro desta perspectiva, pensar sobre afetividade é também pensar ações que possibilitem uma transformação social e individual pelo resgate de memórias, ancestralidade e a força vital que nos move e que nos fortalece, proporcionado o rompimento com o racismo que marca nossos corpos, criando enfim, uma sociedade que respeite as subjetividades de todos os sujeitos envolvidos.

A professora Giovana Xavier destaca que (informação verbal) Azoilda era pioneira em falar uma coisa que é óbvia. A melhor forma de educar é através do amor, ela era uma mulher que semeava o amor, pois ela parava nas horas mais inusitadas e mandava fazer uma roda, vamos dar as mãos, vamos ver como isso se aplica em nossa vida, vamos parar agora e falar do que não está funcionando, para que de fato funcione. Azoilda era muito olho no olho, era a pessoa que dizia que relação tem que ser humana, tem que ser no olho no olho, tem que vir da oralidade, da escuta e várias coisas que hoje são consolidados, essa coisa de lugar de fala, de escuta e sem dar estes nomes a Azoilda vivia praticando e eu acho isso interessante, muito visionária. (entrevista concedida por Giovana Xavier, APÊNDICE D)

O ato de afetar e ser afetado pelo outro se apresenta como uma energia vital que irá mover estruturas e construir novos espaços de trocas de saberes, compreender que somos energia e que estamos em constante processo de estar no mundo como seres únicos dentro de múltiplas diversidades. O cotidiano escolar é um ambiente potente e pujante no que tange o princípio da afetividade, pois respeitar, entender e estar com o outro é circular energia e proporcionar trocas.

2.5 O cotidiano escolar

Quando a gente pensa em escola, certamente surge a imagem de um prédio, mas o que a define são as práticas e/ou os efeitos dessas práticas que lá ocorrem.
Azoilda Loretto da Trindade

Pensar sobre a escola e seu cotidiano sempre foram reflexões presente nos escritos de Azoilda, pois a importância deste espaço é fundamental para construir um

ambiente acolhedor que retrate as necessidades de todos os sujeitos envolvidos, permitindo uma troca de saberes e que ao mesmo tempo respeitasse todas as subjetividades. Esse foi um dos pontos mais importantes em sua trajetória.

Nesta perspectiva histórica, percebemos que a escola no Brasil sempre esteve atrelada aos interesses das classes dominantes, existindo como mais uma instituição que contribui para a perpetuação, para a sustentação dessas classes, pois a escola é a instituição e o ensino é a prática que, predominantemente, estará presente nesta instituição (TRINDADE apud BARROS e OLIVERA, 2008).

Como educadora, Azo se preocupou em seus escritos e ações com as interações presentes nas instituições de ensino, entendendo este espaço como um local de troca de saberes e afetos e não como um cotidiano escolar que fosse apenas reprodutor de ideias, preconceitos e desigualdades, pois:

> Visibilidade, audibilidade das diferenças de gênero, cultura, cor, etnia, orientação sexual, deficiências; emergir nas histórias submersas de educadores (as), de alunos (as), da nossa população, que nos diz de sujeição, mas também de insurreição, lutas, criatividade, busca de alternativas. Tudo isso nos aponta para a construção e fortalecimento de uma certa prática docente que valorize não só a razão, a linearidade da escrita, a letra, a tecnologia, mas outras fontes de saber, o coração, a pele, o olfato etc. Uma prática docente que valorize uma aprendizagem que nos promova por inteiro e que seja coletivamente insurgente. Coletiva porque não isolada, mas que mantenha com outros um diálogo compartilhando as angústias, os erros, os acertos, as construções, as terceirizações e reflexões, os sonhos (TRINDADE e SANTOS, 1999, pág. 15).

Falar sobre afeto e a capacidade de afetar e ser afetada, é luta, é luta diária, é luta constante. Ser professora/professor significa estudar, estudar, estudar, acolher, acolher, acolher e que esse estudar ele está ligado a uma tríade, a tríade que é academia, a tríade que é a escola básica e a tríade que é a militância (SANTOS, 2018), pois Azo sinaliza a importância de se refletir sobre a tentativa camuflada de excluir e invisibilizar a cultura afro-brasileira e as discussões sobre diversidade, tão importantes para construção de existências que entendam a importância da afetividade para a promoção de uma sociedade menos desigual.

O cotidiano escolar é múltiplo e diverso, e precisa se propor a estar aberto a enfrentar os desafios e embates construídos pelas desigualdades, tentando reverter um processo que historicamente vem massacrando os afro-brasileiros:

> Ora, uma educação multicultural, criativa e inclusiva, no sentido de incluir na pauta as diferenças, o contato, o diálogo, a interação com as diferenças, coloca a própria escola num lugar de questionamento quanto ao seu papel, seu sentido, seu significado. Qual o papel da escola num contexto multicultural que se sabe político, e que não se

> propõe racista, nem elitista, em machista, nem etnocêntrico.... É essencial percebermos a dimensão disto tudo. O que nós, como educadores, faremos? E como faremos? Como nosso currículo se configurará? Como serão e deverão ser nossas aulas, nossa avaliação, nossa sala de aula? Como será nossa postura? Como não sermos tão individualistas e julgarmos que os outros são muito diferentes de nós, a ponto de nos transformarmos numa ilha cercada de ilhas por todos os lados? Como não ser tão universalistas a ponto de apagarmos singularidades culturais, políticas, sexuais, sociais, intelectuais? Como levar em consideração todos os segmentos da escola? Como enfrentar que nossas mais belas intenções e ações são ainda incipientes, que são muitos poucas, embora necessárias? (TRINDADE, 2013a, pág. 60 e 61).

Os muitos questionamentos de Azo, nos fazem perceber a importância de ainda pensarmos o cotidiano escolar e todos os sujeitos que nele estão inseridos, pois todas as ações, discussões, perspectivas, pensamentos, atitudes, entre outros, fazem parte de um elo gerador de consciência no qual todos que fazem parte deste espaço estão sujeitos a sofrer suas mazelas.

> É bom sinalizar que qualquer caminho trilhado no sentido de lidar com as diferenças no cotidiano educacional não é neutro, nem ideal. Todos nós estamos marcados por nossas visões de mundo, por valores incorporados ao longo da nossa existência, por ideias e ideais construídos ou apreendidos, por concepções a respeito da vida e do mundo. É bom lembrar que a vida, no singular e no plural, é muito mais abrangente do que nossa condição humana pode captar, compreender, capturar (TRINDADE, 2013a, pág. 58).

Refletir esse cotidiano é perceber que existe uma necessidade de entender como estes sujeitos se comportam na convivência uns com os outros e dessa maneira como conseguem afetar e ser afetados uns aos outros. Em tempos em que as desigualdades estão tão afloradas, pensar alunas e alunos que são invisibilizados (pensando esta invisibilidade como um processo de falta de compreensão, atenção e reflexão sobre suas existências) como sujeitos de conhecimento é pensar possibilidades outras de afetar e ser afetado, pois:

> Simbolizado por Exu, cotidiano seria criatividade, tensões, cisão, ousadia, simulação, dissimulação, sabedoria, astúcia, desejo, prazer, contradição, síntese, fluidez, insustentabilidade, liberdade, vida. Circunscrição de circularidades, de acontecimentos, de potência. Território de encontros, embates, paradoxos, avanços e recuos.
> Incapturável, imprevisível, como, talvez, num caleidoscópio – dependendo de como olhamos, podemos perceber imagens em movimentos diversos nos quais, ainda que em flashes, algo de visível e previsível pode ser capturado. Território onde os opostos se cruzam, dialogam, interpenetram (TRINDADE, 2008a, pág. 4).

Percebemos que as palavras são usadas e causam um certo impacto, mas as ações, afetos e os exemplos estes sim, vão agir de maneira eficaz, pois estar com o

outro, perceber a existência do outro e todos os questionamentos que cada um traz é o fator primordial para compreender a importância do afeto nas relações. Esse cotidiano escolar vivo, pujante e acolhedor, promovendo o entrelace entre vivências, será conquistado, também, por meio de uma educação antirracista, pois:

> Temos, nesta vivência cotidiana de ativismo e pesquisa com relação ao racismo, centenas de exemplos de situações como essas: numa sala de aula em que a professora é negra, alguns pais lhe perguntam onde podem encontrar a professora da turma. Ou, quando um/a diretor/a de alguma instituição, como escola, repartição pública, gerência, etc. é negro/a, muitas pessoas, ao se dirigirem a ele/ela, perguntam pelo diretor ou gerente. Quantos negros e negras, por conta do racismo, vivem cotidianamente sob a égide do julgamento do racista, que busca a todo o momento um erro, uma falha, um deslize humano deste sujeito para justificar sua discriminação e racismo? A vivência do/a negro/a em espaços sociais a ele negados, obviamente produz consequências subjetivas e objetivas: loucura, suicídio, lutas, exclusão de mais de cinquenta por cento da população do seu direito à cidadania, da sua condição de ser humano... (TRINDADE, 2005a, págs. 63 e 64)

O cotidiano escolar é complexo, sobretudo ao pensá-lo na perspectiva da diferença (TRINDADE, 1998), pois se ressaltamos as diferenças trilhamos um caminho que vai nos levar rumo a uma educação que inclua e valorize sujeitos, sendo o local onde tudo aquilo que se apresenta no dia a dia, que nos faz estar junto do outro, e poder pensarmos as perspectivas de diversidade e diferenças mesmo que em alguns momentos estejamos separados:

> Acreditamos que uma educação multicultural, inclusiva, crítica e criativa demanda mudanças radicais nas estruturas de poder da escola e da sociedade, demanda mudanças em nós mesmos e mudanças de paradigmas. Aliás, para as mudanças de paradigmas, para incorporarmos outros atores e interlocutores, é necessário revermos os saberes socialmente valorizados e historicamente construídos. A Psicologia, a Sociologia, a História, a Matemática, a Biologia, a Física, as Ciências de um modo geral terão que ser revistas e rediscutidas. As disciplinas poderão até ser ultrapassadas (TRINDADE, 2013a, pág. 61).

A prática diária que nos coloca em contato com realidades diversas, nos faz perceber que afetar e ser afetado pelo outro é uma tarefa constante e necessária para que possamos não negligenciar a nós e aos outros.

Lembrando que não somente de sala de aula é composto o ambiente escolar, mas é neste espaço que as situações acontecem com mais frequência, rapidez e fluidez, se faz preciso observar que neste ambiente sujeitos com diversos anseios, vontades, necessidades, pensamentos, atuações e perspectivas se juntam.

Atualmente o ambiente escolar ainda permite uma padronização de indivíduos dentro de um perfil distante da maioria dos alunos e alunas se concretize com ações que invisibilizam sujeitos, uma prática recorrente ao longo dos últimos séculos em nossa sociedade, que nos faz entender o motivo das instituições de ensino serem um espaço de promoção de preconceitos e desigualdades.

> Os dirigentes da educação pública no Brasil na primeira metade do século XX não impediram alunos de cor de frequentarem suas escolas. Ao contrário, entre 1917 e 1945, eles se empenharam em uma série de expansões do sistema escolar e em projetos de reforma que visavam a tornar as escolas públicas acessíveis aos brasileiros pobres e não-brancos que, na virada do século, eram, em sua ampla maioria, excluídos da escola. Esses educadores buscavam "aperfeiçoar a raça" – criar uma "raça brasileira" saudável, culturalmente europeia, em boa forma física e nacionalista. As elites brasileiras da primeira metade do século XX tendiam a acreditar que os pobres e não-brancos eram, em sua grande maioria, degenerados. Definindo esse estado de degeneração em termos médicos, científicos e científico-sociais, eles clamaram para si próprios o poder de remediá-lo e assumiram para si a questão da educação pública. Definiram as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados. Suas crenças forneceram um poderoso motivo para a construção de escolas e moldaram a forma como essas escolas funcionariam (D'ÁVILA, 2006, pág. 21 e 22).

Nesse sentindo, podemos perceber que o cotidiano escolar contribuiu e ainda contribui para uma educação padronizada que não se predispõe a gerar potências, pois com tantos preconceitos enraizados na estrutura de nossa sociedade, em muitas situações é permitido normalizar e naturalizar situações, estereótipos e pessoas, sem levar em considerações suas singularidades e diferenças.

É necessário propor através das estratégias sinalizadas por Azoilda uma virada epistêmica nas propostas educacionais vigentes, atuando nas instituições e em todas as brechas possíveis para que possamos abranger um número cada vez maior de educandos e educadores que se proponham a pensar o outro e suas subjetividades.

O cotidiano escolar precisa estar pujante, aberto e disponível a mudanças, propondo a queda de verdades tidas como universais e eternas, pensando principalmente as instituições públicas de ensino. É preciso entender estes cotidianos que vêm sendo discutidos e criticados ao longo dos anos, e exigir que se reivindique dentro destas instituições um papel pedagógico que possa resgatar uma educação pautada no diálogo e na troca de ideias.

Sendo assim, o cotidiano escolar precisa estar pronto para absorver os valores civilizatórios afro-brasileiros como proposta para gerar potências e permitir a construção de existências múltiplas, pois priorizando a educação nesses valores

aprendemos a ter novas atitudes para com o outro e para nós mesmos, num processo individual e coletivo de aprendizagem.



Figura 6 – Retrato 04 de Azoilda Loretto Trindade
Fonte: Acervo Canal Futura – Projeto A cor da Cultura

Todos, exatamente todos os tipos de seres humanos, de qualquer nacionalidade, etnia, cor, características físicas e psíquicas, orientação política, religiosa, sexual, classe social, portadores/as de necessidades especiais ou não, são obras divinas, todos são expressão criativa de uma divindade. Todas as pessoas, com suas características as mais diversas e contraditórias, têm o direito de viver e conviver na Terra, não sem conflitos, encontros, desencontros, diálogos, afetos e desafetos, movimentos, mas têm direito pleno a desfrutar da beleza da vida.
Azoilda Loretto da Trindade

Estação 3
Humanismo, existencialismo e identidades negras

3.1 Existencialismo e o ato de existir

A invisibilidade é a morte em vida.
Azoilda Loretto da Trindade

Ao iniciar esta terceira estação, retomamos os escritos de Azoilda que nos mostrou ao longo deste trabalho a importância de tornar visíveis sujeitos que até então foram invisibilizados em função do racismo estrutural presente em nossa sociedade. Para tanto, resgatamos o conceito filosófico do existencialismo que é de pôr todo ser no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que este é responsável por si próprio, não queremos dizer que é responsável pela sua estrita individualidade, mas que é responsável por todos os seres.

> Essa invisibilidade e essa exclusão criam e reforçam estereótipos, estigmas. A falta de visibilidade de referenciais cria um sentimento de não pertencimento, de deslocamento e, mesmo quando um negro, ou uma negra, ocupam posições visíveis, de comando, de saber, na mídia ou na sociedade, a pressão se faz presente: a falta de hábito de ver e conviver com esses profissionais nestes setores citados causa não só um estranhamento como uma espécie de dúvida, de insegurança, de desconfiança por parte dos outros e, muitas vezes, por parte do próprio negro quanto à sua real competência para ocupar aquele lugar (TRINDADE, 2005a, pág, 63)

Azo irá compreender que esses sujeitos que possuem seus corpos invisibilizados, buscam vivenciar suas presenças concretas no mundo, pois nossa existência e potencialidade se circunscrevem em nossos corpos.

A definição de existência está ligada a todas as experiências vividas que irão compor o ser, experiências e escolhas únicas e individuais que irão influenciar diretamente na essência e na subjetividade de cada um. Cada sujeito se constrói com base na sua existência, que terá como matriz fundamental suas subjetividades, como conhecimento do seu corpo, espaço e entorno. O que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define (SARTRE, 1978).

O ser é ao mesmo tempo, simples e múltiplo, pois comporta elementos físicos, psíquicos e espirituais (HAMPATÉ BÂ, 1981), sendo tudo aquilo que se apresenta com maior facilidade de compreensão a existência física, que é precedida por uma existência, que aqui será denominada de essência.

> O ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é o seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas (HAMPATÉ BÂ, 1981, pág. 3).

A construção existencial demonstra que existe uma essência humana que nos determina, mas essa essência é constituída por meio da existência, ou seja, a partir das escolhas feitas.

De acordo com o existencialismo, é impossível achar em cada homem uma essência universal que seria a natureza humana. Existe, contudo, uma universalidade humana de condição. As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. Mas o que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal (SARTRE, 1978).

O pensar existencialista perpassa a construção de uma ideia de ser humano que não é universal, mas que invisibilizou sujeitos e suas subjetividades, pois quando Fanon afirma que se descobriu objeto em meio a outros objetos, ele está afirmando a dificuldade de se pensar uma existência negra que advém de um projeto ancestral de existência e que precisa ser ressignificado com base na resistência.

> O eurocentrismo - ideologia de supremacia étnico-cultural europeia, hoje euronorte-americana que, a serviço do imperialismo e do neocolonialismo, nega, subestima e inferioriza todos os povos e nações que não sejam compostos de brancos e/ou de cultura europeia (TRINDADE, 1994, pág. 28).

Ao propor um diálogo entre a definição de existencialismo escrita por Sartre e a construção existencial do ser negro, percebemos que este existencialismo proposto não abraça o racismo sofrido pelos negros, sendo necessário fazer uma reflexão sobre uma ideia de um humanismo que supunha ser universal. Ressalta do que se expôs, que o existencialismo se apresenta sob a forma de um humanismo e de uma filosofia da liberdade, que é, no fundo, um pré-compromisso, um projeto que não se define (SARTRE, 1978).

A construção existencial das identidades negras nos faz refletir sobre a possibilidade de funcionamento de uma essência eurocêntrica que antecede a existência do ser negro, pois existe uma ideia de um sujeito universal e essencial eurocêntrico.

A ideia de um humano universal é refutada por Fanon, que nos mostra que pensar dentro de um processo ontológico requer devidos cuidados para que se possa entender e situar sistemas que referenciem o ser negro.

Não podemos afirmar que exista uma igualdade dos homens diante do mundo. Sendo assim, cada existência é única, mas também não podemos afirmar que todos os homens são vistos como homens e que suas existências são referenciadas da mesma forma, pois o homem apresenta-se com uma escolha a fazer. Muito bem. Antes do mais, ele é a sua existência no momento presente, e está fora do determinismo natural; o homem não se define previamente a si próprio, mas em função do seu presente individual (SARTRE, 1978). Nesse contexto podemos afirmar que cada existência reflete em práticas que irão compor cada essência. Pensar que existe um processo que é de fora para dentro nos faz perceber a importância do pensar sobre nossas ações.

Pensar a definição de essência se faz necessário para que possamos entender as subjetividades de cada sujeito. Essas subjetividades se relacionam com a existência de modo que possam estar num constante movimento de construção e até mesmo de reconstrução.

A existência pensada a priori, não desconsidera a individualidade e a ancestralidade de cada sujeito, pois estas perspectivas permeiam todo o processo do existencialista. Entender que cada sujeito se descobre surgindo no mundo, e neste processo irá se definindo, mostra que nossas existências são mutáveis e complexas.

3.2 Identidades

E as crianças e adolescentes negros, afrodescendentes, que pertencem a um grupo que têm sua história escondida e/ou negada na sociedade; que têm suas necessidades, seus modos de ser, seus problemas, sua cultura, as lutas e ações positivas do seu povo, sua voz, sua pele, seus cabelos negados, escondidos, invisibilizados; que sofrem diretamente com a omissão, segregação e secundarização dos problemas específicos do seu povo.

Azoilda Loretto da Trindade

Buscar incentivar a construção das identidades não é uma tarefa recente e, também, não existe um consenso sobre sua eficácia de abordagem, pois, durante

séculos, pesquisadores e estudiosos se debruçaram sobre o assunto na busca em compreender a necessidade que determinados grupos excluídos pela sociedade tinham e ainda têm, de compreender suas existências, pois:

> Estamos imersos nos perigos das armadilhas de um mundo que tende a negar a diferença, estabelecendo padrões de normalidade excludente, normas padronizadas, etiquetadas, estereotipadas, planificadas, que hierarquizam as diferenças, o humano (TRINDADE, 2008a, pág. 10).

Azoilda já sinalizava as artimanhas do racismo estrutural que, por estar tão intrínseco em nossa sociedade, agia de forma tão presente e eficaz forjando não a construção de identidades múltiplas e diversas, mas sim de uma identidade onde o interesse fundamental seria manter um padrão vigente que exclui boa parte de nossa população, pois negras e negros viram-se obrigados a tomar o padrão eurocêntrico como modelo de identidade (SOUZA, 1983).

Pensar sobre identidades é pensar sobre diferenças e não em igualdades, como comumente observamos. É pensar que estas diferenças estão entrelaçadas e precisam, de algum modo, se tornarem visíveis. Refere-se ao pertencimento dos sujeitos com relação a um determinado grupo social, a partir de afinidades culturais, históricas e linguísticas.

> A categoria identidade é efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, influencia sua autoestima e sua maneira de existir. Nesse sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática da pessoa negra, o conhecimento da maneira como ela desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos nos quais é discriminada negativamente (PINTO e FERREIRA, 2014, pág.261).

Como educadora, Azo tinha uma grande preocupação com as crianças e adolescentes negros inseridos no cotidiano escolar, e a importância de uma construção existencial de suas identidades. Dito isto, ao pensarmos a construção de um processo coletivo e/ou individual dos anseios dessas crianças e adolescentes inseridos no cotidiano escolar nos permitimos perceber a importância da afetividade para gerar identidades, pois no processo de construção identitária é necessário compreender a importância de todas as características que nos tornam diferentes, ressaltando que a diferença faz parte deste processo, pois, sem ela, criamos padrões que pressupõe serem normas.

> Rompendo com o racismo que marca nossa brasilidade e valorizando a nossa afro-brasilidade brasilidade, trabalhamos na direção do orgulho, da positividade de ser brasileiro. Ora, todo mundo tem, no Brasil, um pouco de africano dentro de si. Todos temos a África dentro de nós (TRINDADE, 2015b, pág. 50).

O pensar sobre identidade está sendo extensamente discutido na teoria social (HALL, 2002), pois é uma ferramenta essencial para a análise da sociedade, por meio de construções teórico-conceituais e interdisciplinares incluindo: sociologia, antropologia, geografia, psicologia, economia, ciência política e filosofia.

Consciente ou inconscientemente identificamos que identidades foram invisibilizadas por um sistema que, apesar de possuir uma legislação específica, em alguns casos ainda não consegue potencializar a implantação de ações afirmativas de reconhecimento e valorização na construção de identidades negras.

> Somos únicos e somos múltiplos, somos uma riqueza de possibilidades. E podemos nos conectar, nos compreender, nos comunicar, interagir...nos constituir em comunidades, grupos, sociedades, civilizações... e compartilhar as graças e desgraças da existência (TRINDADE, 2008a, pág. 8).

Há uma diversidade dentro da unidade humana, pois a unidade biológica está entrelaçada a diversidade de experiências, atitudes, vivências que compõe as identidades inseridas no contexto da construção de existências únicas e diversas.

As identidades modernas estão sendo descentradas, pois as sociedades modernas no final do século XX estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (HALL, 2002). Os sujeitos não apresentam uma única identidade, mas várias, por vezes contraditórias ou mal definidas. Essas identidades não são essenciais, unificadas ou permanentes, mas sim, construídas por processos histórico-culturais, portanto, dinâmicas.

Os padrões de normalização ocultam características fundamentais de cada sujeito, pois é necessário compreender que dentro do processo de construções de identidades todas as informações são relevantes.

> Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelo quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (SILVA, 2000, pág.4).

Toda identidade humana é construída e histórica. Todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, a religião de “heresia” e a ciência de “magia”. Histórias inventadas, biologias inventadas

e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade. Cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente. (APPIAH, 1997).

No que tange a definição mais simples de identidade, podemos dizer que seria simplesmente aquilo que se é, ou seja, aquilo que cada sujeito percebe ser e entende como sendo constituinte de suas subjetividades. A identidade seria uma questão política, ou seja, uma produção na coletividade que permiti o vir a ser do humano por meio da transformação do real e das condições de existência (PINTO e FERRREIRA, 2014).

Parece simples, mas não é, pois, se pensarmos a relação que os grupos excluídos constroem ao longo do tempo com seus corpos e sua localização no mundo, percebemos que existe uma dificuldade de se compreender onde se encaixar, pois ao tomarmos os processos identitários como categoria de análise, partimos da premissa de que discutir identidade é discutir transformação, que faz parte de um processo dinâmico, histórico e político (PINTO e FERRREIRA, 2014), pois:

> Temos como referência que qualquer caminho trilhado no sentido de lidar com a dupla diversidade -igualdade, com o foco na dimensão das diferenças humanas no cotidiano educacional, não será neutro, nem ideal, mas comprometido com nossas visões de mundo, com valores que incorporamos ao longo da nossa existência e tecido por concepções a respeito da vida (TRINDADE, 2008a, pág. 15).

Se perceber, dentro de uma construção social e geopolítica caminhando para o individual, não é uma tarefa fácil, sendo diferente do padrão vigente. Afirmar que uma determinada identidade requer reconhecimento, nos remete ao fato de que este processo de construção é único e subjetivo, pois fazer parte de um determinado grupo que não seja homogêneo e com características que não podem ser padronizadas, requer um certo entendimento de quem se é.

> Fascina-me ver que os corpos humanos são tão diversos e ao mesmo tempo tão iguais. Isso se aplica a tudo no mundo, mas é instigante observarmos a nossa rica diversidade e, ao mesmo tempo, triste ao perceber como há uma tendência ainda hegemônica em justamente capturar essas diversidades, aprisionando-as em padrões mercadológicos (TRINDADE, 2008a, pág. 15).

Na afirmação de que somos todos humanos, buscamos padronizar todos os pormenores envolvidos no fato de ser humano, mas deixamos de lado todas as diferenças que compõem cada indivíduo dentro de suas humanidades e que são o que vão nos tornar únicos em nossas subjetividades.

No que tange a essas identidades múltiplas pensar sobre corpos diversos inseridos num meio social é também pensar na multiplicidade de ações, em tudo aquilo que está, que é dinâmico e político. São os saberes que podem ser criados e utilizados com base no auto reconhecimento, na busca da transformação para o fortalecimento e construção de potências.

3.3 Humanismo e Identidades Negras

Grande parte da nossa população brasileira não se reconhece afro-brasileira. Neste sentido, o lado afro da nossa história, o escondido, o submerso da nossa memória, necessita ser descortinado, exposto. Essa memória afro-brasileira precisa vir à tona e creio ser no exercício de lembrar que emergir, o sair da amnésia social, na qual nos encontramos, pode acontecer coletivamente. E nada melhor para isso do que lembrar das histórias inscritas no nosso corpo, em especial no nosso corpo de educadoras e educadores
Azoilda Loretto da Trindade

Um dos pontos centrais deste trabalho é mostrar como a intelectual Azoilda Loretto da Trindade pensou e aplicou uma pedagogia antirracista proporcionando a construção de identidades negras com base na visibilidade e no fortalecimento, pois:

> Ao se reportarem à identidade, principalmente à identidade da pessoa negra, é muito comum as pessoas categorizarem os indivíduos quanto às suas características raciais de maneira reducionista, baseando-se exclusivamente na cor da pele – classificando-os em negros ou brancos. Para compreendermos a problemática da pessoa negra, o conhecimento de como ela se constitui no mundo, construindo a sua autoestima, autoimagem e sua maneira de existir, é fundamental que compreendamos a categoria identidade (PINTO e FERREIRA, 2014, pág.261).

Para trilhar a discussão sobre humanismo e identidades negras traremos os escritos do filósofo Frantz Fanon, percebendo como a visão eurocêntrica do que é ser humano desumanizou a população negra. De acordo com Fanon, o negro em seu país ignora o momento em que sua inferioridade passa pelo crivo do outro, pois aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica, negando assim, que todas as pessoas carregam saberes.

> A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem por minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal (FANON, 2008, pág. 109).

Nesse contexto, essa resistência ontológica que seria a natureza do ser negro, ou a existência de sua própria realidade, está condicionada ao olhar do branco, a tudo aquilo que o branco identificou. Sendo assim, esta resistência do ser negro está diretamente ligada ao olhar do branco, pois o tornar-se negro se dá pelo olhar do

outro. A forma como o branco olhou para o negro, e criou um imaginário, é perpetuado ainda nos dias de hoje, pois:

> O passado de “esquecimento” da importância de africanos e afro-brasileiros, a de- negação sistemática da existência de discriminação racial e a ideia de nação mestiça criam, ainda, resistências à abordagem da temática das relações étnico-raciais, que surgem não só nas salas de aula, mas também na comunidade escolar e até mesmo além dos muros da escola (BRANDÃO e SANTOS, 2015, pág.14).

Ao pensarmos um entrelace entre as teorias dos filósofos Frantz Fanon e Jean-Paul Sartre podemos perceber como existe uma distância entre as perspectivas abordadas, entendendo o lugar de cada pensador, pois o conceito de humanidade que se propôs ser universal nos permite entender como este humanismo precisa compreender o devir negro que propõe uma multiplicidade, a experiência negra não é igual a experiência europeia.

> Seus escritos, seus poetas, com uma incrível paciência, tentaram explicar-nos que nossos valores não colavam com a verdade da vida deles, que eles não podiam rejeitá-los nem assimilá-los completamente. Em geral, isso queria dizer: vocês fazem de nós monstros, o seu humanismo nos afirma como universais e as suas práticas racistas nos particularizam (SATRE apud FANON, 2005, pág. 24)

No prefácio do livro “Os Condenados da Terra”, de Frantz Fanon, o filósofo Jean-Paul Sartre faz uma reflexão sobre esta ideia de que o humanismo supunha-se ser universal, mas que se configurou de forma desumana quando esconde o racismo sofrido pelos negros. Essa ideia acabou: as bocas se abriram sozinhas; as vozes amarelas e negras ainda falavam do nosso humanismo, mas era para acusar a nossa inumanidade (FANON, 2005)

> Nas colônias, a verdade se mostrava nua; as “metrópoles” a preferiam vestida; era preciso que o indígena os amasse. Como mães, de certa forma. A elite europeia pôs-se a confeccionar um indigenato de elite; selecionavam-se adolescentes, marcavam-se em suas frontes, com ferro e brasa, os princípios da cultura ocidental, introduziam-lhes na boca mordaças sonoras, grandes palavras pastosas que colavam nos dentes; depois de uma breve permanência na metrópole, mandavam-nos de volta, falsificados. Essas mentiras vivas não tinham mais nada a dizer aos seus irmãos; eles ecoavam. De Paris, de Londres, de Amsterdam, lançávamos palavras: “Paternonn! Fraternidade!” e, em algum lugar da África, lábios se abriam: “...tenon!...nidade!” Era a idade do ouro.
>
> Essa idade acabou: as bocas se abriram sozinhas; as vozes amarelas e negras ainda falavam do nosso humanismo, mas era para acusar a nossa inumanidade (SATRE apud FANON, 2005, pág. 23)

Nesse sentido, percebemos a existência de um humanismo que transformou humanos em “coisas”, essa coisificação do ser negro que influencia até os dias de hoje na construção das identidades negras, pois:

> O eurocentirsmo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como menos desenvolvidos (NOGUERA, 2014, pág. 25)

As práticas de desumanização do negro tiveram um suporte ideológico que ultrapassa os campos da filosofia, antropologia, história, entre outras áreas de conhecimento, pois esta definição inferiorizante do negro/negra perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista, regida por uma ordem social competitiva (SOUZA, 1983), e:

> Num processo civilizatório que prioriza o lucro, a dominação e a sujeição do outro, a subtração de sua energia vital (mais-valia), a competição, a racionalidade, a apartação do ser humano-natureza, a maquinização e a tecnocracia, é preciso enfatizar outros valores e processos civilizatórios afro-brasileiros, e que também se fazem presentes (BRANDÃO e TRINDADE, 2010, pág.13).

Foi criada uma espécie de hierarquia, que introduz uma dinâmica na qual o sujeito branco é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que foi historicamente classificado como “menos inteligente” (KILOMBA, 2019). Dentro desta perspectiva, ser negro não é somente ser inferior, mas também “estar fora do lugar”, enquanto ser branco significa “estar no lugar”.

Existiu um suporte ideológico que exaltou a força e a inteligência dos brancos e criou uma lacuna na construção das identidades negras. Uma identidade temida e odiada que emerge como um corpo estranho que o pensamento, surpreendido em suas lacunas, não sabe qualificar (SOUZA, 1983), nas palavras de Azoilda:

> ... a gente olha, mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte de infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para uma morte em vida: a invisibilidade (TRINDADE e SANTOS, 1999 pág. 9).

A ideia do branco como sendo superior em todos os aspectos da vida humana é retratada como se todos os homens brancos fossem naturalmente superiores, impondo suas regras tanto na natureza quanto aos homens.

A França e a Inglaterra perpetuaram a ideia de humanismo universal (FANON, 2005) e este mesmo humanismo encobriu e subjugou histórias, falas e ações de um povo que sempre pôde falar por si só, mas que em função de uma ideia construída pela Europa, de que estes mesmos homens seriam na verdade sub-homens, tantas barbaridades foram cometidas, pois:

> A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SOUZA, 1983, pág. 19)

A distância entre os animais e os homens é realmente insignificante, podendo dizer-se que paira, inclusive, sobre a mídia o espectro da teratologia. Ou seja, o entendimento de que existe alguma anomalia no africano que não é inteiramente um homem, mas, antes, uma forma aberrante que está mais perto dos monstros do que dos verdadeiros homens (MARGARIDO, 2003).

Nesse contexto se faz necessário analisar a influência da mídia na construção de uma identidade desumanizada do negro. Filmes, séries, novelas, entre outros, durante muito tempo contribuíram para invisibilizar a realidade do negro, criar estereótipos e, principalmente, construir uma identidade desumanizada.

A mídia influencia no modo de fazer cultura, assumindo o racismo estrutural como a lógica de sua produção, o que significa que se passou a produzir arte ressaltando a ideia que do branco superior dentro de um contexto ideológico e colonizador.

> A mídia brasileira é descomprometida com a população brasileira, quer cultural, quer etnicamente. Seu caráter racista amplia-se e constitui-se “À sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo” (SODRÉ, 1999, p.244). O caráter conservador e excludente da mídia brasileira é gravíssimo, sobretudo quando percebemos seu caráter humano, ou seja, a mídia é feita por pessoas, seres humanos. No entanto, é mais grave ainda o fato de ela inculcar nos/nas negros (as) – nos afro-brasileiros – a deformação de suas imagens, da naturalização da subalternidade, produzir uma baixa autoestima da população negra, por não apresentar referenciais positivos do (a) negro (a) e da sua cultura (TRINDADE, 2005a, pág. 58-59)

Mesmo em função de muitos avanços perceptíveis na construção do ser negro na mídia brasileira, podemos perceber que ainda hoje existe uma resistência na mudança da perspectiva de uma ideia distante da subalternidade ou do animalesco, fatores que, muitas das vezes, contribui ainda mais para o processo de desumanização do ser negro.

Dentro desta perspectiva, quando o negro é considerado sub-homem, necessariamente sua intelectualidade, razão e emoção são retiradas de sua composição ontológica, pois daí o negro passa a ser objeto e não sujeito. Esta condição evidencia que o poder falar por si só não seria uma realidade, pois:

> Dizem que o negro gosta da *palabre*, ou seja, de parlamentar; contudo, quando pronuncio *palabre*, o termo faz pensar em um grupo de crianças divertindo-se, lançando para o mundo apelas irresponsáveis, quase rugidos; crianças em pleno jogo, na medida em que o jogo pode ser concebido como uma iniciação à vida. Assim, a ideia de que o negro gosta de resolver seus problemas pela *palabre* é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. Aqui os psicanalistas estão em seu ambiente e o termo oralidade é logo convocado (FANON, 2008, pág. 41).

A questão da *palabre*, ou do que entendemos por linguagem, é de suma importância para a construção de uma identidade fortalecida, pois quando pessoas negras se apropriam a linguagem, elas vão poder falar de si, possibilitando a inversão da construção do negro como objeto de sua história.

Tornar-se sujeito dentro de uma concepção ontológica possibilita que o negro possa criar e vivenciar novas histórias, quando as mordaças utilizadas por aqueles sub-homens são retiradas, uma nova concepção de existência é vivida.

Com efeito, indo de encontro a este pensamento que construiu uma imagem de sub-homens é necessário refletir que estes homens podem e devem falar por si só. Precisam sair do papel de objeto e se tornarem sujeitos de sua própria história, pois quando esses sub-homens conseguem falar sozinhos, eles sinalizam que este humanismo europeu desde sempre priorizou a desumanidade em função de todas as práticas racistas impostas.

> No que tange à questão do processo de construção da identidade negra, percebe-se que ainda é uma discussão problemática para as próprias pessoas que se identificam como tal. Muitas vezes, o caminho que se percorre na busca dessa identificação é marcado por inúmeras contradições e opressões sofridas internamente pelo indivíduo, que acaba por se impor uma regra básica – a negação de si próprio, de sua cor e, por conseguinte das suas características fenotípicas. Ou seja, o negro nasce e sobrevive imerso numa ideologia de que o branco é o ideal a ser atingido e endossa a luta para realizar esse modelo (PINTO e FERREIRA, 2014, pág. 262).

Pensar na construção de uma identidade negra, que seja individual e/ou coletiva, é também compreender todo um processo histórico que marcou de forma grotesca a construção ontológica do negro, pois o apagamento de vivências, a perda de vínculos ancestrais e familiares em função do tráfico acarretaram processos que até hoje permeiam a diáspora negra, pois:

> O período escravagista foi marcado pela forma animalizada e coisificada como o africano escravizado era tratado, uma estratégia que resultou na construção de uma imagem desumanizada do negro. Outra herança do período escravocrata é o conjunto de atributos destinados à pessoa negra, que permanece vivo e atuante no imaginário social do brasileiro. A exclusão das pessoas negras do processo produtivo, durante o período republicano, bem como a criação de teorias racistas, a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial promoveram uma situação no qual foram reforçados preconceitos e estereótipos que legitimam e reproduzem o racismo até os dias atuais (PINTO e FERREIRA, 2014, pag. 264)

Ressalta-se ainda que o processo de construção de identidades é único e individual, tendo como ponto de partida o resgate de vivências e ações cotidianas que podem contribuir para um maior entendimento de como podemos erguer existências e re-existências.

Como afirmou Kabengele Munanga: “A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e preservar a nossa identidade comum” (MUNANGA, 2012, pág. 44). Em muitos casos, não significa apenas reconhecer a situação delicada de um grupo social, mas também consiste no ato de ajudar o outro. Ao longo de todos esses séculos sugere um elo entre todas as ações que se propõem a continuar reformulando e construindo identidades negras, neste contexto a importância dos escritos que tantos autores e autoras que se dedicam a nos unir enquanto povo proporcionando a transformação de uma realidade cultural e institucional.

Compreender que a história do negro possui perspectivas históricas e geográficas diferentes é também entender a complexidade de uma construção de uma identidade única e global, mas ao mesmo tempo também nos permite analisar que dentro de todas essas existências múltiplas nosso elo está formado.

Portanto, o processo de construção de identidades negras que buscamos apresentar aqui, provém dos estudos iniciais de alguns autores que nos fazem refletir sobre a necessidade de encontrar caminhos e pensar trajetórias da construção do ser negro.

A possibilidade de nos alimentar de teorias acadêmicas, mas também pelo conhecimento vivo, presente, construído e reconstruído no cotidiano (TRINDADE, 2015a), nos faz buscar tornar visíveis práticas, memórias e patrimônios que, até então, foram invisibilizados. Dar visibilidade a sujeitos que tiveram suas histórias negadas e subjugadas é possibilitar a construção de identidades negras de forma ancestral e afetiva, que irão brotar de corpos historicamente reprimidos e subalternizados.

A PRÁTICA NA PRÁTICA

O processo de construção das atividades completares que constam nesta dissertação surge para ressaltar a necessidade de propor uma escrita que seja acessível e que possa servir de base para a construção de uma educação antirracista.

Com base na proposta de uma educação antirracista, as atividades complementares propostas têm o intuito de: primeiro resgatar os escritos e atuações da intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade, e todo o seu legado no combate ao racismo e, depois, pensar o projeto a cor da Cultura como uma proposta efetiva e prática de uma pedagogia antirracista que, durante anos, foi o único projeto voltado para a implementação da Lei 10.639/03.

Pensar a tríade de atuação de Azoilda (educação, ativismo e espaço acadêmico) é compreender que nossas escritas devem permear todos os espaços, tornando a discussão racial uma constante em nossas atuações.

Proporcionar um cotidiano escolar e espaços de convivência que sejam pautados com base no respeito à diversidade é uma tarefa constante para quem conhece o legado de Azoilda. Esse movimento de circular informações e conhecimentos, atrelado ao afeto, são importantes para pensarmos uma sociedade mais justa e livre do racismo.

Consideramos que estas atividades sejam instrumentos que possibilitem a troca de informações e viabilize a reflexão sobre as relações étnico-raciais em nossa sociedade. Esperamos que elas contribuam para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes do seu papel na construção de uma sociedade mais fraterna e igualitária.

Ao retomar as propostas do projeto a cor da cultura, pensamos os seguintes desafios: o enfrentamento do racismo e o reavivamento do orgulho da nossa memória afro-brasileira, pontos tão necessários e urgentes de serem discutidos na atual conjuntura brasileira.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR - 1
SEMINÁRIO - Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasileiros



Figura 7 – Seminário Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasiliros

Fonte: Facebook[19]

Introdução

O Seminário Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasileiros surge como uma proposta de colocar em prática alguns pontos principais que foram abordados nesta dissertação, como: dar visibilidade ao legado da intelectual

[19] Imagem utilizada para a divulgação do evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/917860651961763/>. Acesso em: 08 de março de 2020.

negra Azoilda Loretto da Trindade, resgatar os valores civilizatórios afro-brasileiros e propor estratégias de questionamento e rompimento com a exclusão racial e social.

Este seminário fez parte da agenda oficial da Campanha dos 21 dias de ativismo contra o racismo[20] e também das atividades de estágio de docência que na condição de bolsista da CAPES é necessário serem apresentadas.

O Seminário Azoilda Loretto da Trindade e os valores civilizatórios afro-brasileiros faz parte de um conjunto de atividades oficiais do Programa de Relações Étnico-Raciais do CEFET-RJ, que propõe formas de pensar coletivamente estratégias que possam atender a dois objetivos principais: oferecer um recurso didático-pedagógico aos professores da Educação Básica, tendo em vista aplicar a lei 10.639/2003 na sala de aula, e fomentar a discussão sobre o ensino das relações étnico-raciais no Brasil, nas últimas quatro décadas.

O seminário foi apresentado nos dias 11 e 12 de março de 2020 no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) de 08h as 12h, com eixo temático fundamental a discussão das relações étnico-raciais, com uma carga horário de 08 horas dividias em dois encontros de 04 horas de duração

Apresentação

Pensar sobre a trajetória da intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade, é compreender sua atuação como educadora e ativista no que tange a estruturação de uma sociedade que seja de fato antirracista e, para isto, é necessário pensar e repensar o chão da escola.

Ao se debruçar sobre os estudos dos valores civilizatórios afro-brasileiros, Azoilda cria possibilidades de contar novas histórias, de inserir todos e todas alunos e alunas com suas subjetividades, dentro deste ambiente escolar acolhedor e respeitoso com todas e todos. Os valores civilizatórios afro-brasileiros são, ainda hoje, fundamentais para a construção de uma educação antirracista e para um ambiente escolar que seja repleto de afeto.

[20] Dia 21 de março - dia internacional pela eliminação do racismo, por conta de mortes de jovens em Sharperville, África do Sul em 1960. Convocamos tod@s a enfrentar e eliminar o racismo de nossa vida cotidiana. São 21 dias de ativismo contra o racismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/21diasdeativismo/>. Acesso em 05 de março de 2020.

Objetivo

O objetivo deste seminário é resgatar e ressaltar o legado da intelectual negra, Azoilda Loretto da Trindade, contado sua trajetória de vida e sua atuação para a construção de uma educação antirracista, pensando ações e atuações com base nos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Público alvo

Compreendendo que este seminário busca enfatizar a luta por uma educação antirracista no cotidiano escolar, foram convidados: professores (ensino fundamental, médio e universitário), estudantes do ensino médio, graduação, pós-graduação e ativistas.

Planejamento

Data: 11/03
08 as 09 horas - Apresentação das palestrantes, do programa de mestrado em relações étnico-raciais e da campanha 21 dias de ativismo contra o racismo;
09 as 11 horas – Quem foi Azoilda Loretto da Trindade?
11 as 12 horas – Considerações Finais.
Data: 12/03
08 as 11 horas - Apresentação dos valores civilizatórios afro-brasileiros.
11 as 12 horas – Considerações Finais.

O seminário contou com a presença de professores do ensino médio, que ressaltaram a importância de resgatar os escritos de Azoilda numa perspectiva de forjar instrumentos que possam ser utilizados no cotidiano escolar de formas diversificadas dentro de uma perspectiva de uma educação antirracista.

Podemos citar que foi comentada a importância de reinserir os valores civilizatórios afro-brasileiros nas discussões sobre educação antirracista, gerar debates sobre esses valores, que são nossos e estão tão presentes no cotidiano escolar, possibilitando pensar no outro e em si.

Destaca-se que os valores civilizatórios afro-brasileiros possibilitam a construção existencial de múltiplas identidades negras por ressaltar a importância de se discutir e pensar sobre corpos negros inseridos no âmbito escolar.

ATIVIDADE COMPLEMENTAR - 2

SEMINÁRIO A COR DA CULTURA - Educação e Relações Raciais



Figura 8 – Seminário a cor da cultura.

Fonte: Facebook.[21]

Introdução

O Seminário A cor da Cultura – Educação e Relações Raciais surge como uma proposta de colocar em prática alguns pontos principais que foram abordados nesta dissertação, como: resgatar o projeto A cor da Cultura, ressaltando sua importância para a implementação da Lei 10.639/03 como proposta transformadora de educadores e educandos que se propõem a pensar uma educação que seja, de fato, antirracista.

Este seminário faz parte da agenda oficial da Campanha dos 21 dias de ativismo contra o racismo[22] e, também, das atividades de estágio de docência que, na condição de bolsista da CAPES, é necessário serem apresentadas.

---

[21] Imagem utilizada para a divulgação do evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/257587825245837/>. Acesso em: 08 de março de 2020.

[22] Dia 21 de março - dia internacional pela eliminação do racismo, por conta de mortes de jovens em Sharperville, África do Sul em 1960. Convocamos tod@s a enfrentar e eliminar o

O Seminário A cor da Cultura – Educação e Relações Raciais faz parte de um conjunto de atividades oficiais do Programa de Relações Ético-Raciais do CEFET-RJ que propõe formas de pensar coletivamente estratégias que possam atender a dois objetivos principais: oferecer um recurso didático-pedagógico aos professores da Educação Básica, tendo em vista aplicar a lei 10639/2003 na sala de aula e possibilitar a discussão sobre o ensino das relações étnico-raciais no Brasil, nas últimas quatro décadas.

O seminário foi apresentado nos dias 17, 18 e 19 de março de 2020 no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) de 18h as 20h, com eixo temático fundamental a discussão das relações étnico-raciais, com uma carga horário de 06 horas divididas em três encontros de 02 horas de duração.

Apresentação

A Fundação Roberto Marinho/Canal Futura criou em 2004 o projeto “A cor da cultura”. Baseado nos princípios de equidade, respeito às diferenças, pluralidade, diversidade, diálogo e trocas, o projeto tem como objetivo contribuir para a valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro. Como parte do projeto, foram realizadas pesquisas e produzidos diversos recursos didático-pedagógicos, formação e acompanhamento de professoras/es em 14 estados brasileiros[23].

Criar materiais audiovisuais sobre história e cultura afro-brasileiras; valorizar iniciativas de inclusão, dando visibilidade a ações afirmativas já promovidas pela sociedade; contribuir para a criação de práticas pedagógicas inclusivas são os objetivos maiores que compõem o projeto “A Cor da Cultura”. O projeto “A Cor da Cultura” é uma parceria entre o Canal Futura, o CIDAN – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a TV Globo, a TV Educativa e a Petrobras, visando unir esforços para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro.[24]

Objetivo

---

racismo de nossa vida cotidiana. São 21 dias de ativismo contra o racismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/21diasdeativismo/>. Acesso em 05 de março de 2020.

[23] Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/a-cor-da-cultura/. Acesso em: 07 de fevereiro de 2020.

[24] Disponível em: < http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/Marco%20Conceitual.pdf>. Acesso em 07 de fevereiro de 2020.

O objetivo deste seminário é resgatar o projeto A cor da cultura ressaltando sua grande contribuição para a implementação da lei 10.639/03, mostrando para os participantes as tantas possibilidades de aplicar uma educação antirracista dentro e for dos espaços formais de ensino.

Público alvo

Entendendo que o Seminário tem como proposta resgatar e incentivar o uso do dos materiais do projeto A Cor da Cultura, foram convidados: professores (ensino fundamental, médio e universitário), estudantes do ensino médio, graduação, pós-graduação e ativistas.

Planejamento

Data: 17/03

18 as 19 horas - Apresentação das palestrantes, do programa de mestrado em relações étnico-raciais e da campanha 21 dias de ativismo contra o racismo;

19 as 20 horas –O que foi o projeto a cor da cultura?

Data: 18/03

18 as 20 horas – Apresentação dos cadernos do professor:

- Modos de ver;
- Modos de sentir;
- Modos de interagir.

Data: 19/03

18 as 19:30 horas – Continuação da apresentação dos cadernos do professor:

- Modos de ver;
- Modos de sentir;
- Modos de interagir.

19:30 as 20 horas - Encerramento

Em função da propagação dos casos do coronavírus (COVID-19)[25] em todo o Brasil o Seminário A cor da Cultura – Educação e Relações Raciais foi cancelado, não sendo possível a remarcação num tempo hábil para ser inserido nesta dissertação.

[25] Disponível em: < http://www.cefet-rj.br/index.php/noticias/4907-nota-oficial-do-cefet-rj-sobre-o-coronavirus>. Acesso em 19 de março de 2020.

DESEMBARQUE

O percurso dissertativo deste trabalho é fruto de pesquisas, análises, entrevistas, conversas, encontros, reencontros e vivências. É um processo de busca e formação, pois esta dissertação tem a pretensão de compilar dados, relatos, imagens, vivências e produções da intelectual, acadêmica e educadora Azoilda Loretto da Trindade.

Os textos e imagens utilizados estão em sua maioria disponíveis na internet, tendo neste escrito uma junção de trabalhos, participações em eventos, construção de eventos, que são apresentados ao longo do percurso e referências, que são apresentadas no combustível.

Azoilda é mais do que uma intelectual que teve sua trajetória e obras apresentadas nesta dissertação, ela representa o enlace de muitos percursos que foram trilhados coletivamente com o propósito de construir uma sociedade antirracista através dos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Sua militância se entrelaça com a história do movimento negro tanto no Rio de Janeiro quanto nos outros estados do país, sua presença e atuação em instituições que fazem parte deste histórico nos demonstra sua atuação.

Compreendendo que vivemos numa sociedade racista que invisibiliza sujeitos, os escritos de Azoilda merecem destaque por ressaltarem esta realidade principalmente se pensarmos no cotidiano escolar e na construção das identidades de crianças, jovens e adultos, principalmente as negras.

Bordar o baobá Azoilda Loretto através desta biografia filosófica é enfatizar a importância de sua intelectualidade, mas principalmente pensar sobre afetividade em tempos tão difíceis.

Podemos ressaltar a importância das obras e atuações de Azoilda para a construção de uma educação antirracista, tanto na qualificação de profissionais, quanto no empoderamento de alunos e alunas.

Através da primeira estação, percorremos o caminho inicial de localização da importância de Azoilda Loretto da Trindade para a construção do movimento negro, principalmente no Rio de Janeiro, onde vida e obra fazem uma junção de práticas em prol da luta por uma sociedade antirracista.

Na segunda estação, é mostrada a importância de pensar e vivenciar uma educação antirracista, ressaltando o racismo estrutural vigente em nossa sociedade e forjando os valores civilizatórios afro-brasileiros como estratégia de uma

ressignificação social do ser negro enquanto sujeito dotado de saberes e valores até então invisibilizados.

Tendo como base os valores civilizatórios afro-brasileiros que são um marco para o entendimento do ser negro e de todas as subjetividades que perpassam esses corpos, forjando estratégias de construção de pensar e agir coletivos e individuais.

A terceira estação é composta de uma discussão filosófica, tendo nos escritos de Azoilda Loretto um enfoque central para pensar o processo de invisibilidade do sujeito negro com base nos escritos pensadores que enfatizaram este processo e demonstraram a importância do pensar o sujeito negro e suas subjetividades dotadas de conhecimentos.

Um dos fatores motivadores para escrever sobre Azoilda Loretto é pensar sobre ações e projetos que devem ser lembrados no intuito de forma uma memória ancestral repleta de energia vital que, construiu e formulou saberes e atuações que forma e são utilizados na implementação da lei 10.639/03 ainda hoje.

Azoilda representa, aqui, tantos outros negros e negras que fazem parte da nossa história, e que ainda irão ter suas trajetórias e práticas divulgados dentro dos vários espaços, pois entendemos que estes saberes precisam circular e afetar a outras pessoas. Tendo como perspectiva que a motivação para construir esta dissertação desperte em outros intelectuais a se debruçarem sobre tantas outras personalidades tão importantes para nossa formação.

A forma como a imagem de Azoilda Loretto ficou gravada na memória de todas e todos aqueles que a conheceram em sua trajetória neste plano, demonstrando que o afeto foi seu maior legado, a forma com que afetou a todos aqueles que até hoje ainda guardam na memória seus ensinamentos.

Azo deixou muitos amigos/amigas que se emocionam ao lembrar e sua trajetória, alunos/alunas que foram afetados por sua existência e muitos/muitas companheiros/companheiras na luta incansável por uma sociedade livre do racismo.

Azoilda soube fazer de forma primorosa a junção entre cotidiano escolar, movimento social e academia, atuando e mostrado que sempre existe possibilidade de ocupar espaços para troca de saberes e afetos na perspectiva de uma educação antirracista.

Como pensou a própria intelectual Azoilda Loretto: “A invisibilidade é a morte em vida”. Dar visibilidade é imortalizar aqueles que representam a nossa história, aqueles que, de toda e qualquer forma, lutaram por nós, povo brasileiro, e que ainda

hoje, dentro do legado dos valores civilizatórios afro-brasileiros, procuram construir uma sociedade antirracista.

Desembarcar desta trajetória não é parar, mas sim plantar as sementes do baobá, para que germinem nos espaços acadêmicos, nas instituições de ensino, na militância, em nossos corpos e em nossas vivências. Axé.



Figura 9 – Retrato 05 de Azoilda Loretto da Trindade

O sobrado de mamãe é debaixo d'água.
O sobrado de mamãe é debaixo d'água.
Debaixo d'água, por cima da areia.
Tem ouro, tem prata.
Tem diamante que nos "alumeia".
Tem ouro, tem prata.
Tem diamante que nos "alumeia"[26]

Em memória de Azoilda Loretto da Trindade

[26] Letra da música "Purificar o Subaé/cantiga para Janaína", de Caetano Veloso. Disponível em: https://www.letras.mus.br/maria-bethania/887249/ Acesso em 02 de setembro de 2019

COMBUSTÍVEL

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai**: A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro (RJ): Contraponto, 1997.

BASTHI, Angélica; BENTO, Marta Muniz; FILHO, Carlos Humberto Silva; OLIVERIA, Célia Regina Cristo de; RAMOS, Ângela; RIBEIRO, Janete Santos; XAVIER, Giovana. **Azoilda Loretto da Trindade - Afetos inscritos**: Educação, Cuidado e Relações Raciais - O Legado de Zó. *Revista Aú*, v. 1, n. 01, 2016.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* (PUC-SP), v. 31, n. SPE, p. 97-126, 2015.

BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Kátia. **Saberes e Fazeres**: Caderno de Textos: Projeto A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015.

BRANDÃO, Ana. Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. (orgs). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2010. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/MODOSBRINCAR-WEB-CORRIGIDA.pdf>. Acesso em 17 de janeiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica.** Brasília, 2004. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/>. Acessado em 30 de janeiro de 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 29 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, identidade e narrativa**: elementos para uma análise hermenêutica. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. **O questionário na pesquisa científica**. *Revista Administração on line*, v. 1, n. 1, 2000.

D'ÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura**: política social e racial no Brasil, 1917-1945. São Paulo (SP): Editora UNESP, 2006.

DOS SANTOS, Ellen Mendonça Silva. **Movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro**: Afroperspectivas, Amefricanidade e implementação de políticas públicas no período da Constituinte de 1988. Seminário Internacional Encrespando, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), v. 1, n.1, 2015.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora (MG): Ed. UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador (BA): EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 2005.

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela Da Silva; LODER, Letícia Ludwig. **Práticas de pesquisa microetnográfica**: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, [1964] 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

Gonzalez, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p 223-244.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HAMPATÉ BÂ, A. **A noção de pessoa na África Negra**. Tradução de Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros [1972]. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181-192.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire mais do que nunca uma biografia filosófica**. 1 ª edição. Editora Vestígio, 2019.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 06 ago. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LADEIRA, Wânia Terezinha. **Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional**. *Revista de Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, p. 43-56, 2007.

LEMOS, Rosália de Oliveira. **O feminismo negro em construção**: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1997. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MARGARIDO, Alfredo. Tarzan: paradigma da branquização da África. In: **Novas relações com África:** Que perspectivas? Atas do III Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p.105-122.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte (MG): Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2012.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Editora Pallas, 2014.

OLIVEIRA, Luciana Ribeiro de. **"Não sou negro de alma branca"**: Diálogos e práticas pedagógicas para uma educação intercultural crítica e decolonial por meio do projeto a cor da cultura. 188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgedu/DissertaoPPGEduLucianaRibeirodeOliveira.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2020.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. A construção dos fundamentos teóricos de uma nova política pública de promoção da Igualdade racial na educação brasileira. In: Alexandre do Nascimento; Amauri Mendes Pereira; Luiz Fernandes de Oliveira; Selma Maria da Silva. (Org.). **Histórias, Culturas e Territórios Negros**: reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais. 1ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008, v. 1000, p. 07-45.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **Movimento Negro Brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte (MG): Editora Nandyala, 2009.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014.

SARTRE, de Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2ª edição. Tradução de Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, [1978]

SARTRE. Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

SANTOS, Gevanilda. **Movimento negro**: letramento de vivência e reexistência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, p. 399-424, jan. 2018.

SANTOS, WS dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativista com narrativas. In: BASTOS, LC; SANTOS, WS dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa–perspectivas em análise da narrativa e da interação.** Rio de Janeiro (RJ): Quartet/FAPERJ, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...** Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, p. 3-22, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: FGV, 1994. 249f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Diálogo entre Povos:** O Brasil, a Diversidade Cultural, as minorias - uma proposta de EAD integrada a Pedagogia das Diferenças. In: II Jornadas de Educação a Distância: o presente e o futuro do EAD no Mercosul. Fortaleza (CE): Fundação Democrito Rocha, 1998, p. 289-295.

TRINDADE, Azoilda Loretto da.; SANTOS, Rafael. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A formação da imagem da mulher negra na mídia**. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 2005a.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação infantil**. *MEC− Valores afro-brasileiros na Educação***.** Boletim, v. 22, 2005b.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. In: BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e Fazeres - Modos de Ver**. Projeto A cor da cultura (1ª ed). Rio de Janeiro (RJ): Fundação Roberto Marinho, 2006a.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e referências afro-brasileiras. BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e Fazeres - Modos de Interagir**. Projeto A cor da cultura (1ª ed, v. 3). Rio de Janeiro (RJ): Fundação Roberto Marinho, 2006b.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças**. *Revista Fórum Identidades*, Ano II, v. 3, n. 3, jan/jun, 2008a

TRINDADE, Azoilda Loretto. O racismo no cotidiano escolar. In: BARROS, José Flavio Pessoa; OLIVEIRA, Luis Fernandes de (Orgs.). **Todas as cores na educação**. Contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico. Rio de Janeiro: QuartetFAPERJ, 2008b.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Projeto Político Pedagógico na Escola**: Aplicação da Lei 10.639/03. Rio de Janeiro: *Cadernos do CEAP*, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O impacto do racismo na educação**. *Revista Salto Para o Futuro (TV Escola),* ano XXI, Boletim 5 – Edição Especial, maio de 2011.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Africanidades brasileiras e educação. In: Azoilda Loretto Trindade (org). **Salto para o futuro**. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013a.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Uma trajetória até a 10.639/2003**. *Revista Salto Para o Futuro (TV Escola),* ano XXIII – Edição Especial “10 anos da Lei 10.639”, novembro de 2013b.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. In: BRANDÃO, A. (Org.). **Saberes e Fazeres**: Caderno de Metodologia. Projeto A Cor da Cultura (v.4). Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015a.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores e referências afro-brasileiras. In: BRANDÃO, A. (Org.). **Saberes e Fazeres**: Caderno de Metodologia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho (Coleção Kit Pedagógico: Projeto A Cor da Cultura), p. 50-97, 2015b.

XAVIER, Giovana. **A Azoilda em forma de arte**. In: Encrespando - Anais do I Seminário Internacional: Refetindo a Década Internacional dos Afrodescentendes (ONU, 2015-2024). FLAUZINA, Ana; PIRES, Tula (org.). Brasília: Brado Negro, pág. 199-203, 2016. Disponível em: <http://bradonegro.com/Encrespando.pdf> Acesso em 02 de setembro de 2019.

APÊNDICE A - COMBUSTÍVEL PARA OS QUE VIRÃO

Este apêndice é um compilado de publicações de Azoilda Trindade que não foram citadas neste trabalho, mas que resultam do levantamento bibliográfico. O objetivo é fornecer material para os pesquisadores interessados no tema e fomentar novos referenciais. O material está organizado por ordem cronológica. A forma foi escolhida porque, em uma linha do tempo, vemos contada parte da vida da autora através dos temas que suscitaram suas reflexões

BRANDAO, A. P.; TRINDADE, Azoilda Loretto da; BENEVIDES, Ricardo (Org). **Saberes e Fazeres (vol.1):** Modos de Ver. 1a. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 116p.

CRUZ, Ângela; TRINDADE, Azoilda Loretto da; COELHO, Carlos Alberto Gouvea. **Aprendiz legal - juventudes e trabalho**. 1a. ed. Rio de Janeiro: GOL - TELECURSO, 2006.

LIMA, M. Batista; TRINDADE, Azoilda Loretto da. Africanidades, currículo e formação docente: Desafios e Possibilidades. In: Marcos Ribeiro de Melo; Maria Batista Lima; Edinéia Tavares Lopes. (Org.). **Identidades e alteridades**: debates e práticas a partir do cotidiano escolar. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Gritando aos Quatro Ventos**: VIVA O POVO BRASILEIRO. *Cadernos do CEDES (UNICAMP)*, Campinas, v. 38, 1996.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **A Cultura Negra nos Currículos Escolares**. *Cadernos Pensamentos Negros Em Educação*, Rio de Janeiro, v. 2, 1997.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Do Exótico**: o jogo dos olhos ou outras formas de ver a cultura negra. *Revista Nuevamerica*, Rio de Janeiro, v. 77, p. 28-31, 1998.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Diálogo entre Povos: O Brasil, a Diversidade Cultural, as minorias - uma proposta de EAD integrada a Pedagogia das Diferenças. In: II Jornadas de Educação a Distância: **o presente e o futuro do EAD no Mercosul**. Fortaleza: Fundação Democrito Rocha, 1998. p. 289-295.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O Diverso no Universo Escolar**. *Revista do Sepe*, Rio de Janeiro, v. 5, 2000.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Memórias e histórias brasileiras dançadas**. Porto (Portugal): *PROFEDIÇÕES*, 2005 (Revista Eletrônica).

TRINDADE, Azoilda Loretto da; ROCHA, Rocha Margarida. Ensino Fundamental. In: MEC/SECAD. (Org.). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Ensino Fundamental: Sugestões de Atividades, Recursos Didáticos e Bibliografia Específica. In: MEC/SECAD. (Org.). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Educação da População Negra. In: GARCIA, Januário. (Org.). 25 Anos 1980-2005: **Movimento Negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Saberes e Fazeres (vol.3):** Modos de Interagir. 1a. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. 152p.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O Projeto Político da/na Escola**: Capilarizando a Temática das Africanidades Brasileiras. 1a. ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Afirmando Existência: A Lição de Criatividade da Vida. In: SANTOS, Ivanir dos; ROCHA, José Geraldo da. (Org.). **Diversidade e Ações Afirmativas**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Ensino Fundamental: Um novo Olhar sobre o Pluralismo Cultural. In: SME/DOT-SP. (Org.). **Orientações Curriculares:** Expectativas de Aprendizagem para Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, Fundamental e Médio. São Paulo: SME/DOT-SP, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Dialogando com Desafios. In: NUNES, Antonio Elisabeth da S.S; OLIVEIRA, Elias Vieira de. (Org.). **Implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Profissional e Tecnológica**. Brasilia: MEC/SETEC, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Roda viva de uma escola carioca**. Porto (Portugal): *PROFEDIÇÕES*, 2008 (Revista Eletrônica).

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Relações Raciais no Cotidiano Escolar: Desafios do Presente. In: SOUZA, Maria Elena Viana. (Org.). **Relações Raciais no Cotidiano da Escola**. Rio de Janeiro: Rovelle, 2009.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Terreno das Exunicidades: Aprendendo com/na Alteridade. In: SANTOS, Renato Emerson dos. et al. (Org.). **Educação Popular, Movimentos Sociais e Formação de Professores**: Diálogos entre saberes e experiencias brasileiras. 1a.ed. Rio de Janeiro: DP et alii, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Prefácio. In: GUINOND, J.; SILVA, Nina. **Cada Fio uma História**. Rio de Janeiro: KITABU, 2010.

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Prezado (a) professor (a),

Este roteiro de entrevista é o instrumento da pesquisa de campo – **AZOILDA LORETTO DA TRINDADE O BAOBÁ DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS**– elaborada pela mestranda em relações étnico-raciais Gisele Rose da Silva, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Mello Barbosa, no CEFET-RJ. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa.

1) Conte um pouco da história de Azoilda.

2) Qual a sua relação com Azoilda Loretto?

3) Como você entende o conceito de afetividade desenvolvido por Azoilda?

4) Qual a importância da atuação de Azoilda para a implementação da lei 10.639?

5) Como o legado de Azoilda contribui para a construção existencial de identidades negras?

APÊNDICE C - ENTREVISTA CONCEDIDA POR AMAURI MENDES PEREIRA NO DIA 16 DE MAIO DE 2019 NO ANFITEATRO GUSTAVO DUTRA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO CAMPUS SEROPÉDICA. GRAVADA ATRAVÉS DE TELEFONE CELULAR.

Relação Azoilda e Amauri Mendes Pereira

Eu conheci Azoilda em 1979-1980, ela morava no bairro de Fátima, que era pertinho do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, que fica ali na Mem de Sá, nº 208. Um dos últimos prédios do largo da segunda feira, pegou o largo da segunda feira, logo de frente, é o bairro de Fátima. Daí Azoilda chegou lá e começou a participar, ela já era professora da rede municipal e as discussões passaram a ser de como poderíamos fazer o movimento, já que não tinha muito definido de movimento negro. Então Azoilda faz parte desta primeira turma/grupo, no qual nós tínhamos assumido recentemente a direção do IPCN, numa espécie de vácuo institucional, teve uma diretoria... A primeira diretoria teve uma perseguição política ao antigo presidente, o mesmo teve que ir embora do Rio e foi ainda que para outra área de trabalho, porque se ficasse no Rio haveria trabalho para ele, então é mandado pra outro cargo, para outra cidade brasileira, para atenuar um pouco, pra sair do foco daquela perseguição política e ai fica uma situação complicada na instituição, porque tudo é novo, né? IPCN, naquele momento era a única entidade do movimento negro, que já se reconhecia desta forma que tinha sede própria numa grande capital do país e logo onde, no Rio de Janeiro, na Lapa, no centro da confusão. Então, Azoilda quando chega ali, ela vai participar deste momento de muita vida, porque o IPCN é um prédio velho do Rio de Janeiro e tudo que precisava fazer começava por obras. Como vai ser feito isso? Ela participar exatamente deste momento de criação, a formação dela vem exatamente da prática, de como fazer. Então, nosso grupo decidiu por fazer parte ativa e total dessa discussão, era um grupo entre 10/15 pessoas a maioria eram mulheres, ao contrário dos outros grupos em que a maioria eram de homens, mas neste momento, este grupo era um maioria de mulheres e ai ela participou de uma momento decisivo muito importante, o primeiro era importante termos um espaço central de referências, porque não tínhamos nada de referência sobre o movimento negro e o IPCN é importante, então nossa referência será aqui. Mas ao mesmo tempo não adianta nada estarmos aqui, sem que o povo nos veja e saiba nada de movimento negro e só sabe quem vem

aqui, isso também não adianta. Temos que ter isso aqui como centro de referência, investimos aqui, institucionalizamos, organizamos coisas aqui arquivo, biblioteca, receber pessoas, palestras e eventos, tem que ter, mas é preciso estar onde o povo também estar. Então, começamos a fazer o que chamamos na época de a imprensa negra está colocando banca, a ação dos negros nas ruas. Ora colocava uma coisa, ora colocava outra e ela participou intensamente deste período, a gente (José da Paixão Silva, Togo Yorubá) fazia cartazes, José e sua vida acaba por ser o sujeito de uma pesquisa de uma orientanda minha, aqui na universidade federal rural do RJ, sugeri a ela, logo ela pegou entrevistou a viúva, os filhos, fez um grande trabalho obtendo nota máxima. O Togo Yorubá fazia a maior parte deste material visual desenhos, pinturas desafiadoras e levava para as ruas e pendurava com pregadores, nos fios de náilon onde atravessávamos uma arvore a outra e começávamos a gritar lá sobre o racismo, a Azoilda participou muito disso. E foi um aprendizado intenso, pois nós estávamos na rua, então vem polícia, vem fiscalização, isso aí é o que? Camelô? Vocês estão vendendo? NÃO. Isso é a luta contra o racismo. Mas no Brasil não tem racismo. Imagina a gente tendo que explicar isso pra esses caras, pra polícia, pra gente que não aceitava que falássemos sobre o assunto, inclusive pessoas negras. Porque vocês estão falando nisso? E a gente tinha de explicar, que estávamos na luta.... Agora imagina isso na realidade, isso foi um aprendizado muito intenso. Aos poucos ela foi se definindo por realmente estudar, sistematizar e realizar um pensamento e foi a única de todo mundo que estava ali que fez um mestrado na FGV, quando havia poucos mestrados, poucas pós-graduações. A universidade no Brasil é uma coisa muito recente, nos anos 90 ela entra e fez o mestrado dela lá. Para nós que vivíamos na intensidade da luta, naquela coisa toda, foi uma coisa distante, ninguém viu ela fazendo o mestrado dela não. Por que ela foi fazendo, né? Até o dia em que ela foi defender. Aí que vimos que era uma coisa séria eu nunca tinha visto uma coisa/cerimônia daquelas, minha graduação é em educação física, não tive aquela coisa de pensar sistemático, organizar ideias, como quem estuda história, filosofia, essas áreas das humanas, que começa a ter este hábito das resenhas, discutir textos, não era dessa maneira. Então, todo este processo de enxergar a importância de um conhecimento acadêmico, de estar presente num ambiente acadêmico, a Azoilda viu isso, na minha impressão, ela viu isso sozinha. Havia alguns exemplos como Lélia Gonzalez que era professora na PUC, uma militante que era muito próxima a nós, Beatriz Nascimento também que tinha esse desejo, tentou algumas vezes fazer a pós-graduação stricto sensu, mas não havia conseguido. Mas na minha percepção,

quando Azoilda banca isso, foi uma coisa inédita pra nós. Eu não enxergava isso, a não ser quando ela chega e diz: vou concluir, vou defender o meu mestrado, isso já era em 1994. Que eu me lembre, ela nunca foi diretora do IPCN, já nos anos 90, nós do grupo que vínhamos construindo desde os anos 70, final dos 80 e em 92 nós assumimos a direção do IPCN. E, logo no inicio ela é a principal entusiasta de um seminário que fizemos como título “O IPCN que queremos”, este instituto de pesquisas de culturas negras recebeu um aporte muito forte da cooperação internacional em 1986/87. Foi a primeira entidade do movimento negro que recebeu a partir de um projeto definido a reconstrução da construção, como eu falei era tudo muito velho, chovia tudo, o telhado era todo quebrado, reboco e tal... A diretoria que era comandada pelo Januário Garcia em 1987, consegue um financiamento da cooperação internacional de uma organização alemã. Aí é uma obra muito grande e vasta, mas quando chega em 90 a cooperação internacional foi embora. Aí eu costumo usar uma coisa assim, a Azoilda viu isso, que nós éramos muito críticos, nós fomos a oposição dessa diretoria, mas é interessante o movimento negro, éramos oposição, mas nunca tivemos que sair de lá de dentro. A gente tinha uma sala, um espaço de guardar jornais, os nossos livros, as nossas bancas, os nossos arquivos e a gente era oposição, metíamos o cacete na diretoria e nunca essa diretoria chegou a falar qualquer coisa e olha que nós brigávamos, viu, rs. E sempre tivemos um espaço ali dentro, isso é uma coisa interessante, a convivência democrática na veia.

Assim que assumimos após a cooperação ter ido embora, quando chega em 1992, o IPCN tinha 4 máquinas de escrever elétricas e cada fita, nós não tínhamos o valor, por causa do custo, devido ser quase o mesmo valor da conta de luz. Nós não tínhamos o valor nem da conta de luz, imagina pra comprar fita. Encontramos o IPCN em um momento muito crítico de sua existência, com três funcionários fichados de carteira assinada. Não tínhamos o dinheiro nem pra pagar suas garantias, muito menos o contador do instituto que era um dos mais caros ali da Rio Branco, no prédio da Depaóli, aí nessa contabilidade já tinha 1 ano e 6 meses que não se aquela contabilidade, tínhamos funcionários militantes ameaçando processar e ir pra justiça e tal. Então, Azoilda foi uma das grandes entusiastas que fizeram acontecer o grande seminário que ela articulou tudo, num CIEP recente lá na rua do lavradio, participou todo mundo que tinha histórico pelo IPCN. Uma das coisas principais de hoje é ter uma válvula de escape, né Gisele? E uma delas é lembrar das histórias, onde houve entregas totais e pouca gente ousou fazer isso. E Azoilda foi uma delas, não tem tempo ruim, não foi diretora devido a necessidade de fazer suas alianças e, é neste

momento em que ela começa a pensar mais alto em termos de educação. Uma outra coisa importante de Azoilda que precisa ser resgatado é, que o nosso que não tinha um na direção do IPCN, mas nunca saiu de lá e tal, dos anos 82 realizamos o 1º encontro do movimento negro no Rio de Janeiro, realizamos quatro encontros sendo eles em 82/84/86/88-89 e destes encontros, ela criou o grupo de trabalho em educação. Então foi um momento em que ela começa a se dedicar a essa coisa de educação. Se você observar a dissertação de mestrado dela refere a isso, construindo mentalmente alguns conceitos que se tornou essa pedagogia que não tem nome. Nós que precisamos dar um nome a isso, quem sabe você. Alguém precisa dar um nome a isso, eu não me sinto habilitado para tal. O miolo deste processo de formação/organização ela tinha aguda consciência disso.

Quando chegamos nos anos 1990 ela vai fazer o mestrado, ele ainda era de 4 anos e aí ela já está apresentando junto a Cecília, o diálogo entre povos. Aí é fantástico! Para este feito domaram forças Cecilia Luiz de Oliveira, Janete e Azoilda. Eu achava legal, pois ela trabalhou com Cecilia que era do serviço social e chefiava uma coordenadoria em Stª Cruz e a Zô ficou um tempo trabalhando com ela ali, sei que foi uma experiência horrorosa, conheço a versão da Zô, mas não de Cecília, se você entrevistar Cecilia, você conheceria, vai dar controvérsias, olha que ótimo. Cecilia de Oliveira é uma personagem importante neste processo de formação, amiga-irmã de Zô, amigas intimas neste processo, acredito que ela possa ajudar e, é assim que eu a conheço. O doutorado ela vai fazer com Muniz Sodré, que é baiano como ela, mas isso só acontece em 2000.

É isso que eu consigo dizer pra você acerca de Zô, sempre com uma vida muito intensa de amizade, neste período eu penso ser útil falar assim com você, dar essa carga, por que isso que é capaz de explicar e ajudar as pessoas compreenderem uma personalidade como a da Zô e o tamanho da construção que ela faz, a dimensão de como ela vê, ela não está vendo educação, ela está vendo a educação como o centro, mas ali ela enxerga o racismo, o antirracismo, a luta contra o racismo, a organização da luta contra o racismo, as controvérsias da militância, a militância, o que é ou não a militância, a militância como negra e como educadora, ela está no meio disso tudo, ela pensa e articula essas ideias. Ela vive intensamente, por morar no centro da cidade há quase 300 metros do IPCN, então ela viveu ali, que era entidade de todo mundo, não tinha outra. Quer dizer, tinha sim, tinha o o grupo de SG o Seba, tinha os grupos pequenos e maiores, mas de fato o pessoal do Aguibara Dudu, a Vera Mendes

(mulher extraordinária), era sócia do IPCN, Neinha que foi a primeira cantora do Aguibara, era sócia do IPCN. Benedita da Silva antes de ser candidata a vereadora, era sócia do IPCN. Era assim, Milton Gonçalves, ele mesmo o Grande, era fundador do IPCN. Porque convergia todo mundo para ali como espaço institucional, com uma sede própria e galvinizava a tensão de todo o negro que tivesse se ligado ao movimento de alguma forma. Então Azoilda participa deste processo dentro do movimento sem parar, daí a dimensão de como ela conseguia enxergar isso tudo, percebe? Ela tinha que expressar isso e encontrou talvez a primeira, mas que foi quem pegou pra fazer e pensar isso de maneira estruturada e aí a academia ajuda muito. Vamos fazer a discussão militância e academia, porque quem está na academia milita também e quem está na militância, pensa. Para você que irá trabalhar existencialidade, eu penso assim, são maneiras diferentes de existir. Quem está na militância de fato não tem o porquê e nem tempo para sistematizar um monte de coisas, não há espaço. Até hoje não consigo me livrar de um monte de cartazes, de papéis anotados e que Neuza não escute isso, com certeza ela dirá que já me mandou tirar isso de lá de casa, mas um dia eu tiro. A gente no organiza isso, só vamos depositando, acreditando na importância, mas ela não. Ela escolheu ter um processo acadêmico muito rigoroso. Na verdade, essa é a minha memória, dela fazendo mestrado, sempre na correria, porque ela vivia em função de tudo… Da militância, da academia, então quando ela dizia "me deixa eu preciso entregar um trabalho do mestrado…" nos logo pensávamos, é sério, ela nunca pedia isso. Eu realmente não tinha conhecimento e não me recordo de ter problematizado essa questão com ela. Acredito ser útil para você compreender que, ela fazia parte daquela confusão toda e ela era entrega total. Não tinha sábado, domingo, feriado e este negócio de família não, não tinha nada disso. Ela era movimento negro futebol clube, por conta de Zumbi dos Palmares, Dandara e foi assim que se conseguiu quadros com a amplitude, com a lucidez, com a densidade da Zô.

Professor, ela fala muito de afetividade nos trabalhos dela, como o senhor entende este conceito de afetividade?

Eu entendo como a gente fazia naquele momento. Isso quando surge, NOSSA, era fantástico. Por que todas as vezes em que reunia tinha que falar um poema, se apresentar todo mundo, quando chegava alguém novo tinha que se apresentar, cada um falar mais ou menos e isso foi uma coisa…. Porque nós não tínhamos essa

formação. E com a Zô nós tínhamos que fazer isso. Em 1986, teve o 2° encontro estadual de negros, as nossas reuniões eram em Nilópolis e o encontro foi em Nova Iguaçu. Quem era o responsável pelo espaço, que era numa igreja, era o Frei Tatá. Então tinham reuniões que era mais ou menos que o período que era o mão Branca, uma organização paramilitar, um grupo de extermínio que só matava jovens negros. E nós dizíamos isso é racismo e acho que não tenha nenhum jornalista, nenhum artigo ou texto falando sobre isso e eles assinavam como mão Branca, mas todos as pessoas que morriam eram adolescentes negros e ninguém achava que era racismo. E nós achávamos que cabia a nós dizer isto. Então, nós sofríamos ameaça e tal, teve um dia que chegou um camarada estranho lá nos alertando sobre ter cuidado no meio da situação a Azoilda diz que tínhamos que dizer quem éramos, mesmo nós vendo que era possivelmente um policial ou algum bandido e tal. Naquele momento nós sabíamos que ele não era um amigo, devido a postura, a fala e o olhar, era uma pessoa que foi lá para nos dar um aviso e ainda assim, fazíamos com que todos se apresentassem, tinha que ter toda uma…

E aí você fala de afetividade, eu te pergunto, isso é afetividade? Porque afetividade é você se abrir para o outro e poder acolher o outro. Porque se você não se abre, como irá acolher o outro? Se você não estar para ser acolhido, como irá acolher? Quer dizer, se você não se entrega, você não vai conseguir acolher. Então isso pra mim que é afetividade. (citação)

Você já deve saber que a primeira graduação de Azoilda foi em psicologia, então ela tinha isso muito vivo. A ligação dela não sei se intensa, mas diria muito regular com a Neusa Santos Souza. Elas tinham uma amizade, uma proximidade, eu não sei mais do que isso. Na noite em que Neusa comete suicídio, Azoilda pelo o que me parece esteve juntas, isso é uma outra coisa que alguém poderá dizer, porque eu não consigo entender essas coisas tudo isso é muito terrível, que há de se controlar para não engasgar. Afetividade é isso e a Zô sempre isso com muita força. Se abrir totalmente e acolher também, dê no que der, só vai.

E a importância dela e das ações dela para a criação da lei 10.639/03?

Para mim tudo hoje é lenda. Eu gosto de dizer que o dizer que o cara que andou com a lei debaixo dos braços foi o Edson Cardoso. Que em 1980 e pouco já era assessor do Florestan Fernandes e consta que, inclusive tem um texto dele publicado no Eroim,

ele era um militante negro que vivia em Brasília, ele era um militante importante do movimento negro, uma referência, se não estiver engano foi secretário executivo máximo do MNU ainda nos anos 80. Este professor Edson Cardoso assessorando o Florestan consta que ele já tinha uma versão desta lei e Florestan tenta implicar, mas não conseguiu, já que o PT era minoritário naquele momento. Vem um o deputado Benhur de Oliveira/Ferreira que é deputado pelo Matogrosso do Sul, que era um homem negro, deputado federal que está na câmara e o Edson foi assessor dele também após o falecimento de Florestan. O deputado tentou também emplacar a lei, mas como não tinha forças, não conseguiu. Só se foi conseguir quando entra em cena a professora Le, uma deputada do Rio grande do Sul, eu brinco que ela era uma mulher que tinha a cabeça totalmente pirada por dentro e por fora. Ela por fora os cabelos sempre coloridos e por dentro efervescente uma grande intelectual, desafiadora, inteligente. A lei que vence no congresso é a dela. Também consta que por causa do congresso estar esvaziado, no momento em que Lula ganha a Presidência, foi neste momento em que a lei passa. Eu conto essa história, mas com essas ressalvas. Essa construção da lei vem de longe, em 90/91 a Azoilda estava lá no encontro nacional de entidades negras e isso fizemos juntos, ela foi decisiva naquele momento de diálogo e neste processo a lei está andando. Quando recebíamos pessoas de outros estados, estávamos dialogando sobre a necessidade da história e cultura negras e africanas no ensino básico nós estávamos lá. Pensando de uma maneira lattus senso, de uma maneira ampla, podemos dizer que a Azoilda e este grupo de educação foi parte total que constroem a lei 10.639/03 que tem a ponta da lança disso tudo o professor Edson Cardoso e essa professora que pega firme e coloca a lei para ser aprovada. Eu acredito que você pode colocar de fato que a Azoilda junto ao grupo de educação, já também em diálogo entre povos, dando uma outra dimensão, já que os diálogos dela eram muitos. Mas isso quem pode dizer é a Janete, pelo o que me parece teve alguns aportes internacionais para ajudar a construir, mas aí ela não amplia demais, não mais apenas para o movimento negro. Me parece que o diálogo entre povos ela está levando isso para a universidade para o sindicato, para os setores de lutas sociais, associação de moradores, ela levava onde dava e como diálogo entre povos. O diálogo dela não é para o movimento negro apenas, mas talvez prioritariamente com outros setores da sociedade. Então neste sentido tinha que ter mais pesquisas, mais densidade, mais gente, mais elaboração, mais organização. Então eu penso, que ela é a parte efetiva que vai desembocar na lei 10.639/03. (citação)

E o legado da Azoilda para a construção das identidades negras? Na sua opinião, o que ela deixa de legado para o ser negro.

Eu penso que no legado principal e o legado decisivo. O principal é o exemplo de vida, porquê ela foi inteiramente dedicada a isso. Eu penso que seja útil este tipo de diálogo porquê de novo não é algo que a gente tenha uma refletividade sobre isso, não pensávamos sobre. A gente está se dedicando porque isso está em nossa frente e, é preciso fazer. E vamos fazer do jeito que der, do tamanho que for e vamos fazer. Isso para mim é um legado de vida, de militância e de entrega. Nada é ingênuo, né? Na verdade, a gente só aprende a distinguir o que é ingenuidade de amor na práxis e nisso, nós tínhamos muito diálogo sobre isso. Muitas vezes conversámos sobre isso, porque isso é atravessado por muitas dores, muitas perdas, muitas dificuldades pessoais por vezes (Azoilda rompe o casamento dela com o Gil, que é militante também, unha e carne. E os dois continuam vivendo no mesmo espaço, isso é difícil). Então como se lida com isso? Por vezes é o vamos se encontrar? Eu vou estar em tal lugar, vem aqui em casa? Senta aqui, vamos tomar um café? E passava horas conversando. Então, a forma como isso vai sendo construído, o legado principal dela é a entrega. Mesmo com dificuldades, questões emocionais, espirituais, quem vai falar melhor para você é Cecília, me parece que ela quase foi para o candomblé - no meu jogo ela não era rodante não, ela frequentava a casa meninazinha de Oxum, mas eu não sei qual era o jogo da meninazinha, nunca me falaram, mas ela era muito afinada na linguagem, com certos procedimentos, mas que eu saiba, ela nunca foi além disso. Com tudo isso, a idade nos atropelando, a vida nos atropelando, a vida profissional com altos e baixos, ela trabalhando por um longo tempo em Campo grande, morando no centro da cidade, naquele trem velho dos anos 80. Ela tinha a turminha dela na escolinha da rua Marcelo Domingos, no centro de Campo grande e ainda assim havia uma entrega. Existia um amigo nosso onde ela dizia que existia um processo avassalador, de onde você não consegue ver nada. Você tem filhos e não acompanha nada, só se sabe de Zumbi e da luta, então a entrega é o legado principal da Azoilda e dessa geração no qual ela fez parte.

E o legado decisivo foi de fato uma pedagogia que ela construiu, inteiramente voltada para a práxis junto a corporalidade. Não há pedagogia sem corpo, ela falou isso muito antes de bell hooks falar nos textos dela, do Paulo Freire vir com a pedagogia da alternância, você voltar para vivenciar ali na sua comunidade, não se deixar apenas

pela formação acadêmica, você precisa ter ali um momento com o seu povo, para compreender que não há conhecimento apenas na a academia, é possível ter trocas e mais possível ainda é compreender isso. O legado decisivo é essa pedagogia que ela não deu o nome ainda e ela também não, porque é algo que estrutura todo mundo. Uma coisa que eu poderia saber, mas não sei dizer até que ponto ela e Petronilha fazem uma troca ao escrever as diretrizes curriculares nacionais para o ensino das relações étnico-raciais para o ensino da cultura afro-brasileira e africana. Também como Lurdinha Siqueira, que está lá na Bahia, ela hoje deve ser uma jovem senhora, com seus 80 anos. Que eu me lembre, a Xô teve seis diálogos com ela, ela era professora na UFBA e é uma mulher que vivenciou a ditadura, o exílio, tendo uma longa história. Alguém um dia vai escrever sobre Lurdinha Siqueira tal como você está fazendo com a Azoilda.

E algumas outras personalidades que são incontestáveis como Petronilha e Nilma uma quantidade de textos que envelopam toda essa visão, que por último Nilma combina com o movimento negro educador que é um colosso. Depois de tudo que ela viveu sobre ações afirmativas, dirigindo a ABPN na qual ela foi presidente em 2004, depois vai para o conselho nacional de educação com aquela confusão total do Monteiro Lobato, sai dali para a UNILAB lá no nordeste que estava um caos total, numa situação muito difícil, ela sai para reconstruir o projeto inicial, sai dali para o ministério da igualdade racial e nesta confusão de pós golpe ela pega um pós-doc, vai descansar e quando acaba o descanso ela nos presenteia com o movimento negro educador. É um processo avassalador, as pessoas descansam trabalhando mais e são felizes assim. É isso que as torna mais humanas e dedicadas. Aí penso que Nilma, Petronilha, Lurdinha e muitas outras Ana Flauzina, são personagens na área da educação, Iolanda de Oliveira que organiza a primeira pós-graduação de estudos Afro-brasileiro e educação, que também conheceu Azoilda, era muito próxima dela. Eu penso que este conjunto é quem faz este legado extraordinário. Me parece que o de Azoilda se torna decisivo a partir da cor da cultura, aí ela tem a oportunidade de ter o grande laboratório para pontuar o que funciona, não funciona, podemos aprimorar mais avançando. Porque primeiro ela criou, quando se pensa em brinquedos cantados, quando se abre o site da cultura, é compreender que está dentro de tudo ali, ela não é só um motor, acredito que foi ela quem designou, ela quem foi criando cada coisa dessas, cada modalidade, formando metodologias e abordagens da questão racial e educação através destes vários links onde vai se encontrando a cor da cultura, a minha impressão é que ela quem cria tudo aquilo dali eu não conheço ninguém que

tenha feito isso. Pode ser que Ana Paula Brandão que também tem uma história importante ali dentro, que outras pessoas tenham ajudado, mas me parece que a Zô foi a proponente daquilo tudo ou foi quem fundamentou todas as coisas ou no mínimo. Eu não conheço ninguém que possa te dizer isso, talvez a Marise Vassimon era uma espécie de chefe geral da cor da cultura e do canal futura. Marise teve uma importância grande na cor da cultura que entendeu e pelo que me parece foi quem é seduzida pela Azô e seduz a Azô para se entregar aquilo dali. Neste momento Azoilda teve a oportunidade que nenhuma outra pedagoga negra dessas que falei também como Cândida Soares fantástica essa danada, quase todas mulheres em várias partes do Brasil inteiro fazendo essa movimentação negra, antirracista que parte de uma visão de consciência negra, consciência social negra. Me parece quando Azoilda vai para construir a cor da cultura, ela está tendo a oportunidade de ver isso como no fim via. E o que é a cor da cultura? Vai lá para ver. Era simultaneamente o canal futura contrata o programa cor da cultura e a cor da cultura vai contratar agentes/instituições de formação, tudo parte da história da cor da cultura, parte de um grupo daquela atriz famosa, Zezé Mota.

Benilda uma militante importante do movimento, tinha um grupo importante de mulheres negras em Belo Horizonte, então é este grupo que vai dar formação lá. Quem eles vão chamar vai depender do diálogo com a Azô. No Ceará também tem um outro grupo importante que vai ser convidado e aí é a Azô que vai lá entrevistar, dialogar e apresentar para o canal quem fica. Em Uberlândia tem um cara da química que também é encontrado por Zô, ele é professor da federal de Uberlândia, lá no interior de Minas, o Guines. Quem constrói essa relação e geração é Azoilda. E em cada um deste momentos em que vamos fazer o acordo com a secretária estadual e municipal de Pernambuco, eu não fui na primeira cor da cultura, foi em 2006, foi um pouco mais restrito. Em 2010 foi maior, daí eu vou com o primeiro grupo de estudos afro asiáticos e este quem foi contratado, e lá fui eu coordenando este grupo. Já todo mundo com mestrado e uma boa parte com doutorado, vamos pra Recife, chega lá estamos com dois professores formadores, quase totalmente mulheres, só me recordo de Márcio André, no mínimo com mestrado, ninguém menos com isso. E dois formadores lidando com 20 professores da rede e ao mesmo tempo temos 5/7 salas trabalhando ao mesmo tempo. Ao entrar nas salas, Azoilda observa todos que estão formando, pois foi ela quem deu a formação inicial. Embora todos já soubessem e já estivessem alinhados e estudados com as relações étnico-raciais, é a Zô quem vai dizer explicando para o grupo do Ceará, pro grupo da UFU, sempre é a Azoilda quem

está lidando com as diferentes pessoas, diferentes posturas frente as relações étnico-raciais, diferentes vivências, diferentes jeitos. A Azoilda é a única pessoa que via isso tudo por cima e lidava com tudo isso do jeito dela com afetividade, amorosidade, no olho a olho, coração com coração, só a Azoilda quem faz isso com estes diálogos. Então ela constrói essa pedagogia que é decisivo para o legado dela daí a diante. Ninguém passou da formação da cor da cultura com 40 horas 5 dias seguidos até tarde, tudo muito intenso, com os desafios mega intensos. Ninguém passa pela cor da cultura impune, seja os professores educadores que irão receber essa formação continuada que acaba sendo um diálogo, porque todo mundo acaba se descobrindo e se reinventando neste processo, seja os professores formadores que também recebem um impacto que ninguém sabe o que vai fazer. Eu me lembro que fomos fazer uma formação em Cascavel, no interior do Paraná, era uma segunda feira recebe todo mundo, recebe o relicário, mas surge um burburinho na sala, as professoras eram todas mulheres brancas com seus nomes e sobrenomes italiano e alemão, uma professora era "afronicei" mas era todo o fenótipo japonesa, era evidente que o pai, mãe e avó era negros, mas os demais eram japoneses, no resto eram todas mulheres brancas, nenhum homem. Mas ainda assim persisti o tititi ali e ninguém sabia o que era, mas tínhamos um ritual dançávamos, cantávamos, brincávamos, o corpo seu está mexendo, mas em nenhum momento de formação a Azô permitia que o professor estivesse sentado dando aula, toda aula tinha que levantar e fazer uma dinâmica porquê o seu corpo precisa estar dentro daquele ambiente, você não está só pensando elaborando, precisava se movimentar, faz parte gente… E, era assim que a Azô praticava, no momento em que os professores vão saindo da sala, no primeiro dia de formação, chega uma professora que raspou/encostou no seu braço porque ela não acredita que exista uma pessoa preta assim, acredita? (54:00 - 54:40) ela saiu chorando, correndo, meio que sorrindo, sem entendermos nada. Daí a professora que estava na prova percebeu e interviu explicando a situação. Você imagina? A cabeça dessa jovem, mulher negra, professora, sabe lá o que ela passou? Ela quase enlouqueceu. Isso é racismo! Isso foi uma crise, era preciso falar com a diretora responsável pela formação continuada do centro de cultura de Cascavel e tem que falar com ela, pois a moça entrou em pânico quando fez isso, vai pro almoço conversa com umas 3, as demais imaginam o que essa professora está sentindo e leva pra diretora e todo mundo sabia que aquilo ali iria explodir, você imagina? Essa é apenas uma das experiências de quem sofreu estes momentos no processo de formação. Seja o educador ou a educadora da rede que "sofreu" que vivenciou na formação,

descobrindo este mundo, nunca tendo ouvido falar, nunca tinha dado importância, era indiferente ou negado por muitas vezes. Seja os professores e professoras formadoras, participando de um processo avassalador, como diria o Denival Barbosa. Isso pra mim é o legado decisivo, quem passou por isso não pode mais fazer mais isso e não vivê-lo de qualquer forma. Azoilda se foi antes de nós, muito cedo e Janete que tem a grande centralidade, é quem articula e quem esteve com ela a todo tempo. Tem sempre alguém que responde. Vamos fazer o caruru da Azô, ninguém tem mais tempo, mas quando se trata dela, sempre tem. Janete é quem coordena este tipo de missão. O legado decisivo de Azoilda é essa pedagogia, penso que todo mundo que mexe com isso hoje está em diálogo recriando a partir das maneiras e dos jeitos, dessa coisa de valores civilizatório brasileiro e todo mundo precisa saber que foi a Azoilda que inventou.

APÊNDICE D - ENTREVISTA CONCEDIDA POR GIOVANA XAVIER DA CONCEIÇÃO NASCIMENTO ENVIADA POR EMAIL NO DIA 31 DE JULHO 2019.

Conte um pouco sobre a história de Azoilda Trindade

Eu acho que a melhor pessoa para fazer isso é a Janete, eu não tenho uma linearidade para narrar a história da Zó não. O que eu sei são fragmentos de conversas que a gente teve, de outras coisas que a própria Janete me contou e que eu fui reunindo. Não que fosse um tabu para ela falar sobre a história de vida, mas eu que não retive a narrativa linear. Tem um artigo da Angélica Bastman em que ela entrevista a Janete em memória da Azoilda o de você encontra isso direitinho, se chama Azoilda Loretto da Trindade uma intelectual das brechas. O que fica pra mim da história da Azoilda é que uma mulher negra que vem de uma vivência de classe alta, que vem da Bahia onde o pai é médico, a mãe da Azô eu não me lembro da ocupação dela, mas na narrativa dela por mais que ela nunca tenha me narrado a partir deste lugar de classe média, rica ou algo do tipo, isso fica evidente devido ao acesso aos bens materiais, pelo trânsito na cidade, pelos bens, pela formação, pelo acesso ao capital cultural, enfim… Azoilda sempre contava a história do pai, de ter sido um médico importante e de ter tido um desfecho trágico, ele se suicida, isso era algo que mexia muito com ela. Eu não me recordo o nome dele, mas sei que ele era um dos caras estudados pelo Thales de Azevedo no livro "As elites de cor na Bahia" então a história familiar dela está muito ligada nisso pra mim. Em relação a história de Azoilda de ativismo, para mim é uma história fantástica que merece uma biografia sobre a trajetória dela. Ela era uma mulher super visionária, pioneira no Brasil em discutir a educação e as relações entre racismo e a educação infantil e a importância de buscar propostas pedagógicas que partissem do afeto, por mais que tenha o texto de 2006 sobre os fragmentos dos discursos sobre afetividade, Azoilda vem falando disso pelo menos desde os anos 90. E hoje é "tranquilinho" eu fico imaginando o que seria isso há 30 falando sobre a importância do afeto na sala de aula, então Azoilda vem muito deste lugar da inovação, da criança de práticas pedagógicas e tal. E o próprio engajamento dela na educação pública enquanto pedagoga, até mesmo enquanto psicóloga, como ativista de movimentos sociais negros, nos movimentos mais inovadores ela está participando. Ela estava no 1° encontro de mulheres em Moquetá, ela estava pensando políticas que também fortalecesse a oportunidade da

lei 10.639/03 isso junto com Janete e outras mulheres. O interessante é que ela sempre conjugou a carreira na educação básica com a formação acadêmica e inclusive com a docência no nível superior, Azoilda foi professora por anos na Estácio e pra mim ela é muito inspiradora nesse sentido de como a academia e a escola devem estar em diálogo permanente, tanto que este é um dos pilares do grupo intelectuais negras que tem a inspiração muito forte, porque não dizer a mão da Azoilda. Azoilda foi fundamental no erguimento deste grupo, então, a história dela foi de um pioneirismo intelectual, sabe? O doutorado dela que hoje falamos sobre estudos da branquidade, mas Azoilda fez a tese dela no início dos anos 2000 onde ela queria investigar os pontos de vista dos formadores de opinião da grande impressa em relação a mulher negra. Então, podemos falar que este é um dos primeiros trabalhos sobre branquidade no Brasil, sabe? Eu acho que ela era muito incrível, muito visionária e a galera não conseguia nem acompanhar, saca? Eu acho que esse fôlego, essa capacidade de inovação e energia intelectual da Azoilda assustava muito as pessoas. Enquanto estávamos chegando, ela estava do outro lado do Atlântico, sabe? Quando percebíamos ela estava do outro lado arrasando, independente do que estivéssemos achando. É interessante isso, porque acho que a potência que muito foi lida pelo o medo e a intimidação, quando deveria ter sido lido pela possibilidade de aproveitar, sabe? De um aprendizado coletivo. Isso acabou criando uma situação de não reconhecimento.

Sobre minha relação com Azoilda.

Bom, a minha relação com Azoilda era um pouco intensa, eu a conheci em 2003, quando eu trabalhava como formadora na cor da cultura, onde ela era coordenadora pedagógica. Quando nos vimos foi amor e paixão à primeira vista. Nós duas temos personalidades muito fortes, então nossa relação era muito intensa e baseada na confiança, numa admiração e numa cumplicidade e também tínhamos choques, óbvio né? Ela foi se tornando minha grande referência ao longo da minha trajetória acadêmica, quando a conheci, eu estava no primeiro ano do meu doutorado e ela de fato de tornou uma figura icônica pra mim, de tipo, o que essa mulher faz eu quero fazer. Que é valorizar a formação acadêmica, sem abrir mão da escola, dos movimentos sociais e estar sempre inovando, investindo na educação lúdica, isso mexeu muito comigo. Isso é revolucionário. A capacidade dela articular as discussões mais espinhosas da ciência hegemônica com arte, literatura, com cinema, com cenas do cotidiano foi uma coisa muito forte pra mim e é engraçado falar isso, porque a

minha prática é muito conduzida por essa articulação também, de estar conversando com ela sobre tal romance e ela visionar uma oficina. A minha relação com ela tinha muito da admiração intelectual, respeito, embora ela fosse uma pessoa que eu pudesse discordar, se ela dissesse para não ir por tal caminho, eu não ia. E ela foi uma mulher, uma das poucas que entendeu o lugar que eu estava ocupando, de pensar "caraca, essa menina está com o forninho industrial nas mãos chamado ser professora da UFRJ" a Azoilda foi a maior incentivadora de longe do grupo intelectuais negras, ela sempre me colocou neste trilho de "Você precisa ocupar este lugar na academia, o Rio de Janeiro não tem isso…" além de ser uma mulher que sentava comigo para falar de amor, encontro, desencontro, do que é ser mãe, do que é ser filha, ela sempre se preocupava com o Peri, ela sempre esteve presente, independente da presença física, ela era uma presença permanente. De nos falarmos todos os dias, de acompanhar as minhas conquistas e as minhas quedas também, ela de fato foi a minha grande referência, não tem discussão, além dela ser uma mulher incrível, né? Fantástica.

Como você entende o conceito de afetividade de Azoilda?

Eu acho que é isso, Azoilda era pioneira em falar uma coisa que é óbvia. A melhor forma de educar é através do amor, ela era uma mulher que semeava o amor, cara. A coisa dela nas horas mais inusitadas de parar, mandar fazer uma roda, vamos dar as mãos, vamos ler fulano de tal e ver como isso se aplica em nossa vida, vamos parar agora e falar do que não está funcionando, para que de fato funcione. Azoilda era muito olho no olho, eu nem sei como seria Azoilda em tempos de Instagram, por exemplo, não iria funcionar muito. Ela era da pessoa que a relação tem que ser humana, tem que ser no olho no olho, tem que vir da oralidade, da escuta e várias coisas que hoje são consolidados, essa coisa de lugar de fala, de escuta e sem dar estes nomes a Azoilda vivia praticando e eu acho isso interessante, muito visionária.

Importância dela para a implantação da lei.

Essa importância não é reconhecida como deveria, acho que falta mais protagonismo, mais nomeação da Azoilda em trabalhos importantes, inclusive o livro novo da Nilma Lino Gomes "O movimento negro educador" (2017), eu acredito que Azoilda foi uma figura central de sentar e pensar práticas educativas para a reeducação das relações étnico-raciais, ainda que este não fosse o nome na ocasião. E a mulher está pensando isso desde os anos 80 pelo menos, a quantidade de materiais didáticos que ela

produziu sobre movimento sociais, de escola pública, a preocupação dela- eu lembro que uma vez ela reuniu um bonde para aplicar oficinas, ela era orientadora pedagógica ali em Laranjeiras, no José de Alencar. Tinha muita gente da rede dela, vale a pena perguntar a Janete, nós íamos… A preocupação dela com a formação docente, eu acho que isso foi fundamental, pois se tornou a característica da cor da cultura, eu acho que isso que Azoilda fez questão de desdobrar a formação inicial da cor da cultura em um monitoramento da nossa presença em como o projeto iria continuar em cada estado e essa política de monitoramento foi feira em 3 etapas, teve escola que fez o monitoramento durante quase 3 anos e muitos conteúdos foram produzidos a partir daí, então a preocupação com a sala de aula, com a formação docente, com a produção acadêmica, com a produção de materiais didáticos, ela era um todo, sabe? E eu acho que isso também ajuda a explicar a sobrecarga que a vida dela se pautou, saca? Essa parte é foda!

Como o legado da Azoilda contribui para a construção existencial de identidades negras?

Eu acho que é isso. Azoilda está falando de amor e humanidade o tempo todo. Ela falava muito dessa questão de que até está na epígrafe do meu livro "a invisibilidade é a morte em vida" ela se esmerou a enésima potência pra tornar visível o que a população negra tem de melhor em termos de história, humanidade, de saber e de transformação. Eu acho que acompanhar o trajeto e a produção dela é ver que ela valorizava cada conversa, cada pessoa que vinha conversar com ela, cada projeto que ela tomava conhecimento é muito cuidadoso, é muito respeitoso é muito inspirador. De fato, quando o trilho descarrilha eu me pego pensando o que Azoilda faria neste momento? Ela era muito fechamento, ela era muito valorizar a galera que coloca a mão na massa, entende? Quem tem que fazer isso são as professoras, precisamos ouvir, vamos lá.... Ela era muito realista, entende? Ele tinha o confronto também, sabe? Mas não do pé na porta, por que ela era muito elegante, ela era de Oxum, ela era de muita malemolência, mas ela tinha muito de "será que a academia está pronta para ouvir que somos intelectuais negras?" Sempre tinha alguma coisa provocativa, ela era das alfinetadas, ela era o risco fósforo e depois ela ficava sentada "lá lá lá" era engraçado que repassando a história dela com você que é minha amiga também, também estou me vendo nisso, enquanto os comportamentos dela me inspiraram tanto que foram me introjetando tanto que "eu acho que vocês não estão preparados para ouvir o que nós queremos falar" é bom se preparar. O estímulo para as mulheres

escreverem e se valorizarem como produtoras de saberes, ela foi fundamental para o grupo intelectuais negras existir. O primeiro seminário do grupo foi no colégio Pedro II no centro, eu acho que foi em 2015, ela já estava bem debilitada, mas ela participou de todas as reuniões via Skype, ela pensou metodologias, cada uma de nós nos organizamos em trios divididos por eixos temáticos que ela também ajudou a pensar, então ela tinha uma preocupação com a continuidade para novas gerações e o papel das mulheres negras como produtoras de conhecimento. Nos seus últimos dias de vida ela dizia "escrevam, escrevam e escrevam" sei lá cara, a Azoilda é isso pra mim, eu tô escrevendo, escrevendo e escrevendo… Eu vejo muito o meu trabalho na UFRJ assim.

APÊNDICE E - FALA PROFERIDA POR JANETE RIBEIRO NO ENERRAMETO DA EXPOSIÇÃO IMAGINÁRIA CORPOREIDADES NEGRAS NO DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2019 NO CENTRO CULTURA HÉLIO OITICICA NO RIO DE JANEIRO. GRAVADA ATRAVÉS DE TELEFONE CELULAR.

Para abrir a roda a gente vai cantar e pra gente cantar a gente vai levantar, um dos valores civilizatórios afro-brasileiros é a musicalidade e o outro é a corporeidade, não é isso? E a gente sabe que a gente não começa nada sem cantar, a gente sabe por que alguém ensinou, um mais velho, um *griot*. No caso da música que a gente vai cantar agora quem me ensinou foi a Azoilda que aprendeu com Rogério Barbosa de Andrade um professor de língua portuguesa, escritor ele vai ao continente africano recolhe histórias e transforma essas histórias em histórias infanto-juvenis e aí numa dessas viagens dele ele esteve na África do Sul e ele aprendeu com os Choças (não sei se é assim que se fala) que a etnia do Nelson Mandela que você não começa nenhuma conversa sem antes cantar, não é? E pra gente cantar eu vou pedir pra gente esquentar as mãos.

(Barulho de pessoas esfregando as mãos)

Virar polegar com polegar do lado esquerdo, ao lado do coração, o lado da emoção que é o lado da razão também e essa razão que a gente tem que fazer se ligar com o coração e aí a gente liga a razão com o coração, deslizando a mão exatamente como ela está e ela vai se conectar, olha que mágica? Linda, coração com coração olha, mão direita (atrás e também serve?) Não é porque falar da Azoilda é falar de afeto, da capacidade de afetar e ser afetado e a gente não consegue afetar e ser afetado se a gente não estiver ligada, se não estiver inteiro ou inteira, então pra gente estar inteiro ou inteira nessa roda a gente precisa cantar e a gente precisa se apresentar, então a gente vai cantar assim (faz de conta que eu ensinei a aula direitinho tá gente?) São duas palavrinhas uma diz: SAMIGODANI e a outra diz: AYÔ AYÔ, duas frasezinhas não é? Que diz assim olha:

(Canta em ritmo suave)

Samigodani ayô ayô

Samigodani ayô ayô

Vamos cantar? No 3? Eu aprendi com uma musicista que você repete a frase 3 vezes para decorar a letra e depois a gente canta a vera, tá? Então é: SAMIGODANI AYÔ AYÔ.

Estar aqui hoje e rememorar encontros de muito afeto.

Falar e dialogar vai ser bem mais produtivo, como eu disse a vocês assim, a Azoilda ela é uma intelectual pública e tem muitos vídeos na internet a Azoilda falando dela mesma, não é? Então acho que é isso, ela pode falar dela mesma depois se vocês quiserem no final ver a imagem da "Zó" e ela falando dela mesma a gente coloca um vídeo pequenininho de 5 minutinhos, mas eu acho que é muito mais importante a gente vivenciar os valores civilizatórios afro brasileiros e entender o que é isso e um desses valores que é a circularidade ele vai dizer o seguinte por que o círculo? Porque no círculo eu vejo quem está do meu lado e quem está a minha frente é uma forma de eu compartilhar saberes, por isso que é tão importante cada um dizer sua palavra. Assim na educação tradicional você tem um tablado, um professor à frente, um atrás do outro, você vê a nuca de quem está à frente e o professor é aquela figura que controla todos e todas, ou pelo menos pensa que controla, não é isso?

E a gente tem provado que não há possibilidade desse controle total, não é à toa que a gente está aqui em roda imitando e eu queria começar essa gira, começar não, dar continuidade trazendo pra gira uma poesia que é de um autor que eu gosto muito que é o Sérgio Vaz ele é da periferia de São Paulo e eu fui apresentada ao Sérgio Vaz através de um poema chamado Magia Negra, que é maravilhoso e é o momento que o Sérgio Vaz nessa poesia ele tá dando uma resposta ao poder quando a Rosane Collor quando briga lá com o Collor e diz que o Palácio da Alvorada existia magia, existia feitiçaria, existia a coisa do diabo e aí ele escreveu essa poesia dizendo o que é magia negra pra ele, não vai ser essa poesia que eu vou ler estou convidando vocês a conversar, porque para mim magia negra é isso aqui que a gente está fazendo, esse círculo de tanta gente potente, incrível e um círculo que está crescendo e aí uma das minhas referências dos encontros que eu e Zó patrocinávamos, idealizávamos e construíamos é muito antes da lei, tinha sempre crianças e aí quando eu vi chegar criança eu vi que gente vai ser uma tarde incrível, bem isso né criança é vida, é paixão. E aí do Sérgio Vaz que muito me encanta e aí conforme eu for lendo vocês

vão saber exatamente o que que me encanta e eu volto aí nesse trechinho que me encanta, então é isso aqui olha:

Este ano vai ser pior…

Pior para quem estiver no nosso caminho.

Então que venham os dias

Um sorriso no rosto e os punhos cerrados que a luta não para.

Um brilho nos olhos que é para rastrear os inimigos (mesmo com medo enfrente-os!) É necessário coração em chamas para manter os sonhos aquecidos.

Acenda fogueiras.

Não aceite nada de graça, nada.

Até o beijo só é bom quando conquistado.

Escreva poemas, mas se te insultarem recite palavrões

Cuidado, o acaso é traiçoeiro e o tempo é cruel, tome as rédeas do teu próprio destino.

Outra coisa, pior que a arrogância é a falsa humildade.

As pessoas boazinhas também são perigosas, sugam energia e não dão nada em troca.

Fique esperto, amar o próximo não é abandonar a si mesmo.

Para alcançar utopias é preciso enfrentar a realidade.

Quer saber quem são os outros? Pergunte quem é você.

Se não ama a tua causa, não alimente o ódio.

Por favor, gentileza gera gentileza. Obrigada!

Os erros são teus, assuma-os.

Os acertos também são teus, divida-os.

Ser forte não é apanhar todo o dia e nem bater de vez em quando, é perdoar e pedir perdão, sempre.

Tenho más notícias: quando o bicho pegar você vai estar sozinha/sozinho.

Não cultive multidões.

Qual é a tua verdade? Qual é a tua mentira?

Teu travesseiro vai te dizer, prepare se!

Se quiser realmente saber se está bonito ou bonita, pergunte aos teus inimigos, nesta hora eles serão sinceros.

Quando estiver fazendo planos, não esqueça de avisar aos teus pés, são eles que caminham.

Se vai pular sete ondinhas, recomendo que mergulhe de cabeça.

Muito amor, mas raiva é fundamental.

Quando não tiver palavras belas, improvise. Diga a verdade.

As manhãs de sol são lindas, mas é preciso trabalhar também nos dias de chuva.

Abra os braços.

Segure a mão de quem está na frente e puxe a mão de quem estiver atrás.

Não confunda briga com luta, briga tem hora para acabar a luta é para uma vida inteira.

O ano novo tem cara de gente boa, mas não acredite nele, acredite em você.

Feliz todo o dia!

Então gente Sérgio Vaz me ensinou que brigar não é lutar, e aí nesse novembro negro terminar numa roda falando de afeto como capacidade de afetar e ser afetada, é luta, é luta diária, é luta constante, é luta que hoje de manhã eu já enfrentei porque sou professora de educação básica e aprendi com a Azoilda que ser professora significa estudar, estudar, estudar, acolher, acolher, acolher e que esse estudar ele está ligado a uma tríade, a tríade que é academia, a tríade que é a escola básica e a tríade que é a militância, então a Zó viveu isso, ela foi coerente e se vocês lerem os textos dela isso vai estar lá. E o fato de estarem aqui pessoas que foram estudantes dela isso é significativo, não é? Que significa que ela deixou semente e que essas sementes estão florescendo.

O fato de ter a Gisele escrevendo uma dissertação sobre ela é significativo também porque tem um livro chamado Movimento Negro Educador da grande intelectual e professora Nilma Lino que trabalhou com a Azoilda que não cita a Zó, e aí assim, eu demorei muito tempo para entender por que esse livro não cita a Zó né? Porque o tempo todo a gente está fazendo escolhas e às vezes ao agregar a gente agrega o que está próximo, é o que fala o coração, e o que fala também as nossas referências intelectuais, referências de projetos de vida, não é? Então assim é, a produção intelectual da Azoilda ela durante muito tempo e antes da lei que foi quando a gente se encontrou, eu conheci Azoilda em 1987 num teatro aqui próximo é o teatro Gláucio Rocha em que ela estava indo fazer militância, chamar as pessoas para o encontro de negros do Rio de Janeiro, o segundo encontro de negros do Rio de Janeiro e aí gente ver aquela mulher que era pura potência falar sobre educação, os olhos brilhando e falar ao coração me encantou e aí fui para esse encontro, fui para as reuniões e essas reuniões me acompanham até hoje, faz parte da minha vida é… então é desse lugar

que eu falo da Zó, né? Um lugar de encontro de militância que me falou ao coração e que a gente se tornou irmã, amiga irmã de uma vida inteira, eu Zó ela morrer, não é? Estava com um grupo de amigas que a gente cantou porque ela amava muito a vida sabe? e esse amar a vida ela queria se desapegar, muito dos escritos dela fala de desapego só ela não conseguiu, a gente teve que cantar uma música pra ela que ela amava não é? E aí a gente canta aqui no final e... Vê-la desapegar né? Muito suavemente é algo que foi divino sabe? A prova cabal de que é possível a gente conviver com a nossa ancestralidade.

Azoilda morreu no dia 13 de setembro de 2015, ela morre no mesmo ano que eu perco a minha mãe, a minha mãe morre dia 14 de julho e quando a minha mãe morreu dormindo eu estava no plantão na casa da Zó, o plantão que os amigos e as amigas faziam porque ela morava sozinha e ela estava com um câncer muito avançado e aí ela vira e fala assim pra mim:

- Eu não queria que isso tivesse acontecido, era isso que eu temia.

E eu falei pra Zó assim:

- Zó, a minha mãe já estava bastante idosa, há 10 anos lutava né? Cadeirante e ela morreu dormindo (silêncio) sabe? Então assim, a vida segue.

E por que que eu estou falando disso gente? Desse momento, porque em 2015 também isso não em julho, mas em abril Azoilda perde a referência dela de maternagem, de cuidado, a tia dela, a tia Glória ela vem passar com ela a semana santa e a tia dela morre na casa dela, tem um ataque fulminante e isso pra Zó em alguns momentos da vida ela me perguntou:

- Janete, você acha que eu desisti? - E eu falei:

- Eu acho, eu acho que você tem muita culpa aí guardada, não é? E muita raiva também.
Raiva porque pra Azoilda o racismo ela costumava dizer que (e isso ela aprendeu com as crianças, por isso que é significativo ter crianças aqui) que a melhor definição de racismo pra ela foi dada por uma criança, que a criança disse que o racismo é um bichinho invisível que tá no ar e a gente respira, e isso é muito significativo.

Os textos dela são atravessados por exemplos, por vivências então ela foi uma mulher ou é uma mulher que ela tá por aí que viveu a vida com visceralidade, ela amava essa palavra visceralidade, porque ela amava o que ela fazia que era dar aula, ela deu aula

desde os pequenininhos até a pós graduação, ela foi professora de escola pública depois ela foi professora de universidades particulares, foi também de universidades públicas e ela sempre buscou estar nos lugares aonde houvesse a possibilidade de diálogo, não é à toa que em 1993 influenciado por um amigo chamado Veríssimo que hoje vive nos Estados Unidos e ele falava muito de diálogo, diálogo e diálogo entre povos, entre as diferenças, Azoilda para além de ser uma mulher negra ativista era uma mulher que pensava o diálogo entre povos, porque ela achava e era muito engraçado, quer dizer, não é engraçado mas era uma questão que muita gente crítica que tinha um pensamento ainda da luta, muito atravessada pelas questões do eurocentrismo das referências eurocêntricas de luta, de transformação, dizia que seria impossível o diálogo entre quem possui a metralhadora com quem tem o arco e flecha, então que isso não é justo e não poderia esse diálogo, pressupõe igualdade, pressupõe relações homogêneas e a gente era tratada muito como menininha, como "mimimi" e aquelas mulheres do afeto, aquelas mulheres que não pensam com… sabe assim? Porque a luta tem que ser num bate e embate frontal e o embate com armas que sejam significativas e a Azoilda foi uma intelectual das brechas, sabe? Num tempo em que, o movimento negro nas reuniões organizadas, isso eu tô falando de década de 1980, 1990 do século passado, o movimento negro via a academia como um espaço dicotômico, sabe? O espaço dos inimigos né? e isso me influenciou num determinado momento porque num encontro de 1989 na Biblioteca Nacional do Negro na Proclamação da República eu disse textualmente isso, isso está lá gravado e eu falei caramba como eu disse um negócio desses? Eu cuspo na academia e esse cuspir na academia vinha de uma tensão e uma tensão que era produzida nas nossas relações de militância, hoje essa questão continua, não é? Desse embate com essa academia, só que ela está em num outro nível, num nível de busca incessante do que a Zó sonhou, não é? Que é essa tríade, ela ainda não existe, a gente ainda não conseguiu dar conta de relações coletivas pautadas nessa tríade e buscando diálogo e um diálogo para vencer esse monstro que tenta a todo tempo nos destruir, não é? Então eu acho que vou botar um ponto e vírgula na minha fala dizendo que estou muito feliz, quando a Marina falou sobre a possibilidade da homenagem a Zó e a Paulinha me ligou, eu fiquei toda (reação) porque quando a Zó faleceu muitas das amigas imediatamente a gente não vai deixar morrer a memória dessa mulher ou não vamos entregar essa memória a alguém que de repente vai chegar num determinado momento se apossar e só eu posso falar.

A Zó foi uma intelectual que pra gente, acabei de falar isso pra Gisele, pra gente construir uma biografia de quem ela foi é no coletivo, porque ela deixou sementes em diversos lugares, era o próprio Baobá, a gente sabe que o que é uma árvore de Baobá que ela adorava, essa lenda do Baobá que diz que antes da travessia as mulheres davam 7 voltas pra deixar na árvore as suas memórias e os homens 9 (isso tem a ver lá com machismo lá na África tá? Não tem nenhuma explicação plausível) mas de qualquer forma fique simbólico de que a gente tá em roda também em torno desse Baobá que tá aqui, é a gente reverenciar essas memórias, essas ancestralidades e esse cooperativismo porque aí quando eu recebi na minha casa pra ver o que tinha da Azoilda pra trazer aqui, não é? Adriana e Januário acompanhada de Marina, gente (reação) eu falei como assim? Eu tô aqui com lendas vivas da fotografia e lendas vivas também da militância, porque aí depois soube que Adriana é mulher poderosa perto do cep com imagem das lutas sabe? Das mulheres e da educação e Januário uma lenda viva de uma memória que a gente não tem, porque as histórias das nossas famílias não são atravessadas com fotografias...sabe? E essa memória que a gente tem que inventar, reinventar e buscar e me parece hoje muito caro que essa busca ela se dá pelo afeto.

Azoilda escreveu uma tese de doutorado em comunicação porque no doutorado dela de educação ela foi excluída pelo racismo, pelo elitismo, pelo eurocentrismo, aí ela volta a academia que era um compromisso dela com os pequenininhos e com todos com a luta de estudar e de se formar, ela volta fazendo comunicação e a tese dela é sobre A Imagem da Mulher Negra Produzida Pelos Formadores de Opinião, e ela era muito crítica, ela começa a tese com uma imagem do CEAP, uma imagem porque o CEAP fez uma campanha Miss Brasil 2000 em que botam uma criança negra que ela olhava pra imagem e a gente olhava e ela falava assim:

- Janete eu não estou doida. - E eu falava assim

- Não Zó, não tá.

A imagem que tinha daquela criança, vou só descrever tá? Era uma criança que ela estava uma menina de rua, não é? E essa menina de rua ela estava com o cetro dela era uma vassoura (pausa) o manto era um saco plástico (pausa) e os dizeres eram “Miss Brasil 2000”. Só pra ver o quanto que a gente naturaliza, o quanto que nós todas e todos estamos atravessados e atravessadas por um olhar de invisibilidade, por um olhar de não potência, por um olhar não afetuoso, por um olhar que não escuta os

nossos próprios desejos. Felizmente a gente está vivendo um momento em que a gente possa ver, discutir e repensar e pensar e produzir outras imagens e outras imagens de nós mesmos e isso ninguém vai tirar da gente então, gratidão.

(palmas)

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM ANA PAULA BRANDÃO DO CANAL FUTURA ENVIADA VIA EMAIL NO DIA 06 DE JANEIRO DE 2020.

1 - Conte um pouco da história da Azoilda.

2 - Qual a sua relação com Azoilda?

Conheci a Azoilda no final de 2005. Foi amor à primeira vista. Ela foi a indicada por diferentes grupos como o nome ideal para ser a coordenadora pedagógica do A Cor da Cultura, projeto que eu coordenava. Saímos para almoçar e contamos sobre o desafio, prontamente aceito por ela. A primeira etapa do A Cor foi muito pesada, muito trabalho, muitas dúvidas, mas muito aprendizado. Viajamos juntas para todos os cantos desse país; foi muito rico para mim. Zô era uma agradável companhia.

Ficamos próximas apesar da relação de chefia que existia; pude saber mais sobre ela nas longas conversas que tínhamos. Eu lhe dizia sempre que ela tinha um erê dentro dela, adorava uma traquinagem, era implicante até não poder mais; mas era cuidadosa, maternal, detestava violência. Queria ser mãe, mas não teve oportunidade/tempo/coragem. Tenho certeza que seria uma mãe incrível.

3 - Como você entende o conceito de afetividade desenvolvido por Azoilda?

O conceito de afetividade é o que dá liga aos demais conceitos; no A Cor, era a forma como os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros deveriam ser aplicados nas formações com os professores, e dos professores com os estudantes. A metodologia, por exemplo, é sempre pautada pelo acolhimento e diálogo, nunca pelo confronto; ela dizia que revolucionário era o amor e o cuidado.

4 - Qual a importância da atuação de Azoilda para a implementação a lei 10.639/03?

Se pensarmos que durante um bom tempo o A Cor da Cultura foi a grande referência para a formação de professores dando conta da Lei 10639, então devemos entender que a sua atuação foi fundamental. Isso sem contar seus artigos, palestras e

pesquisas sobre a educação para as relações etnicorraciais. Ela é uma referência. E acho que o grande diferencial é que toda a sua produção era baseada na experiência concreta em sala de aula.

5 - Como o legado de Azoilda contribui para a construção existencial de identidades negras?

Seus escritos e produções nos ajudam a refletir sobre nossa identidade; a ressignifica, pois valoriza a beleza, a troca, o diálogo. Convida todos, negros e não negros a pensar sobre nossas experiências a partir de um outro ponto de vista, de que somos todos afro-brasileiros. A primeira vista, o conteúdo parece simples demais, sem muito embasamento; mas na prática, ele é super potente, muito fundamentado, fruto de muita leitura e de muita experiência, mas também de muita empatia e acolhimento. “Em vez de nos deixar paralisar pelas concepções que nos despotencializam, redescobrimos os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros. Temos valores marcados por uma diversidade, somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização — digo processo, e não evolução. Como afro-brasileiras e afro-brasileiros ciosas/ os e orgulhosas/os desta condição, em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural.”

Sou testemunha de verdadeiras transformações de pessoas que passaram pela formação; dificilmente alguém saía da mesma forma que entrou. E isso acontecia porque, embora o tema fosse super delicado e doloroso, a formação era acolhedora, dinâmica, lúdica. Isso era a Zô. Cada momento da formação tinha um propósito, funcionava como uma música, trazia informações, dados, números, mas isso acontecia de forma leve e lúdica, daí a adesão maciça ao que estava sendo proposto. Era lindo. É lindo, pois o legado está aí; somos dezenas, talvez centenas de educadorxs transformados pelas mãos (e coração) da Zô.

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o) a participar, como voluntária (a) e sem remuneração, da pesquisa intitulada **AZOILDA LORETTO DA TRINDADE O BAOBÁ DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS**, que tem como pesquisadora responsável **GISELE ROSE DA SILVA**, aluna do curso de Mestrado em Relações Étnico-Raciais do CEFET/RJ, sob orientação do professor **RAFAEL MELLO BARBOSA**.

O presente trabalho visa discutir aspectos da trajetória de vida e a obra da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade e sua participação neste estudo se dá por sua proximidade e amizade com Azoilda Loretto, fato que enriquece os dados e informações desta pesquisa.

O projeto de pesquisa se enquadra no risco baixo, pois não oferece riscos à integridade física das pessoas e sua colaboração se fará por meio de entrevista que será transcrita e constará e na íntegra no final da dissertação servindo de referência para possíveis pesquisas posteriormente. Os dados que você nos fornecerá serão divulgados na dissertação e futuras publicações e serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

A qualquer momento que julgar necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Gisele Rose da Silva através do telefone (21) 99542-6945 ou pelo e-mail rose.gisele@gmail.com. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento.

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável , comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro: Rua Pereira de almeida, 88 – Praça da Bandeira – Rio de Janeiro – RJ, CEP: 20260-100, Tel: (21) 3293-6026, E-mail: cep@ifrj.edu.br .

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante:

_____

Assinatura da pesquisadora:

_____

Rubrica do participante

_____

Rubrica do pesquisador

_____

ANEXO A - UM INTELECTUAL BRASILEIRO EDUCADO PARA O MANDO: UMA CONVERSA COM MILTON SANTOS[27]

Entrevista com Milton Santos no dia 09 de maio de 2013 com as entrevistadoras Azoilda Loretto da Trindade e Katia Santos (introdução e edição).

No dia 23 de junho de 1998 fui com minha colega Azoilda Loretto da Trindade a São Paulo para entrevistar o intelectual Milton Santos. Queríamos ouvir o que ele teria a dizer sobre educação, pois à época pensávamos em organizar uma publicação sobre a trajetória educacional de pessoas negras famosas no Brasil. Acreditávamos que seria interessante saber como um cidadão tão singular no contexto brasileiro percebia sua própria trajetória educacional até vir a ser o intelectual que se tornara. Nós o encontraríamos na Universidade de São Paulo, seu local de trabalho.

Chegar à USP não foi uma tarefa simples. Aliás, nada que passa pela Rodoviária Novo Rio é simples. Ou melhor, as pessoas que a frequentam são na sua maioria simples, mas o ambiente é um tanto complexo. E assim, enquanto aguardávamos o horário do nosso ônibus, um senhor muito simples sentou-se ao meu lado e logo contou-me sua triste história. Ele estava há dias tentando chegar em casa, em outro município, mas não tinha dinheiro porque o patrão o enganara. Comovida com tão tocante caso, dei-lhe alguns trocados. Mas pensei que certamente ele precisava de mais ajuda. Cutuquei Azoilda, que estava sentada ao meu lado, e fiz com que ela também fizesse algo por aquele homem tão necessitado. Como não concordava com o valor que ela oferecia olhei-a com ar reprovador e a fiz aumentar o valor da ajuda. Até hoje não consigo lembrar do momento em que o homem recebeu a nossa doação. Ele desapareceu tão rápida e faceiramente que não deu nem para vê-lo rindo-se de nós. Duas mulheres simples, que ainda caem no conto do vigário das rodoviárias da vida. Essas mesmas mulheres estavam indo para a Universidade de São Paulo para entrevistar um renomado geógrafo que era também um intelectual consagrado. Conseguimos com isso aumentar nossa ansiedade. E demos boas gargalhadas também, claro.

Ao chegarmos à rodoviária de São Paulo, descobrimos que caíra como uma bomba no local a notícia de que o cantor de música sertaneja Leandro acabara de falecer. Havia muita gente paralisada e comovida diante da TV exposta na rodoviária. As pessoas estavam simplesmente comovidas, tristes. Não tivemos como não nos

[27] Disponível em: https://www.geledes.org.br/um-intelectual-brasileiro-educado-para-o-mando-uma-conversa-com-milton-santos/. Acesso em 06 de agosto de 2020.

sentirmos tristes, também. Eram tão de verdade a tristeza e compaixão à nossa volta que acabamos nos deixando levar por aquela dor coletiva.

Mas ao chegarmos à USP percebemos logo que o mundo dos simples havia ficado para trás. Como boas persistentes, enrijecemos nossos estômagos e seguimos adiante. E assim também nos travestimos da couraça necessária à intimidante missão de tentar colher uma entrevista original com uma das pessoas mais entrevistadas do meio intelectual/acadêmico. Falamos primeiro com a secretária e logo em seguida fomos recebidas pelo Dr. Milton Santos. E assim voltamos ao mundo dos simples.

Ao longo de nossa conversa ficamos totalmente encantadas com o cidadão que nos falava de coisas tão sérias e doloridas de forma articuladamente simples. Foi comovente vê-lo falar, para a minha surpresa, do falecido pai da Azoilda com o afeto dos que falam dos saudosos amigos. Era a tradição familiar afro-baiana se encontrando na USP, e de forma muito inusitada. Parodiando o próprio Milton Santos, poderíamos dizer que era a África, uma vez mais, colorizando a Europa, só que agora por vontade própria e por uma necessidade premente.

Enquanto fazíamos a entrevista, bateu à porta uma senhora negra, bem simples, que tinha vindo esvaziar a lata de lixo. Ela entrou se desculpando por estar interrompendo. É mesmo interessante ouvi-la dizer, na gravação, “com licença, professor, desculpe incomodar, obrigada”; e o professor na sua educação de homem de boas maneiras e admirador das gentes simples responder naturalmente, como quem sabe que aquela mulher negra simples existe, apesar de ser ele uma pessoa importante e que estava sendo entrevistada em seu escritório na USP: “obrigado a você, não é incômodo algum”. Diante de tal quadro, mais uma vez, Azoilda e eu nos tornamos as simples do momento. Empolgamo-nos, emocionamo-nos, e calamo-nos para ouvi-lo. E sem as suas interlocutoras, só lhe restou nos incentivar: “Vamos, perguntem. Desafiem-me, eu gosto de ser desafiado.” Fizemos o melhor que a situação e o tempo permitiam e despedimo-nos do nosso entrevistado como quem se despede de um parente muito querido.

Infelizmente não conseguimos publicar a entrevista enquanto ele ainda vivia – Milton Santos faleceu em 24 de junho de 2001. Ouvir a gravação da entrevista anos depois de sua morte foi voltar àquele dia, àquele escritório, àquele sorriso de Zezé Mota. A sensação de perda foi ainda maior. Só nos restava, então, fazer uma edição do texto transcrito de forma que ficasse retratada a atmosfera do nosso encontro. O tempo dessa entrevista foi totalmente marcado pela presença dos simples, das coisas simples, que podem nos atirar em dilemas bastante complexos. É assim que o

apresentamos aqui, em uma conversa amigável, sobre temas complexos, doloridos, polêmicos, e às vezes divertidos, também. Tudo muito simples e estimulante.

Katia Santos – Vamos começar falando de sua história de vida, e a partir daí o senhor conduz como achar melhor.

Azoilda Trindade – Nesta nossa conversa entra um pouco da minha própria história, da história do meu pai que, como o senhor sabe, teve uma morte bruta. E ele é um bom exemplo de que, mesmo tendo êxito, não é fácil ser negro no Brasil. Ele sabia que não era fácil. E ainda assim não aguentou as pressões.

Milton Santos – Você conheceu o Edson Nunes da Silva? O professor Edson Nunes?

Azoilda Trindade – Não.

Milton Santos – É um meu primo longínquo, possivelmente de seu pai também – não sabemos até que ponto somos primos. Ele é dez anos mais velho que eu, era muito amigo do seu pai, Ubaldino, também. E esse é um caso interessante porque é um homem de grande cultura. Foi, talvez, um dos primeiros negros de minha geração a ir com bolsa de estudos para o estrangeiro, mas que nunca decolou. Sempre foi conhecido como homem de valor, respeitado, mas nunca chegou a nenhum cimo. Eu, a essa altura da vida, acho que a história do fracasso é mais importante do que a história do sucesso. Eu dei uma entrevista para a revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que eu lhes recomendo ler. Gostei muito dessa entrevista porque foi muito bem feita, e lá eu falo nisso. Falo sempre para os meus alunos: são os fracassos que conduzem, porque o sucesso entorpece. A gente fica dominado pelo sucesso e imagina que já chegou. E a gente nunca chega. Então, não é a história do fracassado. É a história ao longo da vida do fracasso, como dor.

No meu caso, creio que o fato de ter tido que começar a minha vida várias vezes foi importante. Tive que várias vezes recomeçar, ainda que dentro da mesma coisa, porque a minha vida é essencialmente uma vida de um intelectual, apesar de eu ter sido político um pouquinho, jornalista um pouquinho… Mas o que é central mesmo na minha vida, o que me dá prazer e orgulho, e humildade ao mesmo tempo, é ser intelectual. E eu recomecei várias vezes. E começo todos os dias.

Katia Santos – Pelo que vi nas suas entrevistas, parece que o senhor teve uma situação na infância um pouco atípica para os negros da época. Como foi isso?

Milton Santos – Na Bahia não era tão atípica. E não ouso classificar sociologicamente, como hoje se faz, porque era outro mundo. A Bahia não era um mundo industrial, quando eu era menino jovem. Era uma cidade de comerciantes, de

funcionários, e por conseguinte tudo isso girando em torno do mundo agrícola. Não havia essa classificação tão rígida como acontecia em São Paulo na mesma época, que já era o mundo da indústria.

Então, como os meus pais, havia um número razoável de negros que constituía uma espécie de elite negra, que cultivava as letras, que se reunia para recitar, para ouvir música, que se cultivava mutuamente, que se visitava, que ia às festas uns dos outros, que ficava feliz quando o filho de um terminava o ginásio, depois a faculdade, os casamentos, etc. Quer dizer, se você faz uma relação com a sociedade negra em geral, era limitado. Mas se você compara com outras cidades brasileiras, era relativamente melhor. Ou relativamente menos ruim. Com outro aspecto que é o fato de ser uma coisa familiar. Já havia uma descendência. Meus avós maternos, por exemplo, eram professores primários antes da Abolição. Eles eram professores primários diplomados no círculo operário. Ainda não havia sindicatos. Era no círculo operário do Pelourinho. Meus avós do lado do meu pai eram pobres. Eram agricultores urbanos. Tudo isso em Salvador. Então, essa geração nasce já num clima de gosto pela cultura, de obrigação pela cultura, de obrigação de estudar. Que era o caso do seu pai, Azoilda, o Ubaldino Barbosa, cujo pai também era… O pai do Ubaldino era o quê?

Azoilda Trindade – O meu avô era alfaiate.

Milton Santos – O alfaiate também fazia parte desses artesãos, que eram a burguesia. Que se frequentavam todos. O alfaiate era um centro porque não havia confecção. A confecção – roupa já feita – chega muito depois.

Katia Santos – Era uma forma de poder, também, ser alfaiate?

Milton Santos – Era forma de relacionamento, e relacionamento é poder.

Azoilda Trindade – E isso de educação era muito forte, porque quando eu era pequena meu pai sempre dizia: “Você vai ser professora”. Era um valor isso.

Milton Santos – Era mesmo um valor, porque o professor era considerado, não era como hoje. No interior o professor era notável. Era um dos notáveis, juntamente com o tabelião, com o juiz, com o promotor…

Katia Santos – Em uma de suas entrevistas, o senhor disse que no colégio que estudava havia judeus, espanhóis, etc. Pensei que de repente podia fazer diferença a sua presença nesse colégio. Mas dentro desse contexto, pelo que estou vendo, não era assim tão diferente para eles, tê-lo como colega de classe.

Milton Santos – Era. Era, porque há uma herança de casa. Quer dizer, tinha os apelidos… A mim chamavam, por exemplo, de “noite ilustrada”, entende? Era o

apelido que eu tinha, e devia ter outros. Bem, a gente sabia navegar nesse oceano. Mas como fui interno – porque meus pais ensinavam no interior – então se criavam laços, que eram amplos. Crescemos juntos, de qualquer forma.

Katia Santos – Se frequentavam, apesar de tudo isso.

Milton Santos – Os internos se frequentavam. Não tinha jeito.

Azoilda Trindade – Como era a infância? Como foi o brincar?

Milton Santos – Minha infância foi protegida. Primeiro porque meus pais não me mandaram à escola, à escola primária. Eles me educaram em casa. Então, foi uma infância muito protegida até os dez anos, quando fui para Salvador, para ser interno. Os brinquedos eram em casa, já que os meus pais eram professores primários, então não era difícil ter camaradinhas, que eram alunos dos meus pais e que frequentavam a casa. E que eram, naturalmente, todos brancos. Ou quase, porque a minha infância foi no sul da Bahia, de brancos ou mestiços.

Azoilda Trindade – E quando o senhor sai dessa infância mais protegida e vai para um colégio interno. Como é essa passagem, como foi a adaptação?

Milton Santos – O dono do colégio, o diretor do colégio, era um colega de meu pai. O meu pai havia trabalhado com ele quando mais jovem. E repito, eu era um bom estudante, um bom aluno, e isso tinha valor. Tinha importância. Criava uma espécie de simpatia, de admiração mesmo. E o fato de a Bahia não ser uma sociedade industrial tem um papel. A cultura é mais valorizada numa sociedade civilizada, como a Bahia sempre foi, e não industrial. Porque a industrialização, a indústria, ela já põe na frente outros valores. Valores culturais são justapostos, eles não são superpostos. Então, a Bahia teve essa grande sorte – para nós negros, também – de entrar no século, e caminhar no século, sem indústria. Acho que isso tem um papel no tipo de sociedade que se estabelece na Bahia. E urbana. São Paulo vira cidade urbana muito depois. A Bahia é urbana desde o século XVII. Tinha uma vida urbana. Isso tem importância.

Katia Santos – Sua infância toda foi na Bahia?

Milton Santos – Toda.

Katia Santos – Adolescência também?

Milton Santos – Adolescência também. Estudei Direito lá.

Katia Santos – Então em 1964, quando o senhor vai para o exílio, o senhor ainda morava na Bahia.

Milton Santos – Em 1964, eu morava na Bahia. Eu já tinha saído antes, para fazer o Doutorado. Fiz o meu Doutorado na França, terminei em 1948.

Azoilda Trindade – Como foi isso? Como se constitui isso para o senhor, essa possibilidade?

Milton Santos – Fui um bom aluno. Eu terminei o primário com oito anos e fiquei dois anos em casa porque não podia entrar no ginásio antes de dez anos. E meu pai era um homem muito bem educado, muito fino. Ele me pôs para estudar francês, álgebra e boas maneiras.

Katia Santos – Boas maneiras?

Milton Santos – É, estudava. E ele mesmo, ele próprio fazia essas coisas.

Katia Santos – Como comer, como sentar-se…

Milton Santos – Como sentar-se, como sair na rua com a senhora, quem cumprimentar antes, o lado em que a senhora anda na calçada…

Katia Santos – E isso ficou no senhor? O senhor ainda carrega esses ensinamentos?

Milton Santos – Ah, continua. Continua. Mas as pessoas não entendem mais. As pessoas não sabem mais. Os gestos, que eram muito importantes, hoje, as pessoas não sabem o valor dos gestos. Eu vou lhe contar uma coisa, entre parênteses. Quando eu tinha uns seis anos, ou oito, estávamos eu, uma colega e um jovem. Então caiu uma coisa das mãos da moça, e eu abaixei para pegar. O outro jovem disse à moça: “Caiu o seu lápis”. E eu não sei se ela valorizou o meu gesto. Você veja, as duas coisas: ele não abaixou – e eu acho que tem que abaixar, não importa meus reumatismos, se eu não abaixo, peço desculpas – e ainda disse que caiu. Então não sei se ela entendeu meu gesto. Mas fui educado para o gestual, as palavras, e tudo isso faz parte de uma educação. Os gestos no lugar certo, as palavras no lugar certo…

Katia Santos – Percebe-se mesmo que o senhor é um homem fino. Eu achava que o senhor havia adquirido tais maneiras na França.

Milton Santos – Não, foi com meu pai. Meu pai não aparecia para ninguém sem paletó, em casa. Ele tinha esse gestual. Então, isso tinha um papel. Hoje eu posso dizer “eu quero”, que nada mais vai acontecer. Eu fui educado para mandar. Quer dizer, eu fui educado para o mando. Então, na sociedade dos brancos eu não chocava. A educação para o mando também supõe recato. Você tem um mandão tipo Antônio Carlos Magalhães, mas também tem outras formas de liderança política fina. A educação para o mando é uma característica dessa minha geração, não se aplica só a mim.

Azoilda Trindade – É uma postura.

Milton Santos – É uma postura. Meu pai, por exemplo, me ensinou a nunca olhar para o chão. Sempre assim [ergue a cabeça], a cabeça assim. A cabeça não cai. O corpo não cai para comer. Quem abaixa a cabeça para comer são os porcos.

Katia Santos – E eu acho que essa coisa da cabeça, assim [baixa], é muito a marca do negro brasileiro…

Milton Santos – Talvez seja uma marca não só do negro, mas também dos humilhados, de um modo geral. Tudo isso tem um papel, viu, minha filha. Eu creio. Hoje, olhando para trás. É evidente também que meu pai não discutia comigo a questão do preconceito. Podia aparecer em filigrana, mas não era um tema, e imagino que era uma coisa deliberada, para me dar armas. Quando digo hoje, filosoficamente, que olho para frente, não olho para trás, é possível que a raiz seja esta, de que ele me ensinou, sem me dizer nunca isto, que olhar é para frente, não é para trás. Eu não saberia fazer a interpretação científica, mas sei que tudo isso tem um papel. E o fato de eu ser educado não era ausente da comunidade negra, porque nós tínhamos a comunidade negra nossa (risos).

Azoilda Trindade – O senhor estava falando da entrada no doutorado, dessa influência.

Milton Santos – Fui para a faculdade de Direito, que era a elite. E eu era líder estudantil, também. Frequentava os colegas de famílias prestigiosas. Não os mais ricos, esses eu não frequentava. Mas as relações eram razoáveis. Vão fazer cinquenta anos, agora, da minha formatura.

Azoilda Trindade – De Advocacia?

Milton Santos – É, foi em 1948. E aí comecei a ensinar geografia. Fiz concurso com 22 anos, para um colégio de Ilhéus, e fui ser catedrático do colégio de Ilhéus. Depois fui para Salvador, comecei a trabalhar no jornal A Tarde, depois passei a ensinar na faculdade católica, e depois fui para a França me doutorar em geografia.

Katia Santos – Ser negro na França era muito diferente de ser negro no Brasil?

Milton Santos – É sempre diferente. Sobretudo, porque naquele momento, quando fui fazer doutorado, não havia muitos negros na França. Não havia essa invasão.

Katia Santos – “Agora nós os estamos colorizando” (risos).

Milton Santos – Colorizando. Você vê isso também?

Katia Santos – Eu estava lá no Planetário da Gávea quando o senhor disse isso.

Milton Santos – Nós os estamos colorizando (risos). Quando fui não era assim. Então, você tinha aquele montinho negro, que era identificado com o poder na África. Se você estava ali, era porque seu pai era príncipe, era ministro, era rico ou era culto, já.

Katia Santos – Para ter chegado até lá tinha que pertencer a uma dessas classes?

Milton Santos – No imaginário das pessoas. Enquanto que aqui o imaginário é outro. Há duas semanas, quando estava voltando da França, estava cansado, e então preferi tomar a classe executiva. A aeromoça era oriental, de descendência oriental, japonesa, talvez. Eu não sei. Elas falam apenas para encher a coisa. “O senhor fala português?”, ela disse. “Mas é claro que eu falo português, o que a senhora queria que eu falasse?” E aí ela disse assim: “Mas eu não podia imaginar que o senhor falasse português”. Se eu estava no avião, que já não é tão lugar para negro assim, e se eu estava na classe executiva, eu só podia ser americano (risos).

Sexta-feira, estava dando conferência em Campo Grande e fomos jantar em um restaurante. E o dono do restaurante veio, porque eram todas pessoas conhecidas, aí ele trouxe o menu e disse assim: “Ele fala português?” Quer dizer, é o oposto. A minha experiência lá e as experiências aqui. Naquele momento. Hoje é diferente.

Azoilda Trindade – Mais colorido.

Milton Santos – É, mais colorido (risos).

Azoilda Trindade – Eu quero fazer uma pergunta com relação à educação e à questão de ser negro. Porque a gente sempre ouve críticas justamente às boas maneiras, como sendo um valor europeu. E aí o senhor traz essa questão da educação, das boas maneiras, como um valor positivo. Então, o que o senhor acha, o fato de ter boas maneiras implica na anulação da sua qualidade de ser negro? É uma discussão.

Milton Santos – Talvez a gente tenha que colocar as coisas no tempo e no lugar. Quer dizer, como eu vivi muito, vivi várias épocas e vivi vários lugares. O que eu disse há pouco, primeiro se aplica a um tempo e um lugar, que é a Bahia, nos anos 1910, não é isso? Bom, então vamos por partes. Essas boas maneiras são as boas maneiras europeias que me foram ensinadas. Mas há outras boas maneiras. Há outros códigos. Não há um só. Os ingleses põem a mão debaixo da mesa, os franceses põem aqui, não podem pôr o cotovelo, podem pôr isto, e os ingleses põem aqui [mostra todos os gestos]. Qual é o mal educado? Qual é o bem educado? É

relativo. Nesse sentido, pode-se dizer, “bom, seguir as boas maneiras é uma alienação”. Nesse sentido. As boas maneiras do outro. Não é isso? Mas quais são as nossas boas maneiras? Então seriam gestos, palavras, que são indutos da generosidade, da consideração com o outro, do respeito ao outro, e de respeito a mim mesmo. Tudo isso junto. O vestir são boas maneiras. Eu raramente ando sem gravata. Esse conjunto de gestos, palavras e tons de voz – músicas, né? – tem uma inspiração que tanto pode ser puramente formal, “tem que fazer o que eu faço”, mas que também tem um conteúdo íntimo. Aquilo que vem de dentro, e que é o bom, que é o belo. Acho que é isso. Mas a verdade é que as boas maneiras, como são códigos, elas facilitam a vida em comum. Porque elas estabelecem o que eu posso e o que eu não posso fazer. O respeito pelo outro passa pelas boas maneiras. Mas talvez isso é que tenha me ajudado. O fato de que eu sabia até aonde ir, a não invasão do outro. É a certeza do outro de que eu não o iria invadir, que cria, digamos, um diálogo. A possibilidade do diálogo vem também daí.

Outro dia apareceu um rapaz negro aqui, começou me chamando de “você”, que tenho horror, e eu lhe digo porque. Um grande amigo meu me disse há uns 50 anos, “Você será o que você quiser na vida: senador, presidente do Congresso, presidente da República, mas você não vai escapar, na rua, de ser chamado de você”. Me disse esse rapaz branco. E aí isso me marcou. Então, quando alguém me dirige “você” eu digo, “Olha!” É a falta de respeito compulsória, imediata.

Em Campo Grande, apareceu uma moça da televisão e começou a me dizer “você”. Eu disse, “como?”. Ela ficou… Um dia um rapaz da televisão me disse “você”. Eu disse, “Não, o tratamento vai ser senhor”. O Roberto D’Ávila me perguntou, “Como é que eu vou lhe tratar”. Eu lhe disse, “quem sabe, vamos ver…” Ele aí entendeu e disse “não, não é durante a entrevista. Durante a entrevista vou lhe chamar de senhor, mas na nossa relação, quem sabe”. Eu disse, “está bem”. Já imaginou se apareço na televisão com o sujeito me chamando de você? Não tinha o mesmo efeito. Quer dizer, tem essa atitude.

É possível que a minha educação meio francesa também tenha tido um papel nisso, porque na França tem uma gradação. Você chama o outro de vous, e depois de meses, anos, é que se decide, “agora vamos usar tu”. Porque não adianta você ficar dizendo que é íntimo sem ser. A intimidade é um processo. Assim como a amizade. A amizade é um processo, não se dá… Pode se dar à primeira vista. Mas isso não é frequente na vida.

Azoilda Trindade – Isso é importante até para apontar… É que a gente não valoriza essas coisas.

Milton Santos – Mas as pessoas vão dizer, “ele é muito besta, muito pedante”. Mas eu sei o que estou fazendo. Entendeu ? (risos)

Azoilda Trindade – Mas é uma forma de respeito. É importante, sabia, essa coisa? Olhar pro outro e … “Peraí!”

Milton Santos – “Calma!”, né?

Azoilda Trindade – Calma.

Katia Santos – Essa semana eu estava vendo uma entrevista num canal qualquer da TV a cabo, com um negro norte-americano em que ele dizia exatamente isso, que hoje em dia dá briga de quebrar bar, entre negros e brancos nos Estados Unidos, se um homem branco chamar um homem negro de boy.

Milton Santos – “Hey, boy!”

Katia Santos – Porque essa coisa do boy, pelo que entendi da entrevista, é essa questão do “você” que o amigo do senhor especificou.

Milton Santos – Esse homem evidentemente era um brilhante homem, brilhantíssimo. Preguiçoso. Escrevia melhor do que Rubem Braga, mas era preguiçoso. Então não saía nada. Só conversa (risos).

Katia Santos – O senhor tem irmãos?

Milton Santos – Eu tenho uma irmã. Na realidade, considero que tenho duas. Tenho uma que veio morar em casa quando eu tinha oito anos, e que está viva ainda. Tenho uma irmã, que é dez anos mais moça do que eu. E tinha, até janeiro [de 1998], um irmão oito anos mais novo do que eu, que morreu.

Katia Santos – Todos eles passaram pelo mesmo processo educacional que o senhor?

Milton Santos – Meu irmão estudou Direito, também, como eu, e virou meio economista, se tornou uma pessoa muito importante. Foi Secretário de Estado do governo de Miguel Arraes, foi diretor da Sudene com Celso Furtado, viveu vinte anos no estrangeiro. Se exilou também. Foi diretor da Unicef. E minha irmã estudou Medicina, mas não terminou, por razões de saúde.

Azoilda Trindade – Eu tenho uma curiosidade. A questão do trabalho. Como se dá a sua inserção nesse mercado de trabalho?

Milton Santos – Nos mercados. Porque eu passei por vários. Por exemplo, o meu primeiro emprego foi via concurso. Professor catedrático num colégio municipal de Ilhéus. Na escola de Direito, os professores empregavam os filhos deles, mas nos

ensinavam que era feio ser funcionário. Então, quando terminei a faculdade o governador me ofereceu emprego. E eu não aceitei. E aí fiz concurso para ser professor porque o professor não era burocrata como ele é hoje. Então eu achava que era a maneira de ser livre. Vim a ser professor mediante concurso. As outras coisas eu conquistei. Na católica fui convidado para ensinar. Fiz o concurso para ser professor da Universidade Federal da Bahia. Depois de brigar, porque não queriam me deixar fazer o concurso. Mas ganhei na Justiça e fiz o concurso. Depois de ter ganho na justiça, decidi buscar o doutoramento, para não ser apenas por vitória judicial. Cheguei com um título que ninguém tinha, que era o título de doutor. Porque na Bahia não havia muita gente saindo para estudar no estrangeiro. Então, foi assim.

Quando eu era jovem não havia falta de emprego para quem terminava a faculdade. O que é uma outra coisa importante a mostrar. Quando conseguia sair da faculdade você estava empregado. Hoje é que o negro deixa a faculdade e não tem… O que é um problema diferente. E tem um papel, eu acho. Os negros se tornaram mais ativos. Porque descobriram que a educação não é a saída. Para nós podiam dizer, “está vendo ele estudou, triunfou”. Hoje os negros sabem que não é bem assim. Que isso não basta. Sobretudo porque você tem diversos tipos de ensino. Os negros não vão para os melhores ensinos, não têm a melhor educação. Isso acontece muito raramente. Basta ver aqui, a USP, que é um deserto de negros. Então, acho que isso tem um papel na pugnacidade atual dos negros. São muito mais pugnazes, muito mais batalhadores do que nós éramos.

Katia Santos – A própria condição obriga.

Milton Santos – A própria condição, a própria dificuldade de inserção, que é maior.

Katia Santos – Acho que essa situação toda, ao mesmo tempo que obriga o negro a ser mais lutador, também assusta muito uma grande parcela que prefere nem tentar. Eu quero muito estar errada nisso, mas acho que a gente tem muito medo.

Milton Santos – É a pressão. Quando eu era jovem a solidariedade social era maior, e mais possível, do que hoje. Porque não havia tanto consumo. Então a gente podia ser mais ajudado pelos pais, pelos avós, pelos irmãos mais velhos. E ajudar depois. A minha formação intelectual se deve em boa parte ao fato de que minha mãe completava meu orçamento. Mesmo depois do meu primeiro casamento eu não dava muitas aulas. Isso me permitia estudar, ler, comprar livros. Hoje é impossível. Nesse tipo de classe média, quem é que pode ajudar o outro? E isso é um fantasma para todo mundo. O fato de vocês estarem falando comigo, fazendo essas perguntas para

mim, é um complicador porque venho de diversos tempos. Vivi diferentes momentos. E agora quando vocês me forçam a reinterpretar, vocês me obrigam a rever, a fazer a teoria do que era simplesmente a vida. Explicar aquilo que era simplesmente vivido. Eu vejo um pouco isso. Quer dizer, para os mais jovens, você não pode ajudar tanto quanto a gente foi ajudado, o quanto os meus pais me ajudaram.

Katia Santos – Entendi. Porque se trata de uma situação bem específica. O senhor já era formado, trabalhava. E hoje estamos falando de pessoas que não conseguem nem chegar a isso.

Milton Santos – Isso. E que também não podem ser ajudadas. E vai ser pior ainda porque com essa coisa de não ter mais aposentadoria… porque não vai ter. Quando eu disse que os negros vão ficar numa situação pior, é isso. E que eles não vão ter acesso à melhor educação. Vão ter uma educação, na sua maioria, medíocre. E essa rede de ajuda vai ficar enfraquecida, porque os velhos não terão aposentadoria, ou terão uma aposentadoria irrisória. É outro mundo, né?

Azoilda Trindade – Essa coisa da perspectiva do futuro, a gente fica pensando… Eu trabalho com crianças e adolescentes em escola pública. É justamente isso. Vai a uma escola particular – não precisa nem ser de uma classe média alta – e vai a uma escola pública. É um choque.

Milton Santos – É sim.

Azoilda Trindade – E aí, o que eu vou propor? Isso me sensibiliza. O que eu, como educadora, como cidadã, posso oferecer para essas crianças?

Milton Santos – O caminho, eu acho, é político. Tem um curso de vestibular lá em Campo Grande que tem meu nome. E eles foram lá me ver, sexta-feira, sábado, e eu estava dizendo a eles, “o negócio é andar para frente”. A cultura negra é importante, ela é um cimento. Olhar para trás nos une, amplia esse amálgama, esse cimento. Mas não é ele que vai melhorar a nossa vida. O que vai melhorar a nossa vida é a política. É por isso que é olhar para frente. Quer dizer, desenhar o futuro e não ficar olhando apenas para trás.

Katia Santos – Ter uma meta, eu acho, é importantíssimo nesse nosso processo. Mas tendo muito claro que a passagem pelo mundo acadêmico, no caso, não nos…

Milton Santos – …abrirá todas as portas. Que tenha a meta e também tenha a consciência de que vai ter tropeços.

Azoilda Trindade – Uma outra pergunta: o pai do senhor foi uma pessoa marcante na sua vida?

Milton Santos – A minha mãe também. Cada um de um jeito.

Azoilda Trindade – Existiriam outras pessoas, assim, importantes que o senhor poderia destacar como influentes na sua trajetória?

Milton Santos – Olhe, eu vou dar um nome, que é Simões Filho. Ele foi Ministro da Educação do Getúlio Vargas e era o dono do jornal no qual trabalhei na Bahia. Ele me tinha muita estima e eu, também, olhava para ele com muita admiração. As maneiras dele, as boas maneiras, a forma de se vestir, que é uma coisa que eu até hoje gosto, de me apresentar bem.

Katia Santos – Aliás, a camisa que o senhor veste na foto do site do cantor Gilberto Gil é muito bonita.

Milton Santos – É uma bordô, né? (risos) Pois é, é a coragem intelectual. Um certo gosto pela ironia, que também vem do meu pai, mas que vem [de Simões Filho], também. E a relativização das coisas, a capacidade de relativizar. Hoje vejo que ele teve uma forte influência na minha vida pública. E o meu professor francês, meu diretor de tese, foi também uma grande influência. Pelo rigor, o gosto pelo trabalho, a filosofia de que o trabalho se faz todos os dias. Nunca o que a gente faz é perfeito. O rigor com os outros e consigo próprio. Tudo isso aprendi com ele. Afora outras pessoas. Você fala de pessoas com as quais eu tive comércio pessoal, não é isso? E não autores.

Azoilda Trindade – Isso. Por exemplo, Amílcar Cabral foi uma influência muito grande na minha vida, na militância.

Milton Santos – Mas é mais distante, né?

Azoilda Trindade – É isso. Mas, enfim, um parêntese: a gente prometeu não falar em militância para o senhor, e agora que eu falei…

Milton Santos – Eu fiz crítica à militância?

Azoilda Trindade – Não, é que lembro que uma vez assisti, pela primeira vez, num encontro de negros em Marília, uma conferência em que o senhor dizia, “eu não gosto dessa coisa de militância, me lembra militar, me lembra uma coisa… prisão…” E aquilo ficou na minha cabeça, me torturou, no sentido de que realmente pode ser uma prisão. O senhor falava agora há pouco da coragem intelectual…

Milton Santos – É incompatível com a militância.

Azoilda Trindade – Isso. Tem que ousar, tem que ser criativo, tem que estar atento.

Milton Santos – Mas as pessoas às vezes não entendem quando eu digo isso. Porque imaginam que sou contra. Eu não sou contra a militância. Tem que ser

militante. Tem que ter militância. Mas se não tiver o sujeito livre, você não cria. Porque acho que o problema do Movimento Negro é que a gente tem que criar novos discursos, novas frases, novos slogans… Na entrevista com o Roberto D'Ávila falei no ressentimento de certos grupos brancos contra os negros. Eu não disse o contrário. Quer dizer, é outro discurso que a gente tem que produzir.

Azoilda Trindade – Brilhante. Aquela foi muito boa, sim. Bem, depois de passarmos pelas pessoas que foram influentes na sua vida, há algum outro fato importante ligado a sua história de vida que o senhor gostaria de comentar?

Katia Santos – Só uma curiosidade. O senhor conseguiu sair da Bahia antes de se casar?

Milton Santos – Casar? Não, eu já estava descasado (risos).

Katia Santos – Então já tinha sido fisgado (risos).

Milton Santos – Já estava descasado. E depois casei de novo, lá no estrangeiro.

Katia Santos – O senhor teve filhos?

Milton Santos – Eu tive dois filhos. Agora só tenho um, o outro morreu há dois anos. Fatos importantes? A formatura, o dia em que recebi o diploma de bacharel em Direito…

Azoilda Trindade – Pode parecer que não mas a nossa formatura tem um peso. A minha, de professora primária, foi um negócio. Eu queria ser aquilo. Sou eu. Meu pai me chamava de professora. Então, a formatura era a conquista disso. Este gosto da profissão. Eu sou professora. Financeiramente é o caos, mas assim… A possibilidade de alguns exercícios…

Milton Santos – Mas havia a coisa simbólica, também. Quando entrei na faculdade, eu subi as escadas carregado. A maior ovação foi para mim. Era um sinal baiano, né? Quer dizer, "tem um negrinho aí, vamos aplaudi-lo".

Azoilda Trindade – Podemos tirar uma foto sua?

Milton Santos – Sim, é melhor que seja espontânea. Pelo menos aparentemente espontânea (risos).

Azoilda Trindade – Tem um assunto do qual queremos falar. O racismo no Brasil. Qual a sua opinião sobre essa questão?

Milton Santos – Ele é bem brasileiro, né? É bem brasileiro. Você não pode comparar. Teria que distinguir, talvez, entre discriminação e preconceito. O preconceito vem do fato de que se criam estereótipos, e você vai conviver com esses estereótipos o tempo todo. É aquela coisa que a gente distingue entre o cotidiano e o

programado. Cada vez que eu, ou qualquer pessoa, estou em uma atividade programada, o preconceito tende a não se manifestar. A questão é a surpresa do outro.

Katia Santos – A situação que o senhor nos contou, no avião, por exemplo, não foi uma situação programada. Foi do cotidiano.

Milton Santos – É a surpresa do outro, que é o cotidiano. E daí o preconceito. Aí você pergunta, mas o preconceito não é obrigatoriamente uma discriminação? Será uma discriminação? E aí tem toda a questão sociológica. O sujeito que recebe e o sujeito que é alvo. É diferente, não é? Para você é. Para quem é objeto de preconceito, é uma discriminação. O Brasil naturaliza essa relação. Essa relação não é equilibrada. Essa relação…

Azoilda Trindade – É hierárquica.

Milton Santos – É hierárquica, mas não é bem isso, é outra palavra. Ela é naturalizada, é normal. O que é uma das coisas terríveis da sociedade brasileira. Essa rapidez com que a gente naturaliza. Passa a incorporar como um dado natural, e não histórico, o que conduz à ausência de culpa. As pessoas não se sentem culpadas. Eu imagino que os americanos, de alguma forma, alguns deles, se sentem culpados. Basta ver a atitude do presidente Clinton em relação aos negros e a do nosso presidente, Fernando Henrique, que diz que é interessado etc. Acho que é isso. Agora, isso faz com que, acho, ser negro no Brasil seja muito duro. Eu acho. Não vou comparar com outros países. Mas acho que é muito duro porque você não tem como… É muito difícil você exprimir sua indignação, ou esboçar sua defesa, sem ser tomado de forma ridícula.

Katia Santos – Ficamos sempre a um passo disso, né? Nos colocam sempre a um passo disso.

Milton Santos – Do ridículo. Eu creio que muita gente prefere emudecer ou esperar uma outra oportunidade, porque qualquer manifestação – estou generalizando – vem com a certeza de não ter solidariedade.

Katia Santos – A pessoa fica sozinha.

Milton Santos – Acaba sozinha.

Katia Santos – O preconceito é muito perverso, principalmente, quando o negro faz esse deslocamento, como no seu caso. Porque quando ele fica quietinho no lugar designado historicamente para ele na sociedade brasileira, ele não é fustigado por isso tudo. Mas quando ele faz esse deslocamento, aí ele já vira um alvo.

Milton Santos – Exato. Ele aparece como o diferente. O que já é desagradável, esse negócio. Porque o que todos queremos é sermos iguais a todos. Então quando você é apontado, ou aceito, ou tratado como o diferente, é incômodo.

Azoilda Trindade – Deixa eu só perguntar uma coisa. O senhor estava falando da sua trajetória, fiquei curiosa. Eu, por exemplo, tinha muito medo de me envolver, de me apaixonar, porque queria concluir os meus estudos. E aí fiquei com a curiosidade: o senhor conseguiu isso? Se formou primeiro…

Milton Santos – Sim, consegui, sim (risos).

Azoilda Trindade – Outra coisa: como se davam as relações afetivas na Bahia quando o senhor era rapaz? Como era essa coisa do jovem baiano? Meu pai, por exemplo, era meio mulherengo, né?

Milton Santos – Não sei, não. Não sei disso, não (risos).

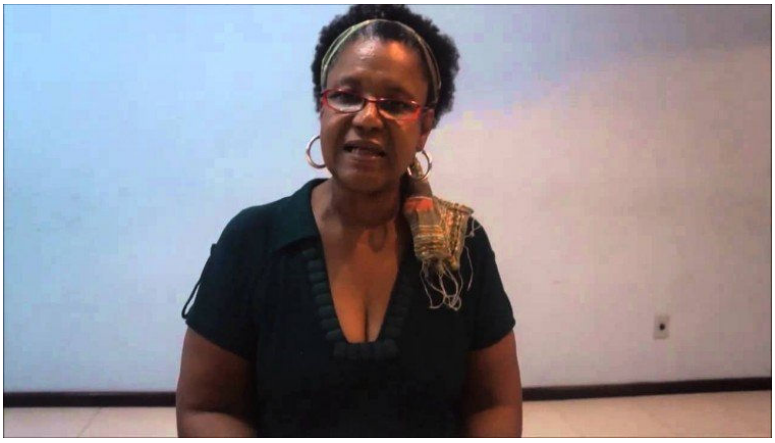
Katia Santos – “Não sei, não”, é ótimo (risos). Pode falar. Ele era baiano, ninguém vai estranhar.

Milton Santos – Era, sim (risos).

Katia Santos – É, imagino que sim. O meu pai era baiano também (risos).

Fonte: ZCultural

ANEXO B – AZOILDA PRESENTE!



Fonte: Enviado por Suelaine Carneiro para o Portal Geledés[28]
14/09/2015

Foi com imenso pesar que recebemos a notícia do falecimento da companheira Azoilda Loretto da Trindade, a Azo como era conhecida por militantes do movimento negro.

Como ativista da luta contra o racismo e com atuação voltada à educação das relações raciais, Azo tinha no acolhimento, na sensibilidade e no cuidado princípios que orientaram suas ações na educação pública, no ensino superior, nas consultorias, nos diversos textos e artigos que produziu, nas reuniões e ações do movimento negro brasileiro.

Azo teve a "… capacidade de afetar e ser afetada pelo outro", materializando suas próprias palavras, pois compreendia que afetar e ser afetado "…ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável…" o que certamente ocorreu nos diversos locais por onde passou e com as inúmeras pessoas que encontrou/tocou/trocou/formou/transformou, forjando compromissos com a construção de uma nova sociedade, baseada na igualdade, respeito, valorização e no diálogo com as diferenças.

Educação Diversidade Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças

Como uma possibilidade de tocar o outro é que pode ser compreendida a participação de Azo no projeto A Cor da Cultura, do qual foi coordenadora pedagógica e que

[28] Disponível em: https://www.geledes.org.br/azoilda-presente/. Acesso em 06 de agosto de 2020.

expressa seus compromissos e de outros ativistas antirracistas, com uma educação livre de preconceitos e racismo, igualitária e acolhedora de todas as pessoas, assim como seu compromisso em ampliar o conhecimento e a compreensão da história da África e da população negra brasileira. Através do projeto A Cor da Cultura, Azo apresentou os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros – circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade – princípios que possibilitam o tocar e ser tocado; permitem a realização de práticas docentes comprometidas com uma educação sem discriminações e racismos, e que também proporcionam a expressão da emoção, amizade, sentimento, a circularidade, a corporalidade, o afeto, a espiritualidade, ou seja, componentes que integram a educação mas vistos como irrelevantes e são menosprezados, mas que na realidade são imprescindíveis para a descoberta do novo e para a construção de uma nova sociedade.

Por seus compromissos e por toda contribuição intelectual ao ativismo negro, mas principalmente pela dedicação, amor, amizade, solidariedade e compaixão é que dizemos: AZO PRESENTE!

ALGUMAS INDICAÇÕES DE TEXTOS DE AZOILDA LORETTO DA TRINDADE

O racismo no cotidiano escolar. Dissertação de mestrado. Fundação Getúlio Vargas, 1994.Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8948/000304120.pdf?sequence=1

A formação da imagem da mulher negra na mídia. Tese de Doutorado. UFRJ. 2005. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/doutorado/teses_2005.html#2

Um intelectual brasileiro educado para o mando: uma conversa com Milton Santos – Entrevista realizada por Azoilda Loretto da Trindade e Katia Santos . Disponível em: http://www.geledes.org.br/um-intelectual-brasileiro-educado-para-o-mando-uma-conversa-com-milton-santos/#gs.d8bed223f967496caf087a09f440c0d8

Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. Disponivel em: http://www4.faac.unesp.br/publicacoes/anais-comunicacao/textos/46.pdf

Coletânea Africanidades brasileiras e educação, organizada por Azoilda Loretto Trindade. Disponível em: http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/1426109893818.pdf

ANEXO C – GIRAS DA ZÓ[29]



Atividade em homenagem aos 30 anos realizada no dia 07 de março de 2018, que relembra o primeiro passeio étnico realizado pelo Caderno de Educação do Jornal Maioria Falante como premiação aos 30 primeiros colocados e seus orientadores no I Concurso de Redação "Zumbi dos Palmares e o Dia Nacional da Consciência Negra".

[29] Disponível em:< https://www.facebook.com/events/568535513524290/>. Acesso em 03 de dezembro de 2020.

ANEXO D – GIRAS DA ZÓ



Imagem de divulgação do Caruru da Gratidão[30]



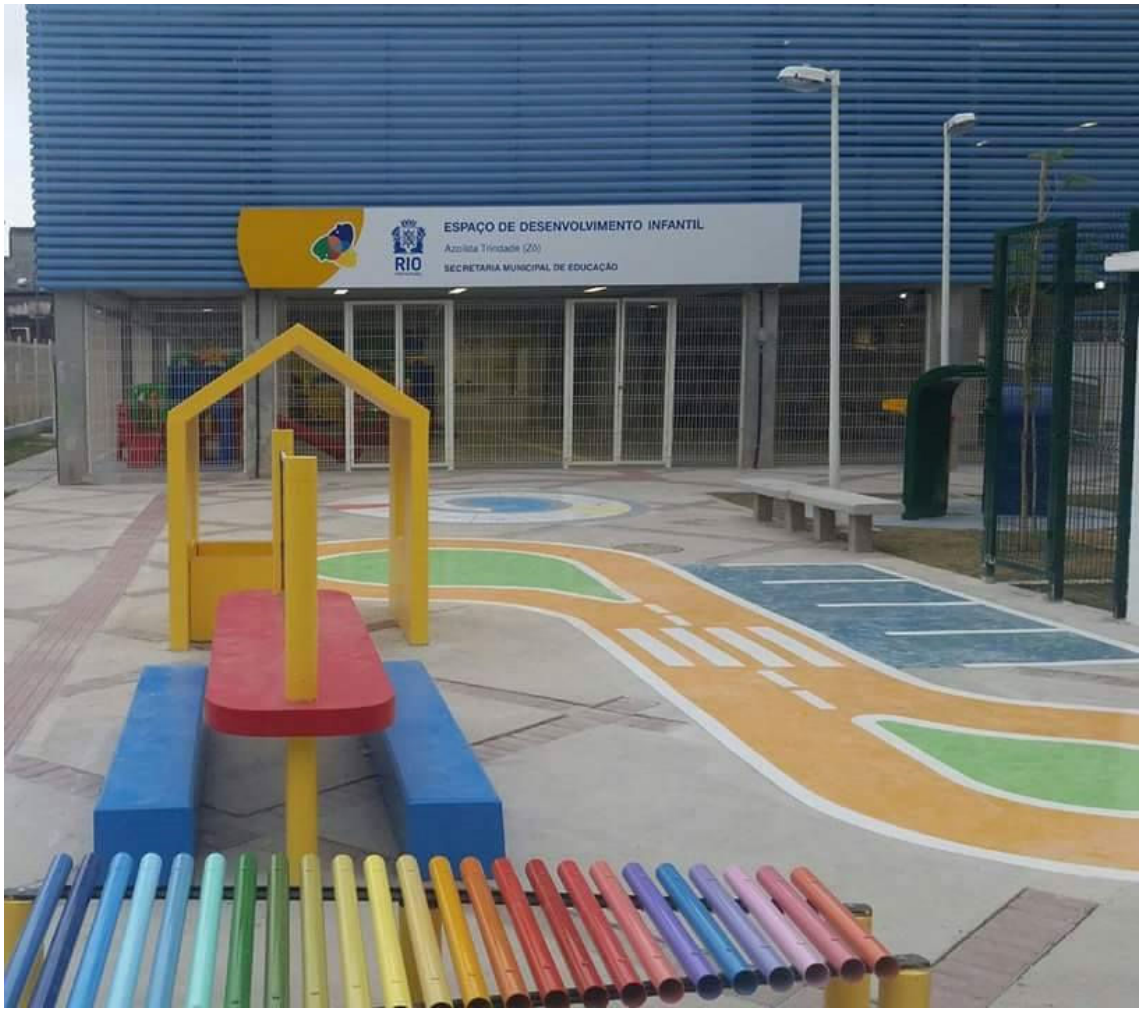
30 Disponível em:https://www.facebook.com/carurudagratidao/photos/a.301521457111893/302890523641653/?type=3&theater. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

ANEXO E - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DO CARURU DA GRATIDÃO[31]



[31]Disponível em:https://www.facebook.com/carurudagratidao/photos/a.301521457111893/3028905236416533/?type=3&theater. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

ANEXO F - ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL AZOILDA TRINDADE (ZÔ)[32]



[32] Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=183454692049329&set=pb.100011543971197.-2207520000..&type=3&theater>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ANEXO G - PÁGINA Nº 7 DO JORNAL FRENTE NEGRA DO RIO DE JANEIRO E NOTÍCIAS A RESPEITO DA REUNIÃO DE MULHERES NO IPCN E SOBRE 1º ENCONTRO DE MULHERES DE FAVELAS E PERIFERIA[33]



FRENTE NEGRA PAG. 7

Em debate a questão da mulher

No início da discussão do Jornal mais especificamente do espaço da mulher os homens da equipe tentaram dar sugestões e até falaram o que não poderia sair nesta página, as receitas de bolo, por exemplo, coisa muito comum em página que mulher escreve.

O tempo foi passando e as poucas mulheres da equipe foram se afastando, ficando apenas uma. Eu se encontrando só, pedi ajuda a outras mulheres de artigos para o jornal e as mesmas não vieram. Então os outros membros da equipe fizeram um artigo sobre a OMISSÃO DA MULHER NEGRA. Fiquei muito indignada e disse que não admitiria a publicação de tal artigo. Voltei à algumas mulheres para contribuir e novamente elas não apareceram.

Senti-me então na obrigação de escrever este artigo, pois também sou mulher e pertenço à equipe do Jornal.

Nós mulheres somos a maioria da população, e se negro é maioria consequentemente nós mulheres negras somos a maioria. Nosso espaço e nosso papel sempre foi limitado e quando temos um espaço num jornal para levantar a nossa questão nos omitimos. . .

Acredito eu que os homens estão vencendo, gostaria de ver nessa página até receita de bolo, mas não quero que os homens a ocupem, pois será um retrocesso para nós.

Abolição das siglas

Historicamente sabemos que o termo "Movimento Negro" hoje, sempre foi identificado como o conjunto de grupos e entidades negras que ao longo da década de 70, até os nossos tempos, vem surgindo e se desfazendo através dos anos. Estes grupos e entidades são identificados por siglas ISINBA-RJ, CEBA-RJ, SECAN-SP etc).Mesmo após ao desaparecimento dos grupos e entidades alguns remanescentes continuam no meio do movimento mantendo suas siglas que muitas vezes representam apenas duas ou três pessoas. Esta situação leva a uma distorção: o militante é a entidade a entidade é o militante.

A postura conservadora dos nossos militantes em manter as siglas que na realidade representam a si próprio (pois não verem outra maneira de participar no Movimento), mantém as divisões no meio do movimento com siglas que só existem no nome. Esta postura conservadora contribui para o envazimento do Movimento Negro e impede a reprodução de seus quadros (militantes), mantendo assim um Movimento todo retalhado e concretamente pouco expressivo.

A abolição das siglas não representativas e o engajamento dos militantes numa prática conjunta, são fatores fundamentais para a superação destes problemas que impedem o crescimento do Movimento Negro.

Opiniões e debates

Articulação da cultura

Um estrangeiro conhecedor das lutas dos povos, que chegando ao Brasil observe com atenção a quantidade enorme de Instituições como: Grêmios Culturais, Clubes Recreativos, Escolas de Samba, Blocos Carnavalescos e outras organizações fundadas ou mantidas por negros, na certa vai custar a entender porque a nossa luta contra o racismo é tão ineficiente.

Se a atenção do nosso amigo for mais além e se detiver nas Associações de Moradores das Favelas das grandes cidades, onde a maioria dos seus habitantes são negros, é bem provável que ele, caso não embarque rápido de regresso ao seu país, acabe "entrando em parafuso". É evidente que inúmeras razões podem ser apresentadas para justificar nossa incapacidade em não saber articular os diferentes setores negros ou de maioria negra. Mas há casos tão simples que a articulação só não é realizada pela nossa total falta de visão política.

Se o nosso amigo estrangeiro em visita a uma entidade negra do SEGMENTO AVANÇADO NA LUTA CONTRA O RACISMO, perguntasse aos presentes:

– Porque não se promove a articulação entre as diversas entidades negras, entre os clubes recreativos, por exemplo? e mais.

– Por que não se utiliza de maneira efetiva as estruturas dos clubes recreativos, entre outros, na luta contra o racismo?

A estas perguntas, simples a primeira vista, não cremos que os presentes possam dar, na hora, respostas convincentes. Na verdade nunca fomos capazes de discutir, entre nós, uma estratégia para a nossa luta. A grande maioria nem ao menos tem uma reflexão a este respeito.

Voltaremos ao assunto.

SOLIDARIEDADE...

Muitos brancos solidários a luta dos negros, ainda não conseguiram entender o papel que tem a desempenhar nesta batalha.

– Quais as razões disto em setores expressivos da sociedade?

Ora, o racismo – ideologia dominante – não é problema do negro e sim uma contradição na sociedade brasileira. Por isto, a luta contra o racismo é uma luta a ser travada por todos os setores sociais e não somente pelos Negros. Mas, só que, os negros tem fome própria para esta luta – O MOVIMENTO NEGRO – (negros ao tepondo a raça dominante os seus valores e a sua cultura).

– E os brancos anti-racistas? De que forma, a sua solidariedade deve ser dada e onde a sua luta deve ser travada?

Se é verdade que todas as contradições devem ser acirradas. – De que maneira os brancos anti-racistas devem acirrar esta contradição para que a luta seja ampliada? A todos os setores da sociedade?. . .

Mulher negra

Em um país mascarado de DEMOCRACIA RACIAL, falar de mulher negra é falar de discriminação. Isto porque a mulher negra sofre um massacre discriminatório violento, que vai desde as camadas mais baixas até as que conseguem atingir uma posição de destaque dentro da sociedade. Quando se fala em camadas mais baixas é porque é lá que se encontra a mulher negra. 80% das mulheres negras são desempregadas, morando em favelas, trabalhando em casas de famílias, sendo submetidas a constantes humilhações (vide "morada do sol") e muitas que por falta de opção e apoio são usadas pelos "Sargenteles" da vida, na prostituição, que as encaminham para os presídios e manicômios.

Poucas são as mulheres negras que conseguem atingir uma posição de destaque dentro da sociedade. Na maioria das vezes as poucas que conseguem, passam a funcionar como agente de discriminação, pois ignoram a sua condição de ser negra e passam a usar e serem usadas.

MARIA CRISTINA E MARIA ALICE da Vice Comunitária do IPCN

Os oito anos de luta do INPC

Dia 8 de julho, dia do aniversário de fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN.

São oito anos de luta contra o racismo e pela valorização da cultura negra. Em sua sede, neste dia, foi realizada uma comemoração pelo aniversário do Instituto, juntamente com um coquetel de lançamento do livro "Tornar-se Negro" de NEUZA SANTOS SOUZA, além da apresentação de filmes envolvendo temas sobre a questão racial.

LEIA nossas Publicações A venda no IPCN.

As mulheres negras...

Existe hoje um grupo de Mulheres Negras, que se reúne no IPCN todas as quartas-feiras, para discutir a questão da mulher. Dela participam cerca de trinta mulheres. O Grupo foi fundado em julho do ano passado com a preocupação de organizar as mulheres para participar da IIª Convenção Nacional do Movimento Negro. Anteriormente em março último organizou o Iº Encontro de Mulheres Negras do RJ.

xxx

Será realizado em Lima no Peru... o IIº ENCONTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO E DO CARIBE, de 19 a 22 de julho de 1983. Foram convidadas a participar do Encontro as companheiras Adélia Azevedo dos Santos, Abigail Paiches e Jurema da Silva, todas do Movimento Negro.

xxx

Iº ENCONTRO DE MULHERES DE FAVELAS E PERIFERIA

Pela primeira vez as mulheres das Favelas e Periferias, realizaram um Encontro. O mesmo aconteceu no dia 03/04/ no Clube Municipal.

No primeiro encontro discutiu-se questões como saúde, educação, trabalho, violência, etc. Apresentadas em Assembléias preparatórias em diversos bairros.

O resultado do encontro foi a apresentação de um conjunto de reivindicações, tirado pelas mulheres, que representam os fatores principais de sua discriminação na sociedade como também uma estratégia de como encaminhar a resolução de tais reivindicações.

[33] Disponível em: < http://culturadigital.br/mnupe/2017/05/12/jornal-frente-negra/frente-negra-ano-1-oco-n-%c2%a60-oco-julhoago-67/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ANEXO H - IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DA HOMENAGEM DA MARCHA DAS MULHERES NEGRAS



ANEXO I – LEI Nº 10.639 DE 2003

Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

Lei Nº. 10.639, de 09 de janeiro de 2003[34]

Mensagem de veto

Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1° A Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1° O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2° Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3° (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2° Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182° da Independência e 115° da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

---

[34] Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ANEXO J – MEDALHA DE RECONHCIMENTO CHIQUINHA GONZAGA



Câmara Municipal do Rio de Janeiro

O Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Vereador Jorge Felippe, por iniciativa do Exmo. Sr. **Vereador Leonel Brizola Neto**, tem a honra de convidar para entrega da Medalha de Reconhecimento Chiquinha Gonzaga "Post Mortem" à Doutora em Comunicação e Mestre em Educação, professora **Azoilda Loretto da Trindade**, em comemoração ao **Dia Internacional da Mulher**, a realizar-se no dia 08 de março de 2016, às 18h30.

Plenário Teotônio Villela
Palácio Pedro Ernesto

Praça Floriano, s/nº
Cinelândia - RJ

ANEXO K – MOÇÃO 1212/2013

MOÇÃO Nº 1212/2013[35]
EMENTA:

MOÇÃO DE CONGRATULAÇÃO E LOUVOR A AZOILDA LORETTO DA TRINDADE

Autor(es): VEREADOR RENATO CINCO

REQUEIRO À MESA DIRETORA, NA FORMA REGIMENTAL, QUE SEJA CONSIGNADA MOÇÃO DE CONGRATULAÇÃO E LOUVOR A AZOILDA LORETTO DA TRINDADE, POR SUA PARTICIPAÇÃO NA MOBILIZAÇÃO PARA A MARCHA CONTRA A FARSA DA ABOLIÇÃO EM 11 DE MAIO DE 1988, PRESTANDO GRANDE SERVIÇO À LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Em 11 de maio de 1988, enquanto oficialmente era comemorada a assinatura da Lei Áurea, o movimento Negro marchava pela Avenida Presidente Vargas em protesto. Cem anos depois de decretado o fim da escravidão a Marcha do Movimento Negro contra a Farsa da Abolição denunciava a situação da população negra brasileira. Transformando, assim, o que era imposto como festa em dia de luta.

Vinte mil manifestantes de todo o estado do Rio de Janeiro marcharam pela Avenida Presidente Vargas. E, escoltados pelo Exército e pela Polícia Militar, foram impedidos de chegar à Central do Brasil.

Cento e vinte e cinco anos depois de decretado o fim da escravidão ainda há muito que mudar. A população negra saiu da senzala, mas, na sua imensa maioria, não saiu da pobreza. A classe trabalhadora mais precarizada tem cor.

Hoje, vinte e cinco anos depois da Marcha contra a Farsa da Abolição, o mandato do vereador Renato Cinco homenageia os militantes do movimento negro que contribuíram para sua organização. Sua importância política contribui para a reafirmação de outra história. A história de nosso país não pode ser contada apenas pelos opressores. Nossa história também é a história das lutas por liberdade e igualdade. Nossa história também é negra.

Plenário Teotônio Vilela, 14 de maio de 2013.

Renato Cinco

PSOL

---

[35] Disponível em: https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1316.nsf/8e15f0a11cb584eb0325775900517b42/f59c701c05b1f5ee03257b6b006e9171?OpenDocument. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ANEXO L – LEI Nº 11.645

LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008[36]

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

[36] Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

ANEXO M – HISTÓRICO DE LEGISLAÇÕES

“Década de 1930: Frente Negra Brasileira, que tinha caráter de organização política nacional. Chegou a ter uma escola cujo lema era “Congregar, Educar e Orientar”.
Década de 1940 - Teatro Experimental do Negro: “Quando fundamos o Teatro Experimental do Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação, seria coisa secundária. O principal, para nós, era a educação, e o esclarecimento do povo. Pretendíamos dar ocasião aos negros de alfabetizar-se com conhecimentos gerais sobre a história, geografia, matemática, línguas, literatura, etc. por isso, enquanto a União Nacional dos Estudantes nos cedeu algumas de suas inúmeras salas, pudemos executar, em parte, esse programa ”
1978 - Criação do Movimento Negro Unificado.
1988 – Centenário da Abolição e marchas de denúncia.
1990 – Criação do Grupo de Trabalho Interministerial (tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares); pré-vestibulares voltados para negros e “carentes” - PVNC.
2001 – III Conferência Mundial contra o racismo. Discriminação Racial, Xenofobia e Formas correlatas de Intolerância. Enfim, um percurso de lutas que rendeu alguns marcos legais como: Meados dos anos 90 – Parâmetros Curriculares Nacionais.
2002 – Programa Diversidade na Universidade.
2003 – Lei nº 10.639, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.
2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
2009 - Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.
2010 - Lei 12.288 – Estatuto da Igualdade Racial.
2012 – Lei 12.711, que institui cotas sociais e raciais para ingresso nas universidades federais em todos os cursos e turnos e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.
2013 – Lei 12.796, que altera o artigo 3º da LDB, para inserir o inciso XII: consideração com a diversidade étnico-racial. ” (TRINDADE, 2013b, pág. 5 e 6)

ANEXO N - IMAGEM DO ACERVO PESSOAL DE JOSELINA DA SILVA



CONEXÃO DIÁRIO DA MANHÃ Quarta-feira, 26 de maio de 2010 5

PASSO FUNDO

Evento debate cidadania e cultura negra

Curso de extensão pretende capacitar educadores para atuar no combate ao racismo

A Associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN) e o IFIBE (Instituto Superior de Filosofia Berthier) promovem até hoje, 26, o primeiro curso de extensão Iniciativas Negras – trocando experiência regional. Todas as palestras possuem o objetivo de contribuir na qualificação de educadores envolvidos na implementação da lei 10639 que prevê a inclusão da história africana e da cultura afro-brasileira na educação básica.

A programação do evento engloba palestras das pesquisadores prof. Doutora Joselina da Silva da Universidade Federal do Ceará e a prof. Doutora Azoilda Loretto Trindade da Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro. Todas as atividades ocorrem no auditório do IFIBE e a entrada é gratuita.

Para a professora Joselina da Silva esta lei faz parte de uma estratégia para inserir a temática de combate a discriminação por meio da educação. "Essa lei continua sendo uma lei agregadora da questão negra, africana ou afro-brasileira. É interessante ela faz parte de um processo de uma estratégia", declarou.

A professora Azoilda Trindade fala da necessidade de construir uma escola que contemple a diversidade brasileira. "O enfrentamento do racismo é, historicamente, uma situação dramática neste país. Uma possibilidade de enfrentamento desta situação é trazer para o cotidiano escolar o repertório cultural africano na dimensão de suas riquezas, valores e potencialidades", sustentou Azoilda.

Conforme a coordenadora de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura Municipal, Maria de Lourdes Isaias, este debate busca contribuir com uma proposta pedagógica de desconstrução do preconceito e do racismo vigentes no Brasil. "Seu principal enfoque é trabalhar as competências e as habilidades técnico-teóricas de ativistas dos movimentos sociais que atuam pelo reconhecimento da etnia africana, combatendo o racismo contra os negros e negras", salientou.

Maria de Lourdes conta que a proposta do evento é trabalhar com políticas de afirmação da cultura afrodescendente. "Na prática este projeto é um instrumento político pedagógico para preparar mulheres e homens, como agentes sociais multiplicadores de intervenção social nas escolas e nas instituições afins", explicou.

Pesquisadoras da temática negra: Azoilda Loretto e Joselina da Silva

ado em audiência pública

ANEXO O - DIVULGAÇÃO DA 3ª EDIÇÃO DA MOSTRA INTERNACIONAL DE ARTE DA MULHER NEGRA.

Tema: Diva. Uma divindade feminina, uma deusa. No sentido figurado é uma mulher muito bonita. É um substantivo feminino derivado do latim *divus* (deusa).



ANEXO P - CAPA DO LIVRO MULTICULTURALISMO MIL E UMA FACES DA ESCOLA



ANEXO Q - ACERVO IPEAFRO SALA DE AULA[37]



[37] Disponível em: < http://ipeafro.org.br/acoes/sala-de-aula/>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

ANEXO R - BLACK BRASIL PAINEL HERANÇAS[38]



Imperator 22 de novembro de 2013.

Na foto Babalaô Ivanir dos Santos, Azoilda Loretto da Trindade, Ele Semog e Monica Lima.

[38] Disponível em: https://www.facebook.com/BRASILBLACKOFICIAL/photos/a.397636907033796/397638457033641/. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

ANEXO S - HOMENAGEM DO PROJETO AFROENCANTAMENTO[39]



[39] Disponível: < https://www.facebook.com/photo?fbid=889386091116702&set=a.160710257317626>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

ANEXO T - HOMENAGEM AO DIA DA PROFESSORA: 15 DE OUTUBRO DE 2017[40]



[40] Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1682442358487932&set=a.389527157779465. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

ANEXO U - ACERVO CANAL FUTURA



Na foto Makota Valdina e Azoilda Loretto.

ANEXO V – 21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO[41]



Cultne participa desde do início da Campanha 21 Dias de Ativismo Contra o Racismo, iniciativa que nasceu em 2017 no âmbito do Estado do Rio de Janeiro e que em 2018 ganhou dimensão interestadual. Para 2019, Cultne apresenta dois lançamentos em vídeo no seu site www.cultne.com.br

[41] Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=10219556218043225&set=a.2150448567939. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

ANEXO W - Imagem do acervo pessoal de Janete Santos Ribeiro

